UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Dissertação

Memória e Identidade através dos Objetos: o Caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

Marina Duarte Gutierre

Pelotas, 2016

Marina Duarte Gutierre

Memória e Identidade através dos Objetos: o Caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof.ª Dra. Juliane Conceição Primon Serres
Coorientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2016

Dados de catalogação na fonte:

Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

G984m Gutierre, Marina Duarte

Memória e identidade através dos objetos: o caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas / Marina Duarte Gutierre. – 113 f.: il. – Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas, 2016. – Orientadora Juliane Conceição Primo Serres; coorientador Diego Lemos Ribeiro.

MARINA DUARTE GUTIERRE

Memória e Identidade através dos Objetos: o Caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Data da defesa: 13 de setembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Juliane Conceição Primon Serres (Orientadora)

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro (Coorientador)

Prof.ª Dr.ª Francisca Ferreira Michelon

Prof. Dr. Éverton Reis Quevedo

.

Dedico este trabalho à memória da minha avó, Geny da Cunha Duarte, que me ensinou a força das palavras e que não há obstáculo grande o bastante que não possam ser transpostos.

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço a CAPES pelo investimento na formação acadêmica de qualidade, não somente através do financiamento desta pesquisa, mas de tantas outras, sem o qual não seriam viáveis.

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, escola pública onde escolhi iniciar minha formação acadêmica, e onde se oportunizou continuá-la. Ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela acolhida e pelo imensurável conhecimento adquirido.

À Faculdade de Enfermagem da UFPel pelo acesso, e em especial às professoras Luciane, Hildete e Valquíria que me receberam e ajudaram a construir essa pesquisa através da Faculdade e por acreditarem no potencial de sua história.

Agradeço aos meus queridos orientadores Juliane Serres e Diego Ribeiro por todo o ensinamento, pelos puxões de orelha e pelas palavras de incentivo e de apoios nos momentos mais difíceis. Aproveito para estender o agradecimento a todos os professores que contribuíram para a construção desse trabalho

Lembro ainda dos meus estimados colegas. Caminhamos juntos por essa jornada e certamente sua companhia a tornou mais leve.

Agradeço a toda dedicação da Secretária do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e colega de programa Gisele, por toda a atenção e simpatia.

Lembro ainda do Museu Municipal Carlos Nobre de Guaíba, onde inicio minha vida profissional, minhas colegas e minha chefe, por compreenderem a importância do desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a minha família, meus tios, primos, meu avô por toda a compreensão e torcida. E ao meu companheiro Bruno pelo carinho e incentivo.

À minha mãe, minha maior incentivadora, minha maior inspiração, meu maior orgulho.

Resumo

O objetivo da pesquisa desenvolvida foi compreender a forma como a cultura material pode contribuir para a construção da memória e da identidade de determinado grupo. Dessa maneira, o grupo estudado foi a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. A escolha por pesquisar esse grupo se deu justamente pela vontade de memória que apresenta, seja através da preservação de seus documentos, fotografias e objetos, seja através das comemorações em datas festivas, quando expõem os objetos representativos de sua história e memória. Sendo assim, através de discussões embasadas nos autores que discorrem acerca dos temas da memória, da identidade e da cultura material, foi possível traçar suas relações. Além disso, buscando estudar esses objetos através das perspectivas da Museologia, propor modelos para sua extroversão, pensado através do conceito de musealização, de modo que seja possível aplicá-lo a outras unidades universitárias que demonstrem a mesma vontade de memória.

Palavras-chave: Memória Social. Identidade. Cultura Material. Faculdade de Enfermagem UFPel.

Abstract

The aim of the developed research was to understand the way in which material culture can contribute for the construction of memory and identity of a particular group. Thus, the group studied was the School of Nursing from the Federal University of Pelotas. The choice of researching this group was given by the willingness of memory that it presents, be it through preserving their documents, photos and objects or through celebrations of festive dates, when they expose the representative objects of their history and memory. Therefore, through discussions based on authors who talk about memory, identity and material culture themes, it was possible to trace their relations. Furthermore, seeking to study these objects through the perspectives of museology, to propose models for their extroversion, thought through the concept of Musealization, so that it can be applied to other university units that demonstrate the same willingness of memory.

Keywords: Social memory. Identity. Material Culture. School of Nursing and UFPel.

Lista de figuras:

Figura 1: Ficha funcional Prof. Hildete Bahia da Luz 36
Figura 2: Imagem da primeira sede do Curso de Enfermagem, na esquina entre as ruas General Osório e General Neto. 37
Figura 3: Ficha Funcional Prof. Valquía Machado Bielmann 38
Figura 4: Imagem exposição 30 ano FEO 41
Figura 5: Imagem exposição 30 ano FEO 42
Figura 6: Folder com a programação de Comemoração dos 30 Anos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia 42
Figura 7: Folder com a programação de Comemoração dos 30 Anos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia.....43
Figura 8: Livro de Presença Aniversário 30 anos FEn 44
Figura 9: Livro de Presença Aniversário 30 anos FEn 45
Figura 10: Programação 35 anos FEn 46
Figura 11: Programação 35 anos FEn 46
Figura 12: Documento de Ritual de Passagem da Lâmpada 49
Figura 13: Símbolo da FEn.....49
Figura 14: Armário objetos nível 1.....75
Figura 15: Armário contendo documentos – nível 2. 76
Figura 16: Material produzido para os 30 ano da FEn. 77
Figura 17: Material produzido para os 30 ano da FEn. 77
Figura 18: Objetos FEn nível 3. 78
Figura 19: Objetos FEn nível 3. 79
Figura 20: Objetos FEn nível 3. 85
Figura 21: Objetos FEn nível 3. 86
Figura 22: 1º Modelo de procedimentos Conhecida como Frida. 86

Lista de abreviaturas e siglas:

Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia.....FEn

International Council of Museums……. .....ICOM

Rede de Museus e Acervos da UFRGS.....REMAM

Rede de Museus e Espaço de Ciência e Cultura.....RMECC

Sistema Brasileiro de Museus.....SBM

Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura...UNESCO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....UFRGS

Universidade Federal de Pelotas.....UFPel

Sumário

1 – Introdução 12

2 – Da profissionalização à Faculdade de Enfermagem da UFPel 19

2.1. Florence Nigtingale e sua contribuição para o desenvolvimento da enfermagem 21

2.2. Enfermagem no Brasil 24

2.3. Faculdade de Enfermagem e sua vontade de memória 29

3 – Desejo de Comemoração: Exposição 30 Anos Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia 40

3.1. A Lamparina Turca e a Simbologia da Enfermagem 47

3.2. Patrimônio e Patrimonialização 50

3.2.1. Patrimônio e Museus 53

4 – Os objetos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia e possibilidades para sua extroversão 58

4.1. Coleção e Cultura Material 58

4.2. Propondo a extroversão 64

4.2.1. 1ª etapa – Ação Consciente de Preservação 67

4.2.2. 2ª Etapa: Musealização em processo: aquisição e comunicação 74

4.2.3. 3ª e 4ª etapas Forma e Conceito através dos Objetos e Processo de Comunicação Museal 87

Considerações Finais 93

Referências Bibliográficas: 96

Apêndice 1: 106

Apêndice 2: 112

Anexo 1: 113

Anexo 2: 114

1 – Introdução

As relações entre o homem e seus objetos e a forma como os elege para a construção de sua memória e identidade são o fio condutor do trabalho de pesquisa dessa dissertação. Para tanto, o grupo escolhido para compreender essas relações foi a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Inicialmente, se fez necessário traçar o caminho metodológico que apontou para a definição do objeto a ser pesquisado. Sendo assim, cabe relatar que o primeiro contato da autora com essa temática, ainda que indiretamente, se deu no período de conclusão da graduação em Museologia pela UFPel. O tema para o desenvolvimento do trabalho de conclusão do curso foi a interatividade em museus de ciências e sua capacidade para facilitar a divulgação de conceitos científicos para um público leigo, ou não especialista. Naquela ocasião, concluiu-se que a interatividade pode tornar-se uma importante ferramenta para o aprendizado da ciência, no entanto, sozinha, não é capaz de traduzir determinados conceitos, de modo que pressupõe conhecimento prévio e uma boa mediação entre a exposição e o público com quem busca dialogar. A partir disso, houve a necessidade de alargar os conhecimentos, e refletir sobre a ciência a partir do ponto de vista da construção de sua memória e de sua identidade, pensadas através da cultura material.

Dessa forma, ao referir questões relacionadas à memória e aos objetos oriundos das ciências, há que se relacionar o trabalho desenvolvido por Marcos Granato e Marta Lourenço. Os autores realizaram inventário de objetos de uso científico e concluíram que é no seio das universidades que se encontram grande parte dos museus de ciência e técnica (GRANATO e LOURENÇO, 2010), bem como os objetos das ciências. Entretanto, seu estudo não contemplou a área da saúde.

De posse dessas informações, portanto, foi possível delimitar o objeto de estudo à área da saúde, já que as ciências que a compõem não foram levantadas. Optou-se, todavia, por contemplar os objetos oriundos de Universidades, partindo da conclusão dos autores de que a maioria dos museus de ciência e técnica, bem como seus objetos, encontram-se nessas instituições.

Selecionou-se, então, a Universidade Federal de Pelotas. A UFPel apresenta em seu currículo oito unidades (entre escolas, faculdades e cursos de

graduação) relacionadas à área da saúde[1], que são: Escola Superior de Educação Física, formada pelo Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, além do Programa de Pós-Graduação em nível de Especialização e Mestrado; Faculdade de Enfermagem composta pela Graduação e Pós-Graduação em nível de Especialização, Mestrado e Doutorado; Faculdade de Medicina formada pela Graduação, Pós-Graduação (através do programa de Residência Médica nas especialidades em Anestesiologia, Cancerologia Cirúrgica, Cirurgia Geral, Clínica Médica, Endocrinologia e Metabologia, Gastroenterologia, Medicina Preventiva e Social, Obstetrícia e Ginecologia, Pediatria e Psiquiatria), além do Curso de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado em Epidemiologia; Faculdade de Nutrição formada pelos cursos de Graduação em Nutrição e Tecnologia em Gastronomia além do Curso de Pós-Graduação em Nível de Mestrado em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Odontologia através dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado; e o Curso de Graduação em Terapia Ocupacional.

Entretanto, se fez necessário, inicialmente, selecionar três dessas unidades, que foram a Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Enfermagem. Assim, foram realizadas visitas técnicas às unidades elegidas buscando conhecer objetos selecionados que apontassem a construção de sua memória e identidade.

Das três faculdades pesquisadas, a FEn é a única que apresenta seus objetos expostos ao público e foi a que apresentou acesso mais facilitado, além de manifestar desejo de memória, através da preservação de seus objetos selecionados na ocasião do aniversário de 30 anos de fundação da unidade em 2006. Além disso, demonstrou o mesmo desejo de comemoração aos 35. Sendo assim, foi possível, mais uma vez, definir um recorte mais fechado, determinando o estudo de caso à FEn e seus objetos, o que possibilitará pesquisar a unidade de forma mais qualificada.

---

[1] De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) considera que compreende os cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Nutrição, Saúde Coletiva, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Educação Física. Disponível em <http://fisio.icb.usp.br:4882/posgraduacao/bolsas/capesproex_bolsas/tabela_areas.html#grupo4> Acesso em 16 de dezembro de 2014, às 14h49min.

Ao referir o desejo de memória, é necessário recorrer ao conceito de Pierre Nora, que entende:

> [...] a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo... todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens (NORA, 1992, p. 17).

Dessa forma, através do entendimento do autor, é possível compreender o desejo de memória de grupos – como o formado pelos professores, alunos e funcionários da FEn – como a forma de reivindicar seu lugar no mundo, através da preservação de seus objetos e sua exposição aos membros que se juntam periodicamente a esse grupo, sua maneira de perpetuar a construção da identidade, representada justamente pelo ato da preservação dos objetos e pelas comemorações.

Um dos objetivos dessa pesquisa, portanto, é compreender a maneira como a cultura material pode contribuir para a construção da memória e da identidade do grupo pesquisado, buscando perceber se é possível identificar esse desejo de memória através da preservação dos objetos e a manifestação de suas comemorações.

Para estudar a maneira como ocorre a construção da memória e da identidade, será necessário aprofundar o conceito relativo à metamemória, proposto por Joel Candau, segundo o qual, se trata de uma memória reivindicada, ou seja, se caracteriza como “essencial para a construção da memória e da identidade individual ou coletiva” (CANDAU, 2010, p. 51).

Cabe salientar, também, que a escolha por estudar o desenvolvimento da memória e da identidade da Faculdade de Enfermagem pelo viés da cultura material deve-se ao fato de que os objetos são capazes de evocar respostas emotivas, de modo que podem ser evidências históricas, mostrando a tecnologia e a qualidade do trabalho da sociedade que os produziu; podem ser evidências de princípios e teorias, demonstrando o funcionamento de uma máquina; ou podem ser fragmentos da memória, possibilitando a compreensão de um período que passou, podendo ser, inclusive, tudo isso ao mesmo tempo (WILL, 1994, p.32).

Além disso, a opção por estudar os objetos oriundos de uma unidade de ensino, em detrimento de outra instituição (como hospitais ou clínicas, por exemplo)

deve-se ao fato de que os profissionais são formados e têm seu primeiro contato nesses locais. Através das aulas práticas de ensino, sua memória profissional é forjada, pela primeira vez, e os objetos utilizados para o aprendizado dessas práticas, de caráter didático, podem se constituir como vetores para a construção da memória de suas respectivas áreas.

Partindo dessa premissa, portanto, é possível relacionar o conceito de coleção proposto por Pomian, segundo o qual se caracteriza como o “conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial em local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público” (1984, p. 52). Há que se destacar ainda, que, ao serem selecionados os objetos, que comporão determinada coleção passam a adquirir valor simbólico.

Compreender, então, de que maneira se deu a seleção dos objetos existentes na FEn, buscando entender se adquiriram status, não mais de utilitários, mas de simbólicos, caracterizados enquanto testemunhos materiais do desenvolvimento do curso, significa compreender de que forma se forjou a identidade e a memória social e institucional desses grupos.

Será possível, ainda, compreender, no caso FEn, sua relação com a memória institucional. Já que, como em outras instituições, documentos são produzidos diariamente e podem tornar-se importantes fontes para a construção de sua memória, bem como o próprio conhecimento gera um acervo relevante, formado por artigos, teses etc. Ainda há que se referenciar, no caso de instituições de ensino, a importância dos objetos e coleções formados a partir de objetos de caráter didático, em alguns casos não mais utilizados para a prática de ensino, mas representativos para o desenvolvimento da instituição. Percebe-se, então, a complexidade formada por uma série de coleções ou arquivos produzidos pelas instituições, seja ela caracterizada por documentos burocráticos, tais como atas, memorandos, históricos escolares etc., e coleções formadas a partir de objetos representativos da memória dessa instituição, sejam eles objetos tridimensionais, que sobreviveram a passagem do tempo pela identificação com a instituição, sejam objetos de uso pessoal, sejam objetos aparentemente banais, sejam fotografias etc.

Buscar-se-á, entretanto, compreender se a FEn apresenta objetos com potencial para tornarem-se coleções, e estes apontam a uma construção da memória institucional. Para tanto, entender com que intenção e por quem foram

selecionados os objetos se torna essencial para perceber sua relação com a construção da identidade e da memória, sejam elas institucionais ou individuais. Além disso, será necessário, também, entender o grupo com o qual esses objetos se identificam, sejam eles os alunos, os professores ou os funcionários.

Ao conhecer os objetos da FEn, bem como a forma como foram selecionados e por quem, será possível propor um modelo de gestão e extroversão de seu acervo. Dessa forma, será necessário discorrer acerca dos conceitos centrais para a museologia, uma vez que

> [...] a museologia enquanto disciplina aplicada, pode colaborar com a sociedade contemporânea na identificação de suas referências culturais, na visualização de procedimentos preservacionistas que as transformem em herança patrimonial e na implementação de processos comunicacionais que contribuam com a educação formal (BRUNO, 2006, p. 7).

A partir dessas questões, essa pesquisa busca contribuir não só com a compreensão das relações entre o homem e seus objetos, mas buscará contribuir para a gestão de objetos e/ou coleções de instituições que, como a FEn, apresentem manifestado desejo de memória, mas, por não possuírem o conhecimento devido, seus objetos ou coleções não atingem seu verdadeiro potencial enquanto elementos para a construção da memória e da identidade.

Para analisar os conceitos acima mencionados, a pesquisa será de cunho qualitativo visto que:

> [...] a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO e SANCHES, 1993, p. 244).

Nesse sentido, Bardin (2009) afirma que a análise qualitativa é válida na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento, ou variável de inferências precisas e não gerais, de modo que se identifica a *corpus* reduzidos, possibilitando estabelecer categorias descriminantes.

A partir disso, há que se considerar ainda que o estudo de caso foi o caminho mais adequado, uma vez que, de acordo com Gil (2002), não aceita um caminho rígido para sua delimitação, embora preveja quatro etapas de trabalho, as quais: delimitação da unidade caso, coleta de dados, seleção, análise e interpretação dos dados e elaboração do relatório.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso se caracteriza como investigação empírica, que pesquisa fenômenos contemporâneos, utilizado para condições contextuais pertinentes ao fenômeno estudado. Sendo assim, uma vez que a vontade de memória apresentada pela FEn pode ser encontrada em outras unidades de ensino, e que um dos objetivos desta pesquisa é propor um modelo de gestão e extroversão para os objetos e/ou coleções – a partir da experiência da Faculdade de Enfermagem – que possa ser aplicado em outras unidades, o estudo de caso se mostrou o caminho metodológico mais adequado.

Para tanto, se realizou o recorte mencionado anteriormente. A partir dessa delimitação, através de visitas técnicas foi possível conhecer os objetos preservados pela unidade, de modo que se compreendesse o processo percorrido até essa seleção. Foi necessário, ainda, conhecer a relação dos professores e dos alunos com os objetos. Foram, então, realizados questionários com respostas objetivas para os discentes, e perguntas abertas aos professores.

Além disso, se percebeu a necessidade de trabalhar de forma mais qualitativa com as primeiras professoras da Faculdade de Enfermagem. Dessa maneira, buscou-se nos relatos orais os caminhos para compreender mais amplamente a história da FEn e a forma como foram selecionados seus objetos, e se esses apresentam as características necessárias para a construção da memória e da identidade dessa unidade. Entrevistamos as ex-professoras Hildete Bahia da Luz e Valquíria Machado Bielmann da Faculdade de Enfermagem, convidadas porque fazem partes dos dois primeiros grupos que vieram de fora do estado para organizar o desenvolvimento da FEn, e a professora Hildete Bahia da Luz foi uma de suas fundadoras. As entrevistas foram realizadas através de dois momentos: em um primeiro elaboramos algumas questões que possibilitassem às professoras discorrer acerca de sua história na unidade, em seguida mostramos as fotos dos objetos e as convidamos a contar a história e a maneira com que se identificam com eles.

Para apresentar a pesquisa e os conceitos citados, essa dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro apresentamos o desenvolvimento da enfermagem moderna, bem como sua profissionalização no Ocidente, além de compreender como ocorreu o surgimento da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

No segundo capítulo, foram desenvolvidas questões relativas à vontade de memória apresentada pela FEn, através da realização da exposição para a comemoração aos 30 anos de fundação da unidade. Além disso, apresentamos os

desdobramentos dessas comemorações e a preservação dos objetos da unidade. Já no terceiro capítulo, discorremos acerca dos conceitos da Museologia, com o intuito de propor um modelo de gestão e extroversão dos objetos encontrados na FEn, de modo que possa inclusive ser adotado por outras unidades com características semelhantes. Por fim, faremos uma breve reflexão acerca de como, através das Redes de Museus Universitários esses objetos poderiam atingir mais facilmente seu objetivo.

2 – Da profissionalização à Faculdade de Enfermagem da UFPel

Para compreender o contexto em que surgiu a Faculdade de Enfermagem na UFPel, se faz necessário apresentar uma breve discussão acerca do desenvolvimento da enfermagem e o processo que esta percorreu até sua profissionalização. Antes de abordar essas questões, porém, cabe refletir sobre a conjuntura em que a própria enfermagem se desenvolveu no período conhecido como modernidade.

Assim, Anthony Giddens destaca que a "modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência" (GIDDENS, 1991, p. 8). De acordo com o autor, os padrões sociais foram transformados drasticamente pela modernidade, os modelos de vida existentes até então se desvencilharam das ordens sociais tradicionais. As mudanças ocorridas a partir desse período estabeleceram formas de conexão ao redor do mundo, além de alterar características "da nossa existência cotidiana" (GIDDENS, 1991, p. 10 - 11).

Giddens (1991) salienta, também, que as condições de mudança na modernidade são extraordinárias. O autor relata que algumas instituições modernas não existiam em períodos anteriores, como o "sistema político do estado-nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimada, ou a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado" (GIDDENS, 1991, p. 12).

Foi a partir desse cenário, que de acordo com Japiassu (1997), se deu o nascimento da ciência moderna. O autor destaca condições históricas, tais quais:

> [...] surgimento do primeiro capitalismo, progresso do sistema bancário, aceleração rápida da técnica (da navegação, das minas, da artilharia, da imprensa), a promoção social dos 'engenheiros' e dos artistas, as grandes expedições marítimas, a Reforma e a Contra-Reforma, etc. (JAPIASSU, p. 94)

Nesse sentido, Balandier (1997) destaca que a modernidade compreende a abertura dos espaços individuais e sociais ao novo, a tudo que se transforma em

decorrência da progressão acelerada das ciências e das técnicas, de modo que os mais recentes saberes e fazeres se alimentam de imagens até então desconhecidas.

Cabe destacar, no entanto, que já durante a Idade Média, conforme afirma Henning (2007), importantes acontecimentos que se deram nesse período como o "desenvolvimento da alquimia, de métodos agrícolas, de fontes de energia (moinhos de água, moinhos de vento) e fundamentalmente o surgimento da universidade" (HENNING, 2007, p. 165), proporcionaram importantes momentos de transformações que continuariam e se intensificariam a partir da modernidade.

Esse período, que se deu na Modernidade, ficou conhecido como "Revolução Científica", a qual, de acordo com Henry, refere-se ao "período da história europeia em que, de maneira inquestionável os fundamentos conceituais, metodológicos e institucionais da ciência foram assentados pela primeira vez" (HENRY,1997, p. 13). Ainda de acordo com o autor, cabe destacar que o fato exato que determinaria o início da Revolução Científica não é consenso entre os historiadores, mas de modo geral compreendem que se deu, de maneira mais concreta a partir do século XVII, tendo sido iniciado no século XVI, e se consolidado somente no século XVIII (HENRY, 1997, p. 13).

Assim, de acordo com Michel Foucault (1979), foi nesse período que o hospital passa a funcionar enquanto instrumento terapêutico, a partir de uma nova prática, a visita e a observação sistemática e comparada dos hospitais. Até então o cuidado aos enfermos se dava de forma empírica. A partir desse cenário, o trabalho de cuidado com os doentes ocorria, principalmente, através das ordens religiosas. Destaca-se assim, a Companhia das Irmãs de Caridade, fundada no ano de 1633, na França, pelo Padre Vicente de Paulo e por Luisa de Marillac, com a intenção de "suprir as necessidades de mulheres que apenas servissem aos pobres e doentes da cidade, sem compromisso com casamento, família, dentre outros" (PADILHA E MANCIA, 2005, p. 724). De acordo com os autores, seu trabalho consistia em alimentar os pobres, cuidar dos doentes nos hospitais, ir aos domicílios dos que necessitassem de atendimentos paroquiais.

Nesses primeiros hospitais já é possível identificar a distinção de classes. O trabalho de supervisão e do salvamento das almas, considerado mais nobre, era executado pelas senhoras da alta sociedade, enquanto o trabalho do cuidado com o doente era realizado pelas "donzelas sem inclinação para o casamento nem

recursos para abraçar a vida religiosa, mas dispostas a se dedicarem às obras de caridade" (PADILHA E MANCIA, 2005, p. 724). A vida das irmãs de caridade era caracterizada por uma rotina rígida, marcada pelo trabalho e as obrigações religiosas.

Corroborando com isso, Foucault (1979, p. 59) lembra que

> Antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê−lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. E alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital. Dizia−se correntemente, nesta época, que o hospital era um morredouro, um lugar onde morrer. E o pessoal hospitalar não era fundamentalmente destinado a realizar a cura do doente, mas a conseguir sua própria salvação. Era um pessoal caritativo − religioso ou leigo − que estava no hospital para fazer uma obra de caridade que lhe assegurasse a salvação eterna. Assegurava−se, portanto, a salvação da alma do pobre no momento da morte e a salvação do pessoal hospitalar que cuidava dos pobres. Função de transição entre a vida e a morte, de salvação espiritual mais do que material, aliada à função de separação dos indivíduos perigosos para a saúde geral da população.

Dessa forma, Padilha e Mancia (2005) destacam o trabalho desenvolvido por Luiza de Marillac e do Padre Vicente, que reorganizaram os hospitais parisienses, implantando higiene nos ambientes e individualizando os leitos dos enfermos, características inexistentes até então. Apesar disso, é somente no século XIX que as bases científicas que forjaram a profissão da enfermagem começam a ser construídas. Para tanto, o trabalho desenvolvido por Florence Nightingale é considerado precursor e determinante.

2.1. Florence Nightingale e sua contribuição para o desenvolvimento da enfermagem

Nascida na Europa em 1820, Florence Nightingale pertenceu a uma família rica da alta sociedade londrina, marcada pelas ideias liberais e reformistas de seu pai. Em função de sua origem, recebeu educação diferenciada da destinada às mulheres de sua geração, incluindo latim, grego, história, filosofia, matemática, línguas modernas e música, o que lhe proporcionou bagagem intelectual para o desenvolvimento de sua obra (LOPES e SANTOS, 2010).

Em 1849, Nightingale realiza viagem cultural por alguns países da Europa, destacando-se sua passagem por Kaiserswerth, na Alemanha, onde conheceu o pastor Theodor Fieldner, da Igreja Reformada Luterana, e o trabalho desenvolvido por ele desde 1836, juntamente com sua esposa Frederika, quando fundou a ordem das Diaconistas para cuidar dos doentes (LOPES e SANTOS, 2010).

A partir dessa experiência, Florence decide-se por dedicar sua vida à enfermagem, e inicia estágio de três meses na instituição, apesar de forte oposição de sua família. Foi nessa ocasião que, de acordo com Padilha e Mancia (2005), aprendeu os primeiros passos das disciplinas da enfermagem, incluindo regras e horários rígidos, religiosidade, e a divisão de ensino por classes sociais, o que possibilitou que publicasse um relatório sobre a vida nesse local, mas destinado a leitores ingleses, completando-o mais tarde a partir de dados coletados através de visitas a hospitais do Reino Unido e da Europa (LOPES e SANTOS, 2010). Além dessa passagem, Padilha e Mancia (2005) destacam o período em que Florence passou pela França, em 1858, quando conheceu o trabalho que fora desenvolvido por Luisa de Madrilac.

Todo o conhecimento que adquiriu através de suas viagens, bem como as publicações ressaltando a importância do cuidado ao doente, além da sistematização dos dados coletados, contribuíram para que Florence fosse formalmente reconhecida, através da nomeação como *Lady Superintendent* do Instituto em Londres (LOPES e SANTOS, 2010), quando, de acordo com os autores, demonstrou suas habilidades enquanto gestora da unidade e das demais enfermeiras com quem trabalhava.

O trabalho desenvolvido no instituto a credenciou para, em 1854, liderar um grupo de enfermeiras com o objetivo de prestar cuidados aos feridos na Guerra da Criméia[2]. De acordo com Lopes e Santos (2010), a população inglesa demonstrava-se insatisfeita com desenvolvimento dessa guerra, já que cerca de 250 mil pessoas, de ambos os lados do conflito morreram. A maioria das mortes foi em decorrência de doenças infectocontagiosas, da desorganização dos hospitais de campanha e das condições sanitárias inadequadas ao cuidado de doentes. Os primeiros atos de Nightingale foram submeter as enfermeiras às ordens dos médicos e criar uma

[2] A Guerra da Criméia foi um conflito que envolveu França, Reino Unido, Império Otomano e Reino da Sardenha contra o Império Russo pela disputa do território que, atualmente, corresponde à fronteira entre Rússia e Ucrânia, o conflito durou entre 1853 e 1856.

lavanderia no hospital. Além disso, escrevia cartas para as famílias dos soldados, além de instituir pequenos locais de lazer para os convalescentes, como espaços para leitura. Com esses cuidados, a mortalidade entre os feridos da guerra caiu de 40% para 2% (SANTOS *et al*., 2014, p. 313). À noite, Florence percorria os corredores do hospital portando uma lamparina turca, vigiando e cuidando os soldados doentes. Em função disso, passou a ser conhecida como “The lady with the lamp”. Mais tarde, a lâmpada tornar-se-ia o símbolo da Enfermagem. Esses fatos fizeram com que o trabalho de Florence Nightingale se notabilizasse, referendando a importância do trabalho realizado pelos enfermeiros. (LOPES e SANTOS, 2010)

Em função do prestígio adquirido após a Guerra, Florence Nightingale foi convidada, pelo governo inglês, para implementar uma escola de enfermagem. Assim, em 1860, é fundada a *Nightingale School for Nurses* anexa ao Hospital Saint Thomas, em Londres, sendo considerada a primeira escola de enfermagem no mundo. (SANTOS *et al*., 2014, p. 313)

Até esse momento, existiam dois estereótipos ligados às enfermeiras: o de submissão, resignação e da dedicação aos doentes, herdado das ordens religiosas; e o de profissão exercida por mulheres de caráter duvidoso, sem qualificação para desempenhar tarefas de maior complexidade, herdado do recrutamento de mulheres para o desenvolvimento da prática da enfermagem.

Florence Nightingale foi uma figura controversa uma vez que, de acordo com alguns autores, sua metodologia de trabalho rígida potencializou a divisão de classes nos hospitais e condicionou o trabalho dos enfermeiros aos médicos. Apesar disso, é considerada a precursora da enfermagem moderna, bem como a responsável por sua profissionalização, sua importância é tanta que o símbolo da enfermagem é a lamparina notabilizada através do trabalho que desenvolveu na Guerra Criméia.

Além disso, há que se destacar que foi a partir do trabalho de Nightingale que a enfermagem ganha paradigma científico, através da sistematização da profissão, de modo que seu trabalho definiu as bases do ensino e do cuidado até a década de 1950 (ESPÍRITO SANTO e PORTO, 2006). Ainda no que se refere à profissionalização da enfermagem, de acordo com Lopes (1987), surge ligada a algumas mulheres de alta classe, pouco interessadas nas condições de trabalho de outras mulheres, mas sim em realizar melhorias na realidade encontrada, até então, nos hospitais.

Apesar dessa pesquisa não abordar, de forma incisiva, as questões de gênero[3] que perpassam a construção da enfermagem, há que se referir que as práticas do cuidado, inerente à profissão foi tida como uma qualidade natural das mulheres, de tal forma que "[...] revisitando a história, constatamos no que se refere ao lugar social das mulheres, há um mito definido por concepções que remetem as mulheres a uma condição inata de inferioridade atribuída à sua aproximação com a natureza" (COELHO, 2005, p. 346). Dessa forma, a autora entende a importância de se estudar a história da enfermagem, já que apresenta contorno ímpar, uma vez que "nos dá explicações sobre os conflitos trazidos para o campo profissional entre atividades de enfermagem e atividades médicas, estas últimas construídas num campo de domínio masculino" (COELHO. p. 346).

Ao estudar um pouco sobre a história da enfermagem, percebeu-se que ela está muito ligada a figuras que contribuíram para o seu desenvolvimento, nessa visão da história que não aborda de maneira incisiva seu contexto de desenvolvimento. Entretanto, optou-se, aqui, por manter o padrão dos textos estudados, centrados, via de regra, na importância de Florence Nightingale para a construção da enfermagem científica. E essa escolha se deu justamente pelo fato de entender que existe uma apropriação determinante acerca dessa figura para a compreensão do desenvolvimento da enfermagem enquanto ciência autônoma.

2.2. Enfermagem no Brasil

No Brasil, segundo Oguisso, Campos e Moreira (2011), o primeiro hospital foi a Santa Casa de Misericórdia de Santos, criada em 1543. Nesse local, doentes e feridos eram cuidados por religiosos da Companhia de Jesus ou da Ordem dos Jesuítas. Os autores supõem que os jesuítas assumiam os trabalhos relacionados à enfermagem, fazendo-se auxiliar por índios e africanos escravizados, a quem ensinavam a como ajudar os enfermos e outros trabalhos em torno do cuidado.

Com relação à história da enfermagem no Brasil, é possível destacar, ainda, o trabalho exercido por Anna Nery – nascida em 1814, na Bahia. Em 1864, ao ser deflagrada a guerra do Paraguai, Anna Nery se oferece para juntar-se às tropas com

[3] De acordo com definição clássica de Joan Scott "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder " (SCOTT, 1990).

o propósito de cuidar os feridos. Sua atuação “foi incansável no cuidado de feridos, ministrando medicamentos, proporcionando alívio e conforto aos doentes por aproximadamente cinco anos em diferentes lugares” (OGUISSO, CAMPOS e MOREIRA, 2011, p, 71). Anna Nery foi homenageada pelo Imperador D. Pedro II com o título “mãe dos brasileiros”.

Com relação ao desenvolvimento da enfermagem, Mott (1999) afirma que na Santa Casa de Misericórdia da cidade de São Paulo – mesmo depois da chegada das irmãs de caridade, em 1875 – contava com enfermeiras e enfermeiros responsáveis pelas alas correspondentes a seu sexo. Até essa ocasião, a autora descreve as características dos enfermeiros, destacando-se suas funções, como as de distribuição de medicações e dos alimentos, além da limpeza do hospital.

A partir do final do século XIX, impulsionado pelas descobertas de Louis Pasteur, e da importância da higiene no cuidado ao doente, os hospitais passam a adequar-se e, com isso, se tornou evidente a qualidade do serviço prestado pelos enfermeiros e a especialidade médica.

Dessa forma,

> [...] para acompanhar o aumento do número de serviços de saúde e as mudanças que estavam ocorrendo na prática médica, passou a ser preconizada, no período, a necessidade da formação de novos enfermeiros, sobretudo enfermeiras – por qualidades tidas como inatas ao sexo feminino. Para os hospitais e casas de saúde, possuir um corpo de enfermeiras treinadas passou a significar prestigio e sinônimo de bons serviços. Os antigos enfermeiros e enfermeiras práticos que, até então, vinham trabalhando nos hospitais e recebiam o reconhecimento e a gratidão dos diretores dos hospitais e dos doentes, passam a ser vistos como ser mora, exploradores, causadores de malefícios e até a morte dos doentes pela ignorância e por seguirem as ordens médicas (MOTT, 1999, p. 337-338).

Assim, a autora relata o surgimento dos primeiros cursos de enfermagem na cidade de São Paulo, quais sejam: do Hospital Samaritano, da Maternidade São Paulo, da Santa Casa de Misericórdia, do Hospital São Joaquim, além do Curso da Cruz Vermelha de São Paulo. Todos criados até a década de 1940.

Apesar disso, a Escola Anna Nery no Rio de Janeiro, “implantada no interior do Aparelho de Estado por uma missão de enfermeiras norte-americanas, adotou o modelo anglo-americano de ensino de enfermagem” (BAPTISTA e BARREIRA, p. 412, 2006), foi considerada o padrão oficial a ser adotado no país. Cabe destacar que essa escola era voltada para a formação exclusivamente de mulheres, fato que

contribuiu para que outras escolas seguissem o mesmo modelo, de formação para enfermeiras.

Corroborando com isso, Lopes (1987) ressalta que a profissionalização da enfermagem no Brasil surgiu sobre forte influência da enfermagem praticada e ensinada nos Estados Unidos da América, uma vez que os primeiros cursos contaram com professoras norte-americanas.

Baptista e Barreira (2006) destacam, ainda, a lei 775/49, que regulamenta o ensino da enfermagem, tornando-se obrigatório o vínculo dos cursos a centros universitários ou às faculdades de medicina. Os autores consideram que

> [...] o fator de democratização do acesso ao ensino superior, uma vez que franqueava suas portas às "moças de boa família", o que poderia incluir filhas de famílias pobres; já as moças negras, encontravam dificuldades maiores, principalmente na fase de implantação e consolidação do novo padrão de ensino da enfermagem (BAPTISTA e BARREIRA 2006, p. 412-413).

Assim, os autores relatam que, até 1953, existiam 16 universidades no Brasil; entretanto, a partir do "decênio 1954-1964, observou-se um crescimento no número de universidades brasileiras superior a 130% (16 – 37), entre federais, estaduais e religiosas, espalhadas pela maioria dos estados da Federação" (BAPTISTA e BARREIRA 2006, p. 413). Esse crescimento refletiu na consolidação dos cursos de enfermagem, uma vez que passaram a ser criadas dentro das universidades, com distintos graus de autonomia, exigindo uma nova postura acadêmica e um discurso fundamentado na investigação científica. (BAPTISTA e BARREIRA, 2006).

No estado do Rio Grande do Sul, o primeiro curso de formação de Enfermagem localizava-se em Porto Alegre a Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul surgiu a partir da promulgação da Lei nº 1254 de 04 de abril de 1950, inicialmente anexa à Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul, começando suas atividades em 04 de dezembro de 1950, data do decreto de sua Fundação[4]

A partir das décadas de 1960 e 1970, políticas públicas de saúde passaram a ser desenvolvidas no Brasil, objetivando a formação de recursos humanos, de tal modo que

---

[4] Disponível em http://www.ufrgs.br/eenf/copy_of_a-escola/centro-de-memoria-1, acesso em 29 de novembro de 2015.

> [...] “a partir dos encontros de Ministros da Saúde dos países latino-americanos foi elaborado um documento que propôs mudanças teóricas, conceituais e práticas na gestão de recursos humanos e nas políticas de saúde de todo o continente latino-americano”. Este movimento procurou introduzir soluções para a situação da saúde no continente americano, como um marco para as discussões e propostas no campo da saúde na América Latina. Dentre as recomendações gerais para os países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA) destaca-se sobremaneira a implantação do Plano Decenal de Saúde, incluindo na pauta das discussões, a formação profissional no campo da saúde (FIGUEIREDO E BAPTISTA, p. 514, 2009).

Assim, em 1972, o Departamento de Assuntos Universitários (DAU), do Ministério da Educação e Cultura, realizou estudo para conhecer a realidade da situação profissional na área da enfermagem, concluindo que havia mais cursos de enfermagem em escolas particulares, de caráter religioso, do que nas universidades federais. Até esse período, existiam 39 cursos de enfermagem em nível superior, dos quais 19 localizavam-se na Região Sudeste, 9 na Região Nordeste, 6 na Região Sul, 3 na Região Centro-Oeste e 2 Região Norte (FIGUEIREDO E BAPTISTA, 2009). Através desse estudo, o MEC orientou para a criação de cursos de enfermagem nas universidades federais existentes.

Foi nesse contexto que se deu a origem da Faculdade de Enfermagem da UFPel, criada em 1976, inicialmente como Curso de Enfermagem e Obstetrícia (FEO). Foi reconhecido pelo MEC em 1980[5]. Em 1989, ganha status de faculdade, passando a contar com estrutura própria. Apesar do reconhecimento enquanto Faculdade, fisicamente a FEn manteve-se localizada no chamado Campus da Saúde, situado à Avenida Duque de Caxias no Bairro Fragata, até 2006, quando mudou-se, provisoriamente, para a rua XV de Novembro, conforme reportagem veiculada no jornal Diário Popular:

> [...] com a expansão verificada, o espaço físico, que durante algum tempo se mostrou suficiente, esgotou sua capacidade, dificultando o exercício das atividades acadêmicas. O problema se agravou com a intervenção realizada no pavimento térreo do prédio (módulo B do Campus da Saúde), cujas obras exigiram a desocupação da parte superior do imóvel. Começava então uma grande mobilização da comunidade da FEO, no sentido de obter uma solução que restabelecesse as plenas condições ao processo ensino-aprendizagem. Sensível ao problema, a Administração Superior da Universidade destinou, em caráter provisório, o amplo sobrado localizado na rua Quinze de Novembro, 209, onde funcionou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. (Diário Popular,16.08.2007)

[5] Informação disponível em < http://www.cursosefaculdades.com.br/pos-graduacao-em-enfermagem-e-obstetricia-rio-grande-do-sul-pelotas-ufpel-FO-18572>. Acesso em 03 de maio de 2015.

A FEn permaneceu nesse endereço por cerca de dois anos. A mudança se deu em função do crescimento dos cursos da área da saúde, de forma que o Campus já não suportava as duas Faculdades, a de Medicina e a de Enfermagem. A busca por um local próprio para a FEn tornou-se uma das prioridades da unidade, podendo ser percebido no discurso dos professores e através do material produzido[6] para a exposição dos 30 anos da Unidade. Em 2010 a FEn mudou-se definitivamente para o Campus Anglo.

Sobre a Faculdade de Enfermagem, ainda se faz necessário relacionar a importância que a construção dos currículos teve na formação de sua memória e identidade. O primeiro Currículo do Curso de Enfermagem e Obstetrícia teve como objetivo fundamental formar profissionais que compreendessem o homem enquanto "elemento biopsicossocial, em constante adaptação ao meio, fosse capaz de atuar nas várias fases do ciclo saúde-enfermidade" (SOUZA *et al*., 2011, p. 165).

Em 1996, foi necessário adequar a grade curricular à nova carga-horária imposta pela portaria ministerial número 1721 de 1994. Dessa forma,

> A aprovação do novo currículo e sua implantação deu lugar a etapa de maior relevância: a avaliação. O movimento de ação-reflexãoação foi se constituindo na medida em que o processo de ensino e aprendizagem se desenvolvia, sem deixar de apontar novos caminhos que redimensionavam as práticas e alimentavam as discussões sobre o ser enfermeiro (SOUZA *et al*., 2011, p.166).

No ano de 2007, novamente foi necessário repensar o currículo da Faculdade, através de uma proposta da gestão que iniciava. Sendo assim, hoje

> O objetivo do curso é formar enfermeiros generalistas, críticos, reflexivos, competentes em sua prática, responsáveis ética e socialmente e capaz de conhecer e intervir sobre as situações e problemas referentes ao processo saúde-doença prevalentes no país e na região em que vive, atendendo as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) (SOUZA *et al*., 2011p. 166).

Através dessas mudanças, então, não se justificava mais a manutenção do nome Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia (FEO), passando a denominar-se Faculdade de Enfermagem, adotando a sigla FEn.

---

[6] As exposições alusivas aos 30 anos da FEn serão abordadas no capítulo 2.

2.3. Faculdade de Enfermagem e sua vontade de memória

Tendo abordado as questões que envolveram o desenvolvimento da enfermagem científica e o contexto em que foi criada a Faculdade de Enfermagem na UFPel, foi possível perceber que durante sua trajetória a FEn apresentou desejos de preservar e divulgar sua memória, principalmente através das comemorações aos 30 anos de sua fundação. Sendo assim, será necessário estudar, de forma destacada a maneira como se manifestou essa vontade de memória para essa instituição.

Para tanto, há que se compreender questões que perpassam o conceito relativo à memória, lembrando que diversas são as teorias utilizadas para compreendê-la, de modo que é possível analisá-la sobre distintos pontos de vista, como fisiológico, neurológico, psicológico, antropológico, sociológico etc.

Dessa forma, o neurocientista Ivan Izquierdo (1988) compreende que a conservação do passado se dá através das imagens ou representações evocadas, ou seja, o que une todas as memórias são as representações que tecemos, e então as evocamos. Sendo assim, para o autor, não é possível medir as memórias de forma direta. De tal modo que a evocação pode ocorrer através do reconhecimento de pessoas, palavras, lugares ou fatos. Assim, sob o aspecto fisiológico, “a variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar é inerente a muitas áreas ou subáreas cerebrais, e não exclusiva de nenhuma delas” (IZQUIERDO, 1988, p. 91).

Ao referir sobre o entendimento relativo à memória, através da perspectiva dos acontecimentos, portanto, o autor relaciona quatro aspectos fundamentais. O primeiro deles se refere ao processo de seleção que determina quais informações serão armazenadas e quais serão esquecidas. Outro fator relevante é que as memórias não são gravadas em sua forma definitiva e estão mais propensas às alterações logo após sua aquisição. Além disso, as memórias são mais sensíveis às informações adicionais logo após sua obtenção. Por fim, elas não são registros isolados, mas sim registros complexos (IZQUIERDO, 1988, p. 94-95).

Com relação à análise sobre o desenvolvimento da memória em sociedade, é possível afirmar que seu precursor foi Maurice Halbwachs, discípulo de Durkheim, e responsável por uma nova forma de compreender a memória. Em 1927, o autor publica o livro “Os Marcos Sociais da Memória” inaugurando, segundo Colocrai

(2010), a sociologia da memória. Em 1950, o livro “Memória Coletiva” é publicado postumamente[7].

De acordo com Halbwachs (2004), de cada época de nossa vida, guardamos algumas recordações que se reproduzem sem cessar, através das quais se perpetua a memória, inclusive na formação da identidade, como uma filiação contínua. Mas precisamente porque são repetições, mudam, ininterruptamente.

Para entender a memória de maneira coletiva, Halbwachs propõe pensá-la através de marcos sociais da memória. Considerados como “o sistema de algum modo estático de datas e lugares que nos representam, em seu conjunto, cada vez que desejássemos recuperar um fato” (HALBWACHS, 2010, p. 155-156). De tal maneira que, de acordo com o autor, é através dos marcos que podemos reconstruir determinada recordação, mesmo após seu desaparecimento, uma vez que não são exclusivamente individuais, ao contrário, são comuns aos membros de determinado grupo.

Dessa forma, de acordo com Colacrai (2010), os marcos sociais da memória de Halbwachs se caracterizam como instrumento, a partir dos quais a memória coletiva evoca lembranças do passado através do pensamento dominante de determinada sociedade. Para o sociólogo, portanto, o indivíduo recorda através dos marcos da memória social, ou seja, os diversos grupos integrantes da sociedade são capazes em cada momento de reconstruir seu passado (HALBAWACHS, 2004).

Objetos e acontecimentos se localizam no nosso espírito de duas maneiras, em ordem cronológica e de acordo com o sentido atribuído pelo grupo do qual fazemos parte, sendo o que explicaria a recordação. Já no que se refere ao esquecimento, Halbwachs (2004) considera sua ocorrência em virtude do desaparecimento de determinado marco social, ou de uma parte dele.

Para o sociólogo, a memória é constantemente ressignificada no presente, assim, as lembranças são formuladas, ou reformuladas, de forma coletiva, isso porque nunca estamos sozinhos (HALBWACHS, 1990). A memória de cada indivíduo, assim, corresponde ao seu relacionamento e identificação com determinado grupo.

Cabe destacar ainda, que para que a memória se desenvolva de maneira coletiva é necessário sua reconstrução ocorrer a partir de dados ou noções comuns,

[7] Halbwachs morreu em 1944 em campo de concentração de Buchenwald.

de modo a existir uma troca incessante e recíproca, só é possível se dois indivíduos fizerem parte de uma mesma sociedade. Nos termos do próprio autor: “somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconstruída e construída” (Halbwachs, 1990, p. 34).

Halbwachs foi o primeiro teórico a tratar a memória sobre o ponto de vista coletivo. Compreendeu que a memória é sempre ressignificada no presente. Antes do conceito de memória coletiva, Henry Bergson (1999) considerava que a memória avançaria sem cessar, representada pelo cone da memória, tendo a base correspondendo ao presente e o cone simulando a memória, o vértice seria a junção entre a memória e o presente. A memória, então, avançaria pelo cone e se preservaria intacta. Assim, é possível afirmar que Halbwachs quebrou os paradigmas vigentes naquele momento.

Candau (2009) exalta a teoria de Memória Coletiva proposta por Halbwachs, mas lembra que pode haver algumas confusões relacionadas à memórias coletiva, entre elas o fato de se basear em dados empíricos, como comemorações, construção de museus etc., incapazes de atestar uma memória compartilhada. Além disso, é comum a confusão entre a afirmação de uma memória coletiva, e sua confirmação, efetivamente.

Sendo assim, Candau propõe, através de uma perspectiva antropológica, algumas manifestações da memória, quais sejam: memória de baixo nível ou protomemória, equivalente a uma “memória ‘imperceptível’, que ocorre sem tomada de consciência” (CANDAU, 2012, p. 32); memória propriamente dita ou memória de alto nível, relacionada às recordações e reconhecimentos através de evocações propositais ou involuntárias; e, metamemória, que compreende a representação que cada indivíduo faz de sua memória, o conhecimento que tem dela, “a metamemória é, portanto uma memória reivindicada”. (CANDAU, 2012, p.23). Dessa forma, de acordo com o autor, a protomemória e a memória de alto nível são equivalentes à Faculdade da memória, e a metamemória corresponde à sua representação, sendo, então, termos válidos para a memória individual.

Dessa forma, Candau (2012, p. 29) entende que, para conferir o grau de pertinência da memória e até da identidade, há que se questionar o que ele compreende por “retóricas holistas” a quais:

> [...] o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como *outra coisa* que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos.

É possível, então, perceber as retóricas holistas como elementos aglutinadores de determinados grupo. Candau (2012) considera que a noção de pertencimento de grupo se deu de forma mais concreta a partir da chamada era industrial, quando as massas passam a ser representadas, ou pensadas enquanto entidades coletivas. Dessa forma, o autor entende que ao referir-se a representações factuais, supostamente compartilhadas por determinado grupo de indivíduos, há grande possibilidade que o grau de pertinência dessa retórica holista seja elevado. Já quando é composta de representações semânticas, ou seja, de representações atribuídas a esses fatos, existe uma grande possibilidade de que seu grau de pertinência seja fraco ou nulo, isso porque, de acordo com o autor, não é possível valer-se de generalizações, pois a noção de probabilidade não indica que todas as retóricas holistas aplicadas a essas determinações sejam pertinentes (CANDAU, 2012).

A partir disso, o autor compreende que uma memória forte, massiva, coerente, compacta e profunda, organizadora, pode constituir-se como importante estruturadora do grupo, desde que compartilhada pela maioria de seus membros, sendo em grupos menores mais fácil de ser determinada essa chamada memória forte. Já a memória fraca caracteriza-se por apresentar contornos indefinidos, normalmente não é compartilhada pelos membros do grupo, sendo sua identidade coletiva relativamente intangível.

O conceito relativo às retóricas holistas de Candau avança no sentido de negar generalizações e compreender que existem diversos graus de identificação e de memória nos grupos, questões impostas pela individualidade de que é composta. De tal modo que, através do entendimento do conceito de metamemória de Joel Candau será possível entender as representações selecionadas pela FEn para a construção de sua memória. Ao traçar alguns dos pontos que caracterizam a memória, será necessário transpô-los à realidade da FEn, para tanto, partiremos do conceito de metamemória de Joel Candau (2009) para compreender a representação utilizada pela unidade para a construção de sua memória e identidade.

Inerente à memória, o esquecimento é fundamental, uma vez que vivemos rodeados de informações de toda ordem. Assim, selecionar o que se deve lembrar ou esquecer é essencial para “um funcionamento psicológico satisfatório. Esquecemo-nos mais do que lembramos” (MICHEL, 2010, p. 15), referindo-se ao esquecimento-omissão, além disso, o esquecimento-negação também se relaciona à condição psicológica, mas trata-se de uma expressão patológica da memória, através de formas traumáticas de lembranças. O autor adverte que os dois casos são transponíveis, também, à memória coletiva ou social, uma vez que não é possível lembrar-se de todos os heróis, passagens históricas, ou patrimonializar tudo o que se relaciona à construção de determinado grupo. Bem como, em alguns casos específicos de lembranças traumáticas, principalmente referentes à memória das guerras, é possível que determinado grupo esqueça essas passagens.

Dessa forma, o autor John Michel (2010) lembra que para compreender o esquecimento há que se distinguir os vários tipos de esquecimento, mas ressalta que “nenhum deles existe em estado puro na realidade social e política” (MICHEL, 2010, p. 14).

Além dos já citados, há ainda o esquecimento-manipulação e esquecimento-direcionado, “trata-se de procedimentos ativo e voluntário, por vezes estruturado, de esquecimento diretamente imputável aos atores públicos encarregados de elaborar e transmitir a memória pública oficial” (MICHEL, 2010, p. 18). Assim, esse tipo de esquecimento pode ser usado para controlar desejos de vingança de determinado grupo, ou para guiar o sentimento de identidade ou a um sentido de união construído através de um discurso superficial.

Por fim, John Michel (2010, p. 19) traça as características do esquecimento-destruição:

> [...] vincula-se a categoria mais violenta de esquecimento, a mais radical e não objetiva à reconciliação nacional. Essa forma instituída de esquecimento é utilizada no sentido de construir uma memória oficial hegemônica em detrimento de memórias coletivas concorrentes que são o objeto de uma ação sistemática de aniquilação (destruição de documentos públicos, autos de fé, etc.).

Abordar as questões que perpassam os conceitos relativos à memória e ao esquecimento foi fundamental para compreender como estes podem desenvolver-se no interior de determinados grupos, bem como a forma como podem potencializar sua identidade. Optou-se por desenvolver, mais longamente, os conceitos acerca do

esquecimento para reforçar o caráter de poder que esse binômio pode exercer dentro da construção da identidade de uma comunidade.

Ao estudar a história da FEn, foi possível constatar sua singularidade, principalmente no que se refere a seu desenvolvimento e sua consolidação na Universidade e na cidade de Pelotas, uma vez que foi um curso onde a maioria dos professores participantes de sua implementação vieram do nordeste do Brasil, característica que aponta as peculiaridades do desenvolvimento do curso, bem como a força que essas enfermeiras apresentaram ao buscar reconhecimento profissional em um local de características tão distintas das suas.

Apesar disso, foi possível perceber essas características apenas através dos relatos, por vezes informais, de algumas das professoras. Desses, destaca-se a fala da Professora da FEn Elodi dos Santos, elaborado para a comemoração dos 30 anos da Faculdade de Enfermagem,

> [...] no dia 7 de junho de 1976, a Enfermeira Hildete Bahia da Luz, a convite do Médico Naum Kaiserman, veio a Pelotas para organizar a criação da Escola de Enfermagem, junto a Faculdade de Medicina. A Enfermeira Helena Maria da Rocha Conceição, acompanhou a Enfermeira Hildete e em 1977, foi realizado o primeiro vestibular. (SANTOS, 2006, s/p)[8]

Optou-se, então, por valorizar esses relatos, porém de forma estruturada, baseada nas narrativas orais dessas pessoas para compreender com mais profundidade como se deu o desenvolvimento da FEn em Pelotas. Além disso, buscar na história das mulheres que construíram e consolidaram esse curso proporcionará um conhecimento aprofundado acerca da forma como ocorreu a seleção dos objetos e dos documentos da FEn, e consequentemente, indicará as bases para definir os elementos aglutinadores dessas pessoas, bem como apontará, ou não, para a identificação da seleção dos objetos enquanto elementos da metamemória desse grupo.

Dessa forma, no que se relaciona aos relatos orais, é possível destacar:

> [...] o desenvolvimento da história oral está diretamente relacionado com esses movimentos das sociedades convergentes ou, dito de outra forma, uma história mais democrática, uma história dos excluídos da história, o retorno à raiz (JOUTARD, 2007, p. 228).

De acordo com o autor, os documentos escritos são incapazes de conferir sentimento a determinada passagem histórica, de tal modo que, através dos relatos

---

[8] Durante a exposição em comemoração aos 30 anos da FEn, a prof. Elodi dos Santos foi convidada a redigir o histórico da instituição. Apesar de não te sido publicado, esse material foi enviada a autora pela prof. Luciane Kantorski após entrevista realizada.

orais, é possível perceber certas nuances imperceptíveis mesmo através de suas transcrições.

Assim, ao recorrer aos relatos, buscam-se exaltar os significados de determinados eventos, uma vez que as entrevistas podem lançar luz a áreas inexploradas da vida diária, de tal forma que, ao lançar mão da oralidade, não apenas será possível compreender como ocorreram determinados fatos, mas como os personagens consultados acreditavam estar fazendo na ocasião, e a interpretação que fazem hoje desses acontecimentos (PORTELLI, 1997, p. 31).

Para revisitar a história da FEn foram entrevistadas[9] as ex-professoras Hildete Bahia da Luz e Valquíria Machado Bielmann, de tal forma que para compreender melhor o contexto social em que se desenvolveu a FEn, bem como a relação entre as primeiras professoras e o fortalecimento do curso, e até mesmo para que fosse possível perceber a forma como ocorreu a seleção dos objetos e o que as motivou a isso, optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas com essas professoras.

Apresentar a maneira como as entrevistadas relembram sua história dentro dessa unidade acadêmica subsidiará o entendimento acerca dos elementos constitutivos para a construção de sua metamemória, e como poderemos interpretar seus objetos, se podem ser caracterizados enquanto sócio-transmissores[10]

As entrevistas ocorreram em duas etapas. Na primeira elaboramos um roteiro com cinco questões: Quando iniciou a vida acadêmica; como conheceu o Curso de Enfermagem e como foi a decisão de vir para Pelotas; como foi a recepção dos alunos e demais professores e funcionários da universidade; quando houve a necessidade de preservar os objetos e se participou das comemorações organizadas pela FEn. Na segunda parte da entrevista, foram selecionados alguns objetos e as entrevistadas foram convidadas a contar sua relação com ele.

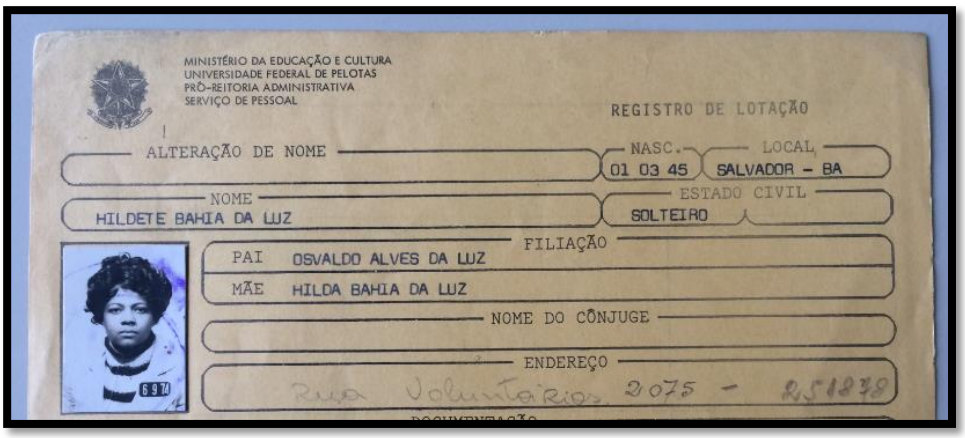
As primeiras questões foram organizadas a partir de um conhecimento prévio da história da unidade, de tal forma que fosse possível materializar, através dos registros, alguns dos elementos entendidos como os aglutinadores dos atores dessa unidade. Buscando-se, então conhecer de forma mais complexa, como ocorreu a construção da memória desse grupo.

---

[9] Como salientado da introdução, as entrevistas ocorrem através de dois momentos. Aqui apresentaremos as informações referentes à primeira parte das entrevistas.

[10] O Conceito de objetos sócio-transmissores foi postulado por Joel Candau e será melhor trabalhado no Capítulo II.

Como já mencionado, o então Curso de Enfermagem e Obstetrícia surgiu em 1976, através da demanda orientada pelo MEC de que até o ano 2000 todos os estados brasileiros deveriam apresentar ao menos um curso superior de enfermagem. Foi através dessa demanda que, a professora Hildete Bahia da Luz (figura 1), foi convidada, pelo professor Kloetzel[11], para criar o curso de enfermagem na cidade de Pelotas no ano de 1976.


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA ADMINISTRATIVA
SERVIÇO DE PESSOAL

REGISTRO DE LOTAÇÃO

ALTERAÇÃO DE NOME

NASC. 01 03 45

LOCAL SALVADOR – BA

NOME HILDETE BAHIA DA LUZ

ESTADO CIVIL SOLTEIRO

FILIAÇÃO

PAI OSVALDO ALVES DA LUZ

MÃE HILDA BAHIA DA LUZ

NOME DO CÔNJUGE

ENDEREÇO Rua Voluntários 2075 – 251878

Figura 1: Ficha funcional Prof. Hildete Bahia da Luz .
Fonte: acervo FEn.

Ao se referir sobre a formação do curso, a professora fez questão de ressaltar:

> Na verdade fui eu, mas não fui eu sozinha, eu sempre digo isso, eu vim primeiro porque o convite era pra mim, aí eu convidei Helena Rocha, que era minha colega de infância, de ginásio, que também, nós estudamos a vida inteira juntas – inclusive ela fez enfermagem porque eu fiz enfermagem – e eu e ela fomos as primeiras a chegar. Aí moramos em um hotel, ali na Netto, era o melhor hotel da cidade, por mais de dois meses. E começamos a escrever a Faculdade do nada, começou pelas ementas, faz uma, faz outra, não, não é isso, aquela coisa de quem tá caminhando sem saber muito bem aonde vai. Até que nós fomos pro Rio de Janeiro fazer esse curso de metodologia do ensino da saúde e da enfermagem, na Anna Nery. Voltamos e continuamos a fazer. Quem é que veio depois? Ah não me lembro, era, a primeira que veio depois – eu fui a Bahia, na minha escola, fiz uma entrevista com as alunas que estavam formando, recém formadas, aí veio a Emília Nalva Ferreira da Silva, depois a Denílde Oliveira Lemos, ai depois veio de Brasília a Eunice que era saúde mental, ai nós fomos montando a equipe, porque aqui não tinha (LUZ, 2016 – informação verbal[12]).

[11] O Professor Kloetzel foi o fundador do Departamento de Medicina Social da UFPel em 1976, e de acordo com a Prof. Hildete se encantou pela cidade quando veio apresentar uma palestra.
[12] Informações dadas em entrevista realizada no dia 27 de maio de 2016.

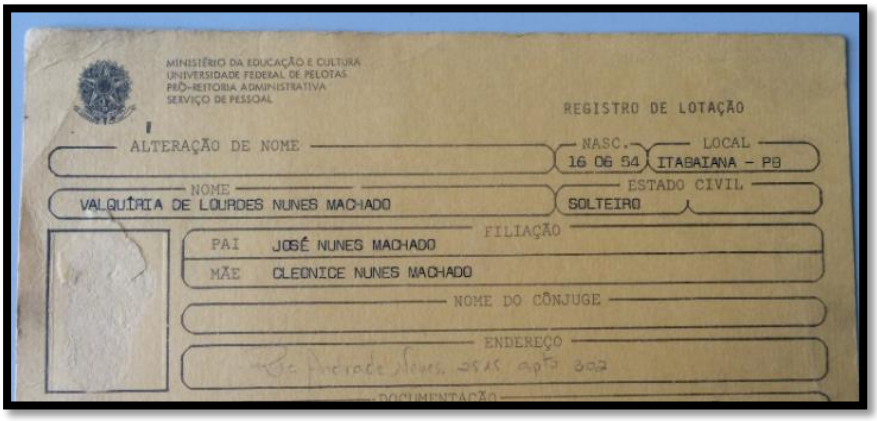
Já com relação ao surgimento do Curso de Enfermagem, a Prof. Hildete lembra a dificuldade de implementar um curso novo. Inicialmente sua estrutura foi montada na garagem do então Instituto de Ciências Humanas, após um curto período conseguiram um local próprio, na esquina entre as ruas General Netto e General Osório (Figura 2) – onde hoje encontra-se o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, e só então, já na gestão da Professora Emília Nalva, o curso mudou-se para sede localizada no chamado Campus da Saúde, onde permaneceu até o ano de 2006.

Figura 2: Imagem da sede primeira sede do Curso de Enfermagem, na esquina entre as ruas General Osório e General Neto.
Fonte: acervo FEn.

Ainda sobre a formação do corpo docente do Curso de Enfermagem, foi necessário complementar o quadro de professores, de tal modo que enviaram solicitação de currículo para outros Cursos de Enfermagem do Brasil. A Universidade da Paraíba, entretanto, realizou uma pré-seleção, com entrevista e prova escrita, e em 1979 veio o segundo grupo de professoras para compor a Enfermagem de Pelotas. De acordo com a Professora Valquíria (figura 3):

> A única universidade que fez esse processo, assim pra mandar o currículo foi a nossa, e aí acharam interessante e mandaram buscar a gente, um dia me ligaram e perguntaram se eu tinha realimente interesse de vir trabalhar aqui, e eu vim assim, eu não era presa com ninguém, e era pra ganhar bem mais naquela época, era pra ganhar o triplo do que ganhava, e como é que eu ia deixar né? eu trabalhava em um hospitalzinho e dava aula no estado, em um programa de saúde, e a proposta era pra ganhar, vamos dizer que eu ganhasse 6, era pra ganhar 17, como é que eu ia desistir, né, era a

> minha emancipação, aí eu vim. Eu e mais cinco, vieram todas. (BIELMANN, 2016 – informação verbal[13])


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA ADMINISTRATIVA
SERVIÇO DE PESSOAL

REGISTRO DE LOTAÇÃO

ALTERAÇÃO DE NOME

NASC. 16 06 54 — LOCAL ITABAIANA - PB

NOME: VALQUÍRIA DE LOURDES NUNES MACHADO

ESTADO CIVIL: SOLTEIRO

FILIAÇÃO
PAI JOSÉ NUNES MACHADO
MÃE CLEONICE NUNES MACHADO

NOME DO CÔNJUGE

ENDEREÇO

DOCUMENTAÇÃO

Figura 3: Ficha Funcional Prof. Valquía Machado Bielmann.
Fonte: acervo FEn.

Após conhecer mais detalhadamente como ocorreu o processo de criação da FEn, bem como a forma como essas professoras construíram suas carreiras profissionais na cidade de Pelotas, é importante compreender como se sentiram ao desenvolver sua vida em local distante do delas.

Assim, a professora Hildete, ao relatar sobre a recepção dos colegas, e da sociedade pelotense, lembra as dificuldades encontradas:

> Foi terrível. Foi terrível Porque... você é pelotense né? Você já saiu pra outro lugar, não? Já? Então você sabe como é que é. A gente chega, não conhece ninguém, nós chegamos e ficamos morando no hotel, aí no hotel morava o diretor da medicina né? O Naum Kaiserman, e a filha dele era estudante de teatro, até tá na tevê até hoje, a Cláudia Abreu e o marido, e o garçom o Pedro, eram as quatro pessoas que nós nos dávamos, lá pelas tantas eu conheci a Judith Viegas que também vinha de Porto Alegre e vinha chegando, e somos amigas até hoje. Mas a sociedade pelotense é muito fechada até hoje, né os valores há quarenta anos eram completamente diferentes e nós tínhamos um outro agravante, e eu tinha mais um, além de ser negra, nordestina, mulher e solteira né, e Gigante me dava o apelido de “Enfermeira”, então eu tinha cinco conceito preconceituosos sobre mim, mas eu também me defendia, eu era impecavelmente formal, sabe? Extremamente formal, se disserem que eu era formal, eu era mesmo, pra eu sorrir a piada tinha que ser muito boa, andava sempre impecavelmente vestida, porque naquele... naquele tempo você se trajava bem, pra mostrar que você era alguém ou você não conseguia, principalmente sendo negro nessa cidade, eu não posso deixar de pontuar isso porque uma das coisas que mais me marcou e de todo e qualquer negro, você entrava numa loja as pessoas diziam custa tanto, a senhora pode comprar? Não sei se eu quero comprar, né? Professores da universidade demonstravam preconceito, a toda hora, todo o momento, todo mundo era meu camarada durante a semana, no sábado, que eu saia de vestidão afro, de chinelo de dedo de couro da Bahia, na rua não me viam, não me conheciam (LUZ, 2016 – Informação verbal).

[13] Informações dadas em entrevista realizada no dia 25 de maio de 2016.

Mais uma vez recorrendo aos relatos das professoras, é possível destacar, também a resistência sentida ao implementar um novo curso:

> Foi muito difícil, eu me lembro que tinha um grupo de enfermeiras da Santa Casa e de Rio Grande, e um belo dia veio o convite de um jantar, “ah que bom, tal” vamos pro jantar, mas nós fomos pro jantar pra elas nos dizer que não nos queriam aqui, que não havia necessidade de nós estarmos na cidade, porque elas podiam ter feito o que a gente estava fazendo, assim, com todas as letras, com todas as letras, três ou quatro de rio grande, uma da santa casa, a outra da secretaria de saúde não vou dá o nome porque não importa né, mas foi o jantar mais desagradável que eu já tive na minha vida, restaurante muito bom, tua mãe talvez se lembre, é num restaurante na XV, muito bonito, bem equipado, mas foi terrível numa noite fria e eu disse “que que eu estou fazendo aqui” mas eu sou uma pessoa, e você certamente será, que quando eu tenho um compromisso eu cumpro o compromisso, a resistência se faz e deu certo né, eu me lembro que pra reconhecer a escola, nos trabalhamos 24 horas consecutivas, todo o grupo, não fui eu só, ai já tinha bastante gente, tinha a Glória, tinha a própria Valquíria, porque os nossos livros montaram os livros da faculdade, deve ter livro meu até hoje por lá, porque a gente colava o selinho de biblioteca , sabe aquele controle?, mas o livro era nosso né e todo mundo, não fui eu só, todo mundo, porque se não tivesse a biblioteca não reconhecia a faculdade (LUZ, 2016 – Informação verbal).

Já a professora Valquíria relata:

> Agora o perfil da enfermagem mudou bastante, acho que nós que fizemos isso, mas não foi fácil, porque eles percebiam que os espaços deles estavam sendo tomados... não foi fácil, não era fácil não, a Hildete era mão de ferro, ela pegou a ditadura, também, eu lembro que tinha a Zilá, eu não lembro o sobrenome dela, ela era a atendente, e os alunos vinham chorando que a Zilá tinha arrancado da mão deles a badeja de medicamento da mão das alunas, é não era fácil, a gente tinha que está sempre negociando porque a gente precisava daqueles espaços (BIELMANN, 2016 – Informação verbal).

Assim, ao revisitar a história da formação da Faculdade de Enfermagem, buscou-se baseá-la nos relatos das Professoras Hildete e Valquíria, justamente por entender que essa é a melhor maneira de conhecer sua história e a forma como se identificam com a Faculdade. Ainda, é possível ressaltar que a escolha por entrevistar essas duas professoras se deu justamente por terem feito parte dos dois primeiros grupos que vieram a Pelotas para formar o então Curso de Enfermagem e Obstetrícia.

Além disso, foi possível perceber alguns elementos, tais como a dificuldade na adaptação a cidade de Pelotas e a resistência encontrada por outros profissionais da área da saúde, que ajudam a compreender a vontade de preservar alguns de seus objetos, tornando-se esses alguns dos elementos aglutinadores desse grupo, ajudando a compreender o desejo de memória manifestado pela FEn.

3 – Desejo de Comemoração: Exposição 30 Anos Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia

Optou-se por apresentar a Exposição sobre os 30 Anos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de forma destacada, uma vez que foi essa iniciativa aquela que motivou a permanência de objetos em exposição e a manutenção de documentos além dos objetos acondicionados no interior da unidade e, portanto, a realização desse trabalho.

No ano de 2006, houve a posse da nova diretoria da FEn, assim, a diretora eleita, Profa. Luciane Kantorski, juntamente com os demais membros da diretoria, organizaram exposição comemorativa aos 30 anos da unidade. De acordo com a Profa. Luciane Kantorski:

> [...] na ocasião de comemoração dos 30 anos da enfermagem alguns professores, servidores e egressos trouxeram alguns objetos pessoais como convites de formatura, fotografias, uniformes e juntamente com objetos que tínhamos guardados na Faculdade e que expressam a memória da mesma foi montado numa sala de professores um espaço de exposição. Em outras ocasiões de comemoração isso também ocorreu nos corredores e em outros espaços. (KANTORSKI, 2015)[14]

Através da pesquisa realizada para a elaboração da exposição dos 30 anos da FEn, os objetos, textos elaborados pelos professores, fotografias e documentos selecionados foram apresentados ao público, buscando contar a história da unidade.

Assim, a comemoração aos 30 anos da FEn ocorreu entre os dias 24 de agosto e 05 de setembro de 2006. Naquele momento, a Faculdade de Enfermagem ainda localizava-se no chamado Campus da Saúde, situado na Avenida Duque de Caxias, bairro Fragata, no mesmo complexo educacional que a Faculdade de Medicina.

---

[14] As entrevistas com as Profas da FEn ocorreram por meio de questionário (em anexo) e são importante fonte para a elaboração desta pesquisa. Elas serão referidas por entrevistado e o ano em que ocorreram.

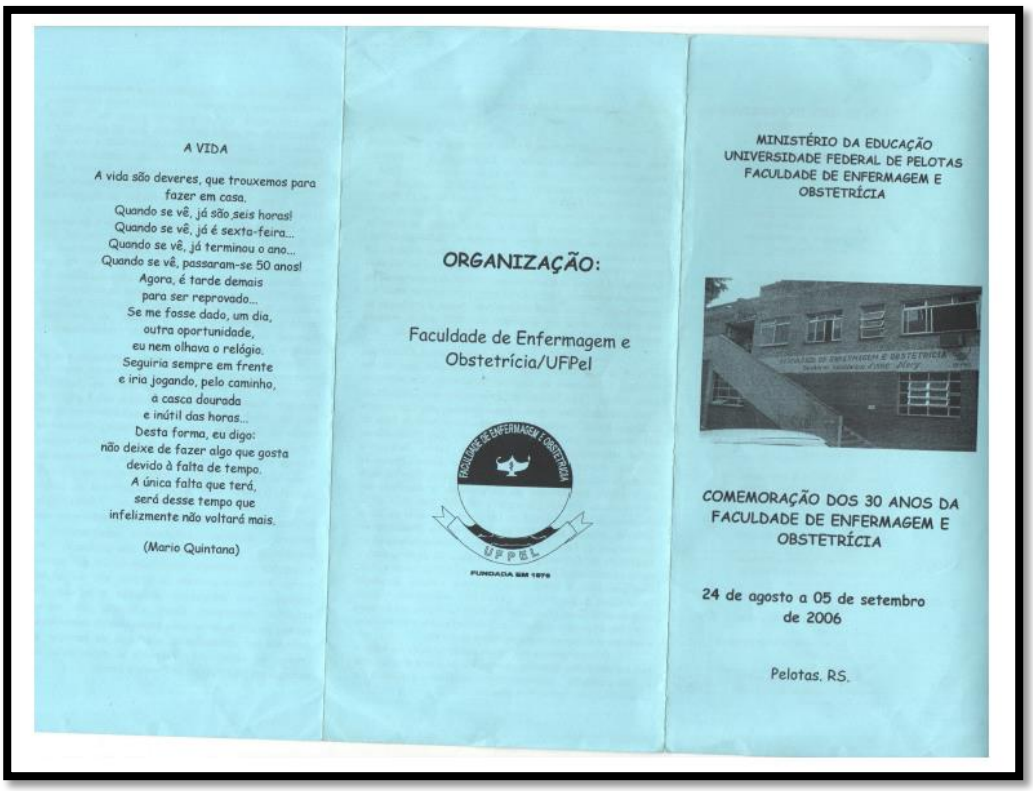
Na ocasião, foi desenvolvido o projeto de extensão “A FEO[15] 30 anos de existência e História: contribuindo com o cenário da qualidade de saúde em Pelotas e região”, figuras 4 e 5, em que alunos e professores participaram da pesquisa acerca da história da unidade. Dessa forma, localizaram egressos e antigos professores para que emprestassem e/ou doassem material relativo à Faculdade de Enfermagem, tal como antigas togas, fotografias dos projetos desenvolvidos pela Faculdade, e das instalações. Já os objetos, seringas de vidro, antigas embalagens de gaze e algodão, e o material para esterilizar os instrumentos hospitalares foram preservados pela Unidade. Parte dos documentos e fotografias levantados para a exposição foram doados à FEn.

Figura 4: Imagem exposição 30 ano FEO
Fonte: Acervo Prof. Luciane Kantorski

[15] No ano de 2006, a unidade ainda era denominada de “Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia”, por isso a nomenclatura FEO.

Figura 5: Imagem exposição 30 ano FEO
Fonte: Acervo Prof. Luciane Kantorski

Durante a exposição, conforme entrevista realizada com a Profa Luciane, toda a comunidade acadêmica foi envolvida, através de uma programação paralela que proporcionava essa participação, de tal forma que diferentes aulas trataram sobre a história da FEn e da própria enfermagem, como pode ser visto na Programação da Comemoração aos 30 anos da FEn, nas figuras 6 e 7:



A VIDA

A vida são deveres, que trouxemos para
fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê, passaram-se 50 anos!
Agora, é tarde demais
para ser reprovado...
Se me fosse dado, um dia,
outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente
e iria jogando, pelo caminho,
a casca dourada
e inútil das horas...
Desta forma, eu digo:
não deixe de fazer algo que gosta
devido à falta de tempo.
A única falta que terá,
será desse tempo que
infelizmente não voltará mais.

(Mario Quintana)

ORGANIZAÇÃO:

Faculdade de Enfermagem e
Obstetrícia/UFPel

FACULDADE DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA
UFPEL
FUNDADA EM 1976

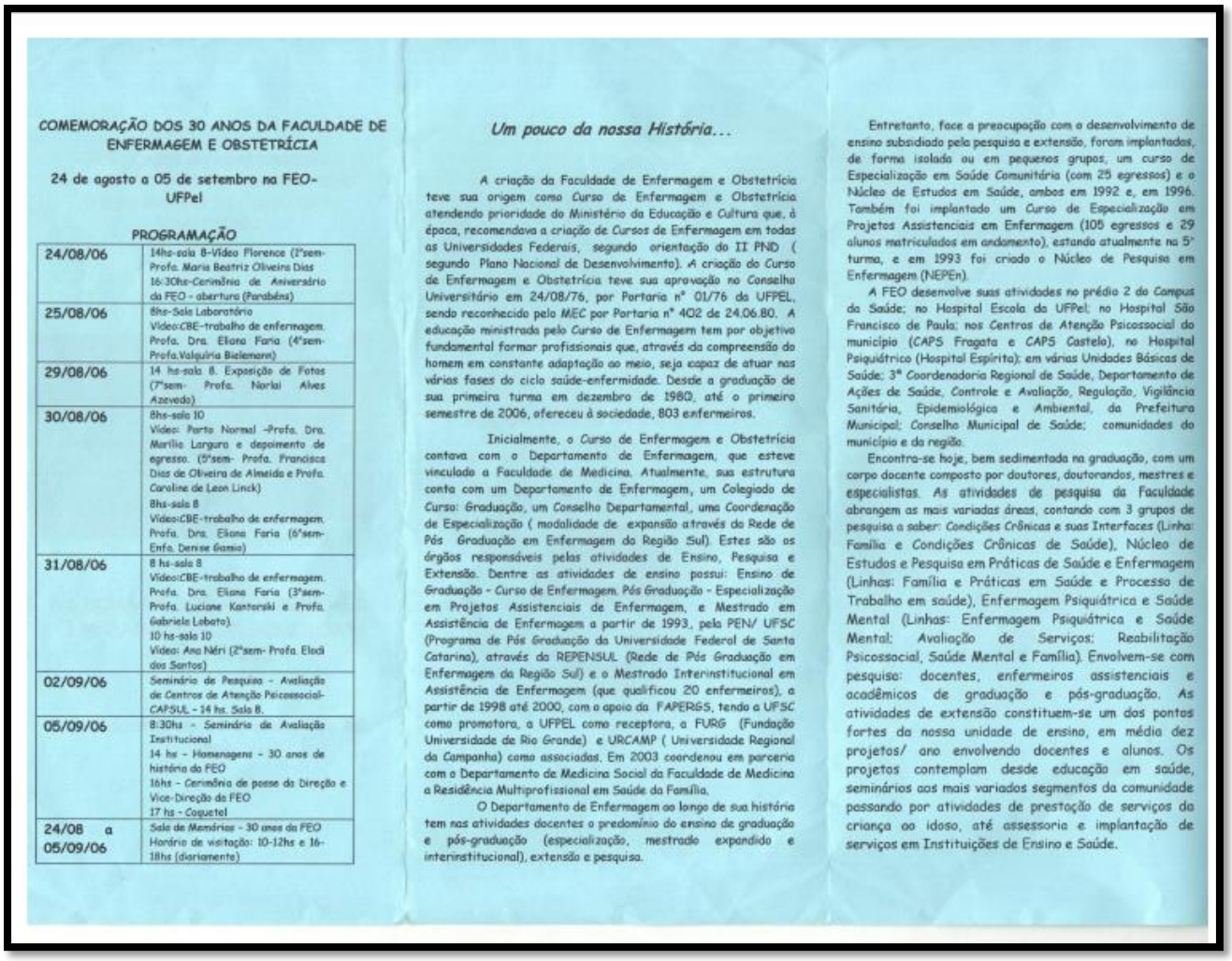
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA

COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DA
FACULDADE DE ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA

24 de agosto a 05 de setembro
de 2006

Pelotas. RS.

Figura 6: Folder com a programação de Comemoração dos 30 Anos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia .
Fonte: Acervo Prof. Valquíria Bielmann



COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DA FACULDADE DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA

24 de agosto a 05 de setembro na FEO-UFPel

PROGRAMAÇÃO

24/08/06	14hs-sala 8-Vídeo Florence (2°sem-Profa. Maria Beatriz Oliveira Dias 16:30hs-Cerimônia de Aniversário da FEO - abertura (Parabéns)
25/08/06	8hs-Sala Laboratório Vídeo:CBE-trabalho de enfermagem. Profa. Dra. Eliane Faria (4°sem-Profa.Valquíria Bielemann)
29/08/06	14 hs-sala 8. Exposição de Fotos (7°sem- Profa. Norlai Alves Azevedo)
30/08/06	8hs-sala 10 Vídeo: Porto Normal -Profa. Dra. Marília Larguro e depoimento de egresso. (5°sem- Profa. Francisca Dias de Oliveira de Almeida e Profa. Caroline de Leon Linck) 8hs-sala 8 Vídeo:CBE-trabalho de enfermagem. Profa. Dra. Eliane Faria (6°sem-Enfa. Denise Gamio)
31/08/06	8 hs-sala 8 Vídeo:CBE-trabalho de enfermagem. Profa. Dra. Eliane Faria (3°sem-Profa. Luciane Kontorski e Profa. Gabriele Lobato). 10 hs-sala 10 Vídeo: Ana Néri (2°sem- Profa. Elodi dos Santos)
02/09/06	Seminário de Pesquisa - Avaliação de Centros de Atenção Psicossocial-CAPSUL - 14 hs. Sala 8.
05/09/06	8:30hs - Seminário de Avaliação Institucional 14 hs - Homenagens - 30 anos de história da FEO 16hs - Cerimônia de posse da Direção e Vice-Direção da FEO 17 hs - Coquetel
24/08 a 05/09/06	Sala de Memórias - 30 anos da FEO Horário de visitação: 10-12hs e 16-18hs (diariamente)

Um pouco da nossa História...

A criação da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia teve sua origem como Curso de Enfermagem e Obstetrícia atendendo prioridade do Ministério da Educação e Cultura que, à época, recomendava a criação de Cursos de Enfermagem em todas as Universidades Federais, segundo orientação do II PND (segundo Plano Nacional de Desenvolvimento). A criação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia teve sua aprovação no Conselho Universitário em 24/08/76, por Portaria n° 01/76 da UFPEL, sendo reconhecido pelo MEC por Portaria n° 402 de 24.06.80. A educação ministrada pelo Curso de Enfermagem tem por objetivo fundamental formar profissionais que, através da compreensão do homem em constante adaptação ao meio, seja capaz de atuar nas várias fases do ciclo saúde-enfermidade. Desde a graduação de sua primeira turma em dezembro de 1980, até o primeiro semestre de 2006, ofereceu à sociedade, 803 enfermeiros.

Inicialmente, o Curso de Enfermagem e Obstetrícia contava com o Departamento de Enfermagem, que esteve vinculado a Faculdade de Medicina. Atualmente, sua estrutura conta com um Departamento de Enfermagem, um Colegiado de Curso: Graduação, um Conselho Departamental, uma Coordenação de Especialização (modalidade de expansão através da Rede de Pós Graduação em Enfermagem da Região Sul). Estes são os órgãos responsáveis pelas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Dentre as atividades de ensino possui: Ensino de Graduação - Curso de Enfermagem. Pós Graduação - Especialização em Projetos Assistenciais de Enfermagem, e Mestrado em Assistência de Enfermagem a partir de 1993, pela PEN/ UFSC (Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina), através da REPENSUL (Rede de Pós Graduação em Enfermagem da Região Sul) e o Mestrado Interinstitucional em Assistência de Enfermagem (que qualificou 20 enfermeiros), a partir de 1998 até 2000, com o apoio da FAPERGS, tendo a UFSC como promotora, a UFPEL como receptora, a FURG (Fundação Universidade de Rio Grande) e URCAMP (Universidade Regional da Campanha) como associadas. Em 2003 coordenou em parceria com o Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina a Residência Multiprofissional em Saúde da Família.

O Departamento de Enfermagem ao longo de sua história tem nas atividades docentes o predomínio do ensino de graduação e pós-graduação (especialização, mestrado expandido e interinstitucional), extensão e pesquisa.

Entretanto, face a preocupação com o desenvolvimento de ensino subsidiado pela pesquisa e extensão, foram implantados, de forma isolada ou em pequenos grupos, um curso de Especialização em Saúde Comunitária (com 25 egressos) e o Núcleo de Estudos em Saúde, ambos em 1992 e, em 1996. Também foi implantado um Curso de Especialização em Projetos Assistenciais em Enfermagem (105 egressos e 29 alunos matriculados em andamento), estando atualmente na 5° turma, e em 1993 foi criado o Núcleo de Pesquisa em Enfermagem (NEPEn).

A FEO desenvolve suas atividades no prédio 2 do Campus da Saúde; no Hospital Escola da UFPel; no Hospital São Francisco de Paula; nos Centros de Atenção Psicossocial do município (CAPS Fragata e CAPS Castelo), no Hospital Psiquiátrico (Hospital Espírita); em várias Unidades Básicas de Saúde; 3ª Coordenadoria Regional de Saúde, Departamento de Ações de Saúde, Controle e Avaliação, Regulação, Vigilância Sanitária, Epidemiológica e Ambiental, da Prefeitura Municipal; Conselho Municipal de Saúde; comunidades do município e da região.

Encontra-se hoje, bem sedimentada na graduação, com um corpo docente composto por doutores, doutorandos, mestres e especialistas. As atividades de pesquisa da Faculdade abrangem as mais variadas áreas, contando com 3 grupos de pesquisa a saber: Condições Crônicas e suas Interfaces (Linha: Família e Condições Crônicas de Saúde), Núcleo de Estudos e Pesquisa em Práticas de Saúde e Enfermagem (Linhas: Família e Práticas em Saúde e Processo de Trabalho em saúde), Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental (Linhas: Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental; Avaliação de Serviços; Reabilitação Psicossocial; Saúde Mental e Família). Envolvem-se com pesquisa: docentes, enfermeiros assistenciais e acadêmicos de graduação e pós-graduação. As atividades de extensão constituem-se um dos pontos fortes da nossa unidade de ensino, em média dez projetos/ ano envolvendo docentes e alunos. Os projetos contemplam desde educação em saúde, seminários aos mais variados segmentos da comunidade passando por atividades de prestação de serviços da criança ao idoso, até assessoria e implantação de serviços em Instituições de Ensino e Saúde.

Figura 7: Folder com a programação de Comemoração dos 30 Anos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia
Fonte: Acervo Prof. Valquíria Bielmann

A programação da comemoração aos 30 anos da FEO contou com apresentação de vídeos sobre a história de Florence Nightingale e de Ana Nery, sobre as áreas de atuação da profissão, seminários de pesquisa e avaliação, além das cerimônias de abertura e homenagens prestadas em função do aniversário. Por fim, há na programação a “Sala de Memória”, que permaneceu aberta ao público no período de duração do evento. Ao analisar a programação, é possível perceber a construção entre atividades voltadas à memória e à história do curso, através das atividades com relatos dos egressos, e mesmo da própria profissão, através dos vídeos sobre a história das principais personalidades para o desenvolvimento da enfermagem no Ocidente de forma geral e no Brasil de maneira mais específica. Além disso, a exposição ficou aberta ao público durante o período das comemorações.

Abaixo, nas figuras 8 e 9, é possível perceber o livro de assinaturas, ressaltando que no período em que esteve aberta ao público, a exposição recebeu 122 pessoas, conforme conferido no livro de assinaturas.

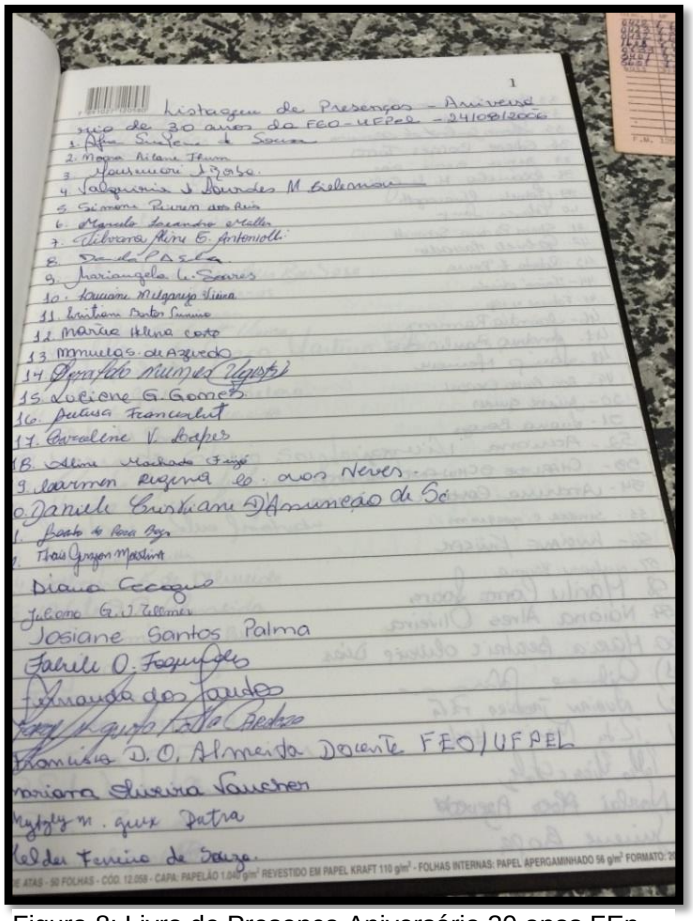


Figura 8: Livro de Presença Aniversário 30 anos FEn
Fonte: Acervo FEn

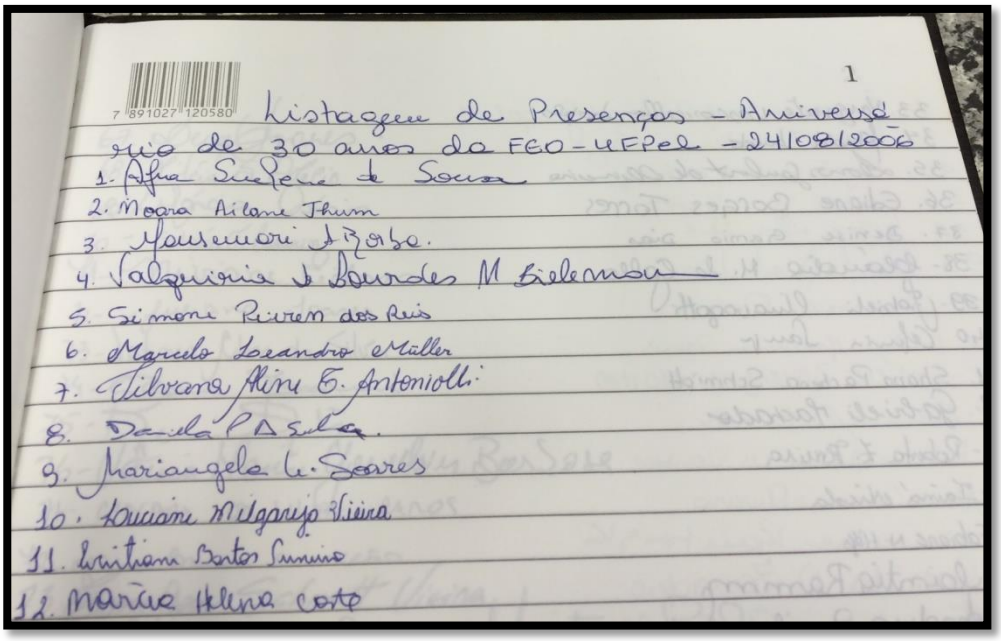


Figura 9: Livro de Presença Aniversário 30 anos FEn
Fonte: Acervo FEn

Sobre a Sala da Memória, a professora Valquíria lembra que:

> Aquela sala fez o maior sucesso, teve palestras e tinha a sala, parece que eu estou vendo. Foi uma memória. Todo mundo colaborou, quem tinha coisa levava. A gente aproveitou as coisas da enfermagem. A gente tinha, por exemplo, os biombos, de um lado e de outro e colocamos as reportagens antigas que o pessoal trazia, sabe? Ficou bem bonitinho...
> Eu levei isso, não só levei isso, levei uns negocinhos, mas teve gente que levou também ... todo mundo cooperou, muita gente levou livros antigos, tinha uma mesa só com livros antigos, sabe?(BIELMANN, 2016)

Cinco anos mais tarde, a FEn comemorava seus 35 anos de existência. Na ocasião, além do aniversário, a Faculdade de Enfermagem comemorava a conquista da aquisição do local definitivo, já que naquele ano a FEn mudou-se para o Campus Anglo. Ainda que não tenha sido utilizado o recurso da exposição, conforme as comemorações aos 30 anos da Unidade, novamente houve programação em que toda a comunidade acadêmica foi envolvida.

Prof. Ari Nunes Assunção
Prof. Cláudio Mairan Brazil
Prof ªElodi dos Santos
Profª Emilia Nalva Ferreira da Silva
Coordenadora da mesa: Profª Drª Luciane Prado Kantorski.

16h30: Visita guiada dos visitantes às instalações da FEn.

17h30: Parabéns à FEn .

18h30 : Encerramento: Atividade Cultural.

25/08/2011 - Quinta-feira

I Encontro Integrado do Programa de Treinamento em Primeiros Socorros para a Comunidade e Liga em Atendimento Pré-Hospitalar.

8h30: **Abertura**
9h às 9h50 :**Abordagem integrada de cenário com múltiplas vítimas**
Sgt. Giovane de Moura Rodrigues (Batalhão do Corpo de Bombeiros de Pelotas – RS).
10h às 10h15: Intervalo
10h15 às11h30: **Atendimento em múltimplas vítimas em zona urbana.**
Enfª Ana Lucia Athayde Maciel (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Porto Alegre – RS).
14h14h50: **Atendimento de emergência intra-hospitalar**
Enfª Lilian Srustockl (Coordenadora de Enfermagem do Hospital Cristo Redentor de Porto Alegre – RS e Instrutora do ATCN).
15h às 15h50: **Atendimento a acidentes com múltimplas vítimas nas rodovias da Região Sul**
Enf. Dejair Chaves (Gerente operacional Serviço Médico de Resgate ECOSUL).
16h às16h15: Intervalo
16h15 às 17h45: **Responsabilidade ética e legal do enfermeiro na situação de urgência e emergência**
Enf Julio Cesar da Silva Soares (Mestre em Enfermagem e Bacharel em Ciência Jurídicas. Coordenador do Curso de Enfermagem da Faculdade Nossa Senhora de Fátima de Caxias do Sul – RS).

26/08/2011 Sexta-feira

14h: Simulado de Atendimento a múltiplas vítimas de explosão
Local: Dependências externas do Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas

Comissão Organizadora

Profª Drª Luciane Prado Kantorski
Profª Drª Marilu Correa Soares
Profª Drª Sonia Maria Könzgen Meincke
Profª Drª Rosani Manfrin Muniz
Profª Drª Celmira Lange
Enfª Drª Denise Gamio Dias
Profª MSc Diana Cecagno
Profª MSc Deisi Cardoso Soares
Profª MSc Simone Coelho Amestoy
Profª MSc Viviane Marten Milbrath
Profª MSc Fernanda Sant' Ana Tristão

Faculdade de Enfermagem

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ENFERMAGEM

FACULDADE DE ENFERMAGEM 35 ANOS UFPel

Local: Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas
Rua Gomes Carneiro nº1 - 3º andar
Sala E

Figura 10: Programação 35 anos FEn
Fonte: Acervo Prof. Luciane Kantorski

Faculdade de Enfermagem
35 anos de História

A Faculdade de Enfermagem ao longo dos seus 35 anos tem desenvolvido atividades de ensino de graduação, pós-graduação, extensão e pesquisa junto à comunidade pelotense.

A história da Enfermagem em geral e da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas foi escrita com coragem e persistência, em torno de um mesmo objetivo: o cuidado humanizado, com bases científicas, éticas e legais.

Este é o legado da Faculdade aos seus alunos e um imperativo moral no cuidado à população.

PROGRAMA

22/08/11 - Segunda-feira

14h: Abertura das atividade comemorativas dos 35 anos da Faculdade de Enfermagem.

Profª Drª Luciane Prado Kantorski.
Coordenadora da mesa: Profª Drª Marilu Correa Soares.

14h30 horas: Mesa redonda: "A trajetória profissional dos egressos e a importância da Faculdade de Enfermagem na sua formação"

Convidados:
Enfª Luziana Larrosa (3ºCRS).
Enfª Luciene Primo Smith (UCPEL).
Enfª Clarita de Souza (Secretária de Saúde de Novo Hamburgo - representante do Ministério da Saúde no RS).
Enfª Karin Peglow (Gerente da Emater- regional Pelotas).
Enfª Elaine Santos (FUNASA-Paraná).
Enfª Eliédes Ribeiro (Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas).
Coordenadora da mesa: Profª Drª Sonia Maria Könzgen Meincke.

15h30: Intervalo

16h: Apresentação de Projetos de Extensão e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem
Coordenadora da mesa: Profª MSc Diana Cecagno.

17h30: Atividade Cultural.

23/08/11 - Terça-feira

14 h: Histórico da graduação da Faculdade de Enfermagem.
. Mudanças curriculares.

Convidada: Profª Drª Vanda Maria da Rosa Jardim

• Linhas de produção

Convidada: Profª MSc Simone Amestoy
Coordenadora da mesa: Profª MSc Fernanda Sant' Ana Tristão

15h30: Intervalo

15h45 : Servidores Técnico Administrativo no cenário do ensino.

16h: História do Diretório Acadêmico Ana Nery.
Coordenadora da mesa: Profª MSc Deisi Cardoso Soares

17:00 horas: Atividade Cultural.

24/08/11 (Quarta-feira)

08h30: História da Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem

Convidadas:
Profª Drª Eda Schwartz
Profª Drª Rita Maria Heck
Profª Drª Maira Buss Thofehrn
Coordenadora da mesa: Profª Drª Rosani Manfrin Muniz.

11h: Atividade Cultural.
13h30 : Faculdade de Enfermagem aberta a comunidade: Visita guiada das escolas
Responsáveis: Profª MSc Fernanda Santana Tristão e Enfª Drª Denise Gamio Dias

14:30 horas: Mesa Redonda com Ex-diretores da Faculdade de Enfermagem

Convidados:
Profª Helena Rocha da Conceição
Profª Hildete Bahia da Luz

Figura 11: Programação 35 anos FEn
Fonte: Acervo Prof. Luciane Kantorski

Ao estudar as relações entre a FEn e sua vontade de memória, cabe referir: “Sabemos, também, que os acervos que permitem a pesquisa das grandes figuras do mundo público foram guardados, principalmente, pelas esposas, filhas, netas. Elas têm sido as guardiãs da memória” (PEDRO, 2011, p. 70), isso se confirma no caso da FEn, e talvez ajude a compreender o desejo de memória manifestado por essa unidade, uma vez que se trata de uma Faculdade cuja formação foi predominantemente feminina, e que tomaram a iniciativa de preservar sua história e a construção de sua memória através da comemoração aos 30 e aos 35 anos da Faculdade de Enfermagem[16].

3.1. A Lamparina Turca e a Simbologia da Enfermagem

Ao estudar a história da enfermagem, um de seus objetos foi ressaltado e exaltado algumas vezes, seja nas falas dos professores e alunos, seja nas exposições dos 30 e 35 anos da Faculdade. Representante de importante ritual de passagem para a FEn merece ser analisado de forma destacada: a lamparina turca.

A lamparina turca é considerada o símbolo da Enfermagem Moderna, representando o trabalho exercido por Florence Nightingale durante a guerra da Criméia, que percorreria os campos de batalha para atender aos feridos e providenciar o enterro dos mortos, utilizando a lamparina para iluminar seu caminho. “A lâmpada era uma raio de esperança para os feridos e tinha um significado: a vigília, e a luz da vida. Por essa razão, a lâmpada simboliza a enfermagem e o profissional enfermeiro, que deve estar sempre em vigília” (CARVALHO, 2012, p. 21).

A autora considera que o “ritual de passagem da lâmpada” tenha começado no ano de 1925, quando a primeira turma da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública se formou. Na ocasião, a lâmpada acesa teria passado de mão em mão entre as alunas até que chegasse às formandas, constituindo um ritual que se repete até hoje (CARVALHO, 2012).

Na FEn, a importância da lâmpada é tão significativa que o símbolo do curso é formado, principalmente pela imagem da lamparina (figura 14).

---

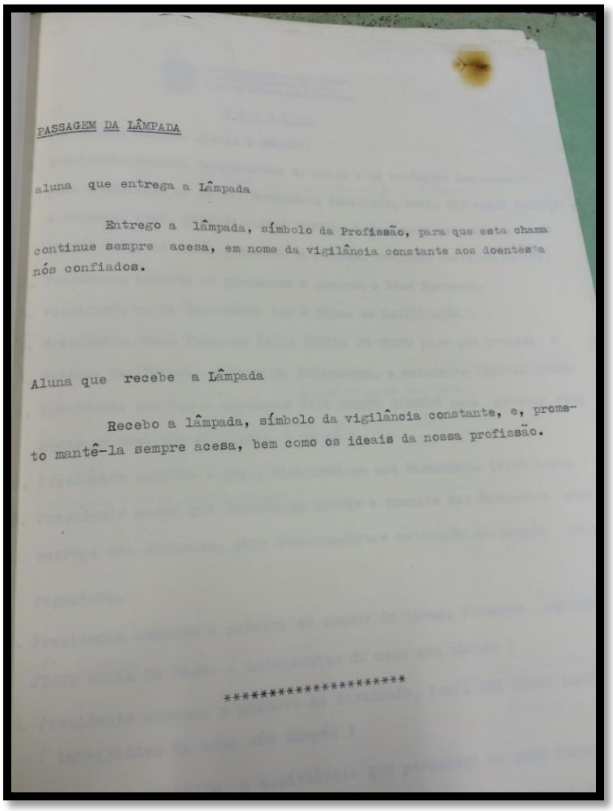
[16] Em agosto de 2016 a FEn comemora seus 40 anos de fundação e comemorará seu aniversário no dia 24 de agosto, através de atividades nos turnos da manhã e tarde.

Figura 12: Lamparina Turca da FEn.
Fonte: acervo da FEn.

Já no que se refere ao ritual, ocorre desde que a primeira turma se formou, em 1982, de maneira que o formando passa a lâmpada, acesa ao aluno que se formará no ano seguinte, vestido de branco. Através do seguinte diálogo:

> Aluna que entrega a lâmpada:
> Entrego a lâmpada, símbolo da Profissão, para que esta chama continue sempre acesa, em nome da vigilância aos doentes a nós confiados.
>
> Aluna que recebe a lâmpada:
> Recebo a lâmpada, símbolo da vigilância constante, e, prometo mantê-la sempre acesa, bem como os ideias da nossa profissão.

Conforme descrição presente em documentação da FEn, apresentada na figura 13.



PASSAGEM DA LÂMPADA

aluna que entrega a Lâmpada

Entrego a lâmpada, símbolo da Profissão, para que esta chama continue sempre acesa, em nome da vigilância constante aos doentes a nós confiados.

Aluna que recebe a Lâmpada

Recebo a lâmpada, símbolo da vigilância constante, e, prometo mantê-la sempre acesa, bem como os ideais da nossa profissão.

****

Figura 13: Documento de Ritual de Passagem da Lâmpada .
Fonte: Acervo da FEn

Através do texto, é possível perceber importante discurso marcado pelo gênero[17]. Conforme já mencionado, inicialmente os cursos de formação de enfermagem se destinavam exclusivamente às mulheres. Característica refletida nesse texto referente ao ritual de passagem da lâmpada.

Figura 14: Símbolo da FEn.

[17] Embora as questões de gênero que perpassam a profissão da enfermagem, não sejam o objetivo principal desse trabalho, se faz necessário referenciar que essa é uma temática presente, o que pode ser visto, inclusive na descrição do ritual de passagem da lâmpada. Para saber mais sobre o tema, consultar SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n.2, Porto Alegre 1990; e PEDRO, Maria Joana. Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. In.: **Topoi**, v.12, n. 22, Rio de Janeiro, 2011, que versam sobre essa temática com propriedade.

Assim, é possível refletir acerca da transmissão da identidade de determinado grupo, através do entendimento de Candau (2009), sobre formas menos tradicionais, porém bastante eficientes de consolidação da identidade.

O ritual de passagem da lâmpada, portanto, pode ser percebido como essa forma menos tradicional de consolidação da identidade de que trata Candau (2009), seja pelo desejo de continuidade percebido nas falas dos alunos que entregam e recebem a lâmpada, seja por sua identificação com o trabalho do cuidado, que o objeto representa.

Assim, é possível refletir acerca do ritual de passagem da lâmpada como a fonte de significados e experiências desse grupo. Dessa forma, é atribuído a este objeto e a este ritual o sentimento de pertencimento a esse grupo. Sendo possível, inclusive, identificar dois grupos, o dos formandos, representados pela pessoa escolhida para entregar a lâmpada, e assim fazer parte dos profissionais que levará a “luz” da profissão adiante, e o grupo formado pelos alunos que recebem a lâmpada, e, portanto continuam na caminhada pela conclusão da graduação.

Dessa forma, é possível perceber o significado atribuído a este objeto, representando a passagem de um grupo a outro, sendo “possível transgredir o seu contexto de visibilidade e penetrar nos cenários invisíveis, sensoriais e valorativos que extrapolam as barreiras impostas por análises pontuais [...]” (BRUNO, 2009, p. 14) atestando sua característica enquanto os “ícones legitimadores de ideias, valores e identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais” (GONÇALVES, 2007, p. 24).

O ritual de passagem da lâmpada, portanto, pode ser percebido como forma de consolidação da identidade de que tratam os autores estudados mais profundamente ainda neste capítulo, seja pelo desejo de continuidade percebido nas falas dos alunos que entregam e recebem a lâmpada, seja por sua identificação com o trabalho do cuidado, representado pelo objeto.

3.2. Patrimônio e Patrimonialização

Outro elemento importante na formação da memória e da identidade de determinado grupo se refere às questões relativas às noções de patrimônio. Assim, se faz necessário abordá-las, de modo a transpô-las para o universo da FEn, uma

vez que a unidade busca na preservação de seus objetos a construção de sua identidade. Dessa forma, conhecer as noções relativas ao conceito de patrimônio ajudará a compreender de que forma auxiliam nessa construção. Para tanto, além de abordar esse conceito sob o ponto de vista da história e das definições acerca de patrimônio cultural, será necessário, também, entendê-lo sob a óptica da museologia, uma vez que a identificação do grupo estudado, para com sua memória ocorre através da preservação de seus objetos e documentos.

Dessa forma, de acordo com a UNESCO:

> [...] o patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade[18].

Entretanto, nem sempre esse foi o entendimento acerca de patrimônio. Inicialmente relacionado às "estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo" (CHOAY, 2001, p. 11). Do ponto de vista cultural, contudo, é a partir do século XX que começa a ser conceituado. Segundo com Fraçoise Choay (2001), a partir da década de 1960, passa a haver o alargamento do quadro cronológico do que se considera patrimônio, representando uma herança que não resiste em crescer.

De acordo com Prats (1998), ao pensar no patrimônio, é possível defini-lo através dos lados de um triângulo, sendo formado pela natureza, pela história e pela genialidade, de tal maneira que qualquer elemento dentro dessas perspectivas pode ser patrimonializado, seja material ou imaterial. Além disso, o autor considera o patrimônio caracterizado como representações simbólicas das diversas versões da identidade.

Dessa forma, segundo Hernández e Tresserras (2007), a noção de patrimônio, compreendida através do patrimônio cultural, histórico, natural, é na verdade uma construção social sujeita a mudanças determinadas pelas transformações históricas e culturais. Para esses autores, a atribuição de valor ao patrimônio é capaz de cultivar vínculos entre os indivíduos, formando uma relação entre transmissor e receptor, capaz de ressignificar o passado no presente apontando ao futuro, relacionando, assim, distintas gerações. Portanto, os autores consideram que a noção de patrimônio está associada à noção da passagem de

---

[18] Disponível em < http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/> acesso em 09 de dezembro de 2015.

tempo, de modo que essa passagem proporciona com que os indivíduos contraponham presente e passado, demonstrando a continuidade ou troca histórica e social.

Hernández e Tresserras (2007) consideram, ainda, que a compreensão de patrimônio é facilitada através dos objetos, sejam eles móveis ou imóveis, já que se tornam verdadeiros testemunhos de feitos da civilização. Os objetos, então, em função de suas propriedades, permanecem apesar da passagem do tempo, seja em uso, seja em instituições de preservação como nos museus, de modo que acabam por tornar-se, segundo o autor, materialização da história.

Já para Prats (2005), os processos de patrimonialização obedecem a duas construções sociais distintas. A primeira delas, diz respeito à “sacralização da externalidade cultural”, um mecanismo universal, facilmente reconhecível, segundo o qual toda a sociedade define um ideal cultural de mundo. Sendo assim, o patrimônio cultural, de acordo com o mesmo autor, é um sistema de representação que se baseia também nessa “sacralização da externalidade cultural” (PRATS, 2005, p. 18 - 19), tendo sido desenvolvido a partir do surgimento do capitalismo e da revolução industrial e se apoia na crescente separação entre o homem e a natureza, o passado e a valorização do individualismo.

A outra construção social a que Prats (2005) faz referência é a “atribuição de valor ou ativação”, ou seja, o autor considera que o processo de ativação do patrimônio depende, fundamentalmente, dos poderes políticos, apesar de submeterem-se a outros poderes e à própria sociedade. Assim, a atribuição de valor se produz através do primeiro processo de negociação, na medida em que existe na sociedade uma prévia hierarquizante de determinados elementos patrimoniais, fruto normalmente de processos identitários, nem sempre espontâneos. Dessa forma, a atribuição de valor relaciona-se diretamente com o discurso, seja ele mais ou menos explícito, mas sempre presente.

Ainda em relação às noções de patrimônio cultural, para Poulot (2012), no decorrer do século XX, adquirem contornos voltados à implementação positiva, através de juízos que apontam a uma escolha baseada em desafios ideológicos, econômicos e sociais alargando as fronteiras disciplinares. Assim, para o autor, sua finalidade é certificar a identidade e afirmar valores, de modo que o patrimônio se define pela realidade física dos objetos e por seu valor estético, atribuído pelo saber comum, ou seja, por um estatuto específico, legal ou administrativo. Ele depende da

reflexão erudita e de vontade política, sendo esses aspectos respaldados pela opinião publica. Entretanto, o autor pontua ainda que esse processo é longo e complexo, sendo resultado de uma dialética da conservação e da destruição de determinado objeto.

Assim, corroborando com Hernández e Tresserras, Poulot referencia a relação do patrimônio com o passado, seja em busca de sua assimilação, seja em função da estranheza causada entre um passado, talvez distante, e a atualidade.

Já relacionado à gestão do patrimônio cultural, Hernández e Tresserras (2007, p.15) consideram que este compreende o conjunto de atuações elaboradas com o intuito de alcançar a conservação dos bens patrimoniais, adequando seu uso às exigências sociais contemporâneas, visando uma forma integral de geri-lo. Assim, para o autor, o desafio para a conservação é encontrar as melhores formas de utilização do patrimônio comum, sem prejuízo à sua sobrevida.

3.2.1. Patrimônio e Museus

Ainda que essa pesquisa não se relacione diretamente com museus, pois busca compreender os processos de construção da memória e da identidade da FEn, através da preservação de seus objetos, bem como propor um caminho para a extroversão de suas coleções ou conjunto de objetos, compreender as relações que perpassam o conceito de patrimônio e a instituição Museu se faz necessário uma vez que a relação construída entre o grupo, seus objetos e a busca pela divulgação de sua história pode encontrar as devidas respostas no campo da museologia. Além disso, far-se-á uma reflexão acerca da importância dos objetos na construção da identidade de determinado grupo e da FEn de modo mais específico.

Dessa forma, segundo Maria Cristina Bruno (1996, p. 9), a “Museologia oferece às outras áreas uma oportunidade especial de aproximação sistemática com a sociedade presente, para a necessária e requisitada devolução do conhecimento”. De tal forma que, para a autora, a disciplina apresenta duas preocupações: a primeira se relaciona ao comportamento individual ou coletivo do homem junto a seu patrimônio, e a segunda diz respeito ao desenvolvimento de técnicas científicas para compreender essa relação, buscando, portanto, a transformação do patrimônio em herança para a construção de identidades (BRUNO, 1996).

Além disso, há que se pautar a relação entre os processos de patrimonialização e a aquisição de objetos para compor as coleções de museus. De forma que deve-se respeitar a seguinte ordem:

> [...] uma vez selecionado, interpretado, registrado, organizado e armazenado, o objeto museológico torna-se patrimônio cultural. Essas ações são as que dão intencionalmente valor documental, patrimonial e informacional a ele, tornando-o um documento. (PADILHA, 2014, p. 20)

De tal maneira que, de acordo com Octave Debary (2010, p. 29), a história museal e mesmo patrimonial parte da lógica de revalorização dos restos da história, ainda segundo o autor, as dinâmicas patrimoniais surgem a partir de situações “de ruptura histórica se fazem acompanhar, com frequência, de uma política de conservação daquilo que desaparece”.

Ainda sobre os museus, o autor conclui que através dessas instituições driblamos o sentimento de perecimento. Ou seja, os museus proporcionam “uma segunda vida como patrimônio” (DEBARY, p. 29) aos objetos, recusando seu descarte e proporcionando novas trocas, novos usos e mesmo novos significados.

Apesar de os objetos da FEn não se caracterizarem enquanto museu, e talvez nem mesmo enquanto coleção, é possível afirmar que adquiriram um segundo uso, ganharam novos significados que auxiliam seus atores a construir a identidade e a memória desse grupo.

Percebe-se, portanto, a complexidade que envolve a aquisição de novos sentidos atribuídos aos objetos. Sendo assim, optou-se por discutir essas questões de forma mais aprofundada, de tal maneira que se desenvolverá um subcapítulo voltado aos conceitos de coleção e cultura material.

Abordar os conceitos de Memória Social e institucional, identidade, além dos conceitos relacionados à coleção e à cultura material, proporcionará maior clareza na compreensão e identificação ao relacioná-los aos objetos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia e sua relação com os professores, funcionários e alunos.

Ao refletir acerca dos conceitos abordados neste capítulo, sejam sobre a exposição alusiva aos 30 anos da unidade, seja através do ritual da lâmpada, percebe-se a eleição do patrimônio também como elemento para a construção de sua identidade. Então, é possível retomar o conceito de metamemória de, Candau (2010) que a considera como parte da representação individual de cada memória, de modo que se relaciona à formação da identidade individual ou coletiva.

A partir disso, é possível traçar algumas questões relativas ao conceito de identidade. Para Manuel Castells (2003) a identidade corresponde à fonte de significados e experiências de um povo. No tocante aos atores sociais, o autor considera a identidade como o processo de construção do significado com base no atributo cultural, ressaltando que, para um dado indivíduo ou ator coletivo, pode haver identidades múltiplas, constituindo fontes de significados para os atores, por eles organizadas, mas construídas através de um processo de individualização. Castells (2003) ressalta ainda que as identidades podem ser formadas a partir de instituições dominantes, mas apenas assumem essa condição no caso de os atores sociais a interiorizarem, constituindo, assim, seu significado.

Para Pollak (2006), a construção da identidade ocorre, essencialmente, através de três elementos, quais sejam: a unidade física, o sentimento de fronteiras individuais e mesmo coletivas, a continuidade no tempo e a unidade de coerência, ou seja, os diversos elementos formadores de um indivíduo são unificados. O autor conclui, portanto, que a memória é um elemento constituinte da identidade, tanto individual quanto coletiva, pois, na medida em que é também um componente no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo bem como de sua reconstrução.

O autor ainda relaciona, ao tratar questões relativas à identidade, deve-se prever, também, um elemento que escapa ao indivíduo, e a seu grupo, o elemento alheio ao indivíduo. A construção da identidade, para Pollak (2006), se caracteriza por ser um fenômeno produzido com referência ao outro, aos critérios de aceitabilidade, de admissão e credibilidade, por meio de negociação direta com o outro, de modo que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas.

Sendo assim, no caso dos objetos oriundos à FEn, será necessário compreender se os atores sociais dessa instituição as identificam enquanto elementos representativos, imbuídos de significado para a construção de sua identidade. As entrevistas com os professores e o questionário aplicado aos alunos ajudarão a compreender de que forma ocorre essa construção.

Nesse sentido, no que se refere à transmissão e consolidação da identidade de determinado grupo, Candau (2012) lembra que, além da escrita, outras formas menos tradicionais são, também, bastante eficientes. No caso de identidades familiares o desejo de continuidade pode se manifestar através da preservação de variados suportes como fotografias, antigos objetos etc. É possível identificar uma

vontade de pertencimento e continuidade de determinada identidade. Já no que se relaciona aos grupos profissionais, o autor considera que estes “valorizam os comportamentos adequados e reprimem os demais a fim de produzir uma memória adequada à reprodução de saberes e fazeres e à manutenção de uma identidade da profissão” (CANDAU, 2012, p. 118). Entretanto, a identidade profissional, de acordo com o autor, não se encerra no desenvolvimento das habilidades técnicas; para além delas, a identidade, na maioria das vezes, se inscreve nos corpos mesmos dos indivíduos.

Dessa forma, é possível perceber a relevância da construção de uma memória profissional, visualizando, nessa pesquisa, a compreensão acerca de sua construção em uma unidade específica da Universidade Federal de Pelotas. Entretanto, como se relaciona ao universo profissional, sendo viável supor a mesma relação em outras unidades dessa instituição de ensino.

Ainda no que se refere à memória, nesse caso, se faz necessário, também refletir acerca de questões sobre a (re)construção de uma memória Institucional, uma vez que essa pesquisa busca compreender as formas pelas quais a Faculdade de Enfermagem, da UFPel, lança mão para construir sua memória e identidade. De acordo com Rueda, Freitas e Valls (2011), salvaguardar documentos relativos a tomadas de decisão faz parte da rotina de qualquer instituição, caracterizando-se, então como elementos constitutivos de uma memória institucional. Ainda para os autores, a memória institucional se caracteriza como importante ferramenta para seu desenvolvimento e comunicação com a sociedade em que está inserida, tornando-se, dessa maneira, seu elemento aglutinador, identitário.

Assim, é possível supor que as instituições, através de “sistematização de uma história e de uma memória, produzindo a partir desse movimento a sua própria legitimação” (RIBEIRO E BARBOSA, p. 106, 2005), buscam, de acordo com os autores, elementos capazes de reforçar o sentimento de pertencimento, procurando “manter a coesão interna” (RIBEIRO E BRBOSA, p. 106). Ainda que a universidade não seja uma instituição com fins lucrativos, nem a FEn se caracterize enquanto uma empresa privada, é possível transpor essas questões, uma vez que lançam mão de sua memória para a reforçar, seja nos alunos, seja nos professores e funcionários, o sentimento de pertencimento e de construção dessas instituições.

É possível perceber, também, que a vontade de memória da FEn está representada, principalmente pelas comemorações e pela preservação de seus

objetos. Dessa forma, entende-se que “consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa “rememoração[19]” de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente”. (SILVA, 2002, p. 432).

Se faz necessário, portanto, retomar Pierre Nora (1993, p. 13), quando afirma que determinadas ações, tais como a comemoração ou a criação de museus e arquivos, por exemplo, não são atividades naturais, de tal modo que “Sem vigilância comemorativa, a memória depressa os varreria. São bastiões sobre os., quais se escora”.

Assim, o desejo de comemoração e a preservação dos objetos podem caracterizar-se como os elementos sóciotransmissores, postulado por Candau (2010). De acordo com o autor, esses elementos funcionam como os neurônios para o cérebro, ou seja, favorecem conexões. Segundo o autor, os sóciotransmissores podem ser todos os objetos ou comportamentos humanos, os quais auxiliam a estabilizar uma cadeia cognitiva entre dois ou mais indivíduos.

Sendo assim, é possível perceber, no caso da Faculdade de Enfermagem, que a busca pela construção da memória e da identidade se refletiu através do desejo pela comemoração desse curso. Através da valorização de seus elementos aglutinadores, ou seja, de suas retóricas holistas, conforme conceito de Candau (2009), seria possível, inclusive, imaginar a construção de uma memória forte compartilhada por esse grupo.

[19] [...] a “rememoração” [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância. (SILVA, 2002, p. 428)

4 – Os objetos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia e possibilidades para sua extroversão

Conforme já destacado, uma das intenções desta dissertação é propor um modelo de gestão de acervos visando a extroversão de objetos. Entendemos que uma das formas dos objetos adquirirem status de simbólicos, de sóciotransmissores, é a partir do momento em que são expostos de maneira qualificada e crítica ao seu público alvo, possibilitando, portanto, sua interpretação e então a atribuição de sentido e significado a esses objetos. Sendo assim, foi preciso conhecer a história do grupo estudado, bem como os motivos pelos quais selecionou e preservou seus objetos. Dessa forma, se faz necessário compreender algumas questões que envolvem os conceitos de Coleção e Cultura Material.

4.1. Coleção e Cultura Material

Trabalhar os conceitos de coleção e de cultura material será fundamental para compreender o potencial semântico atribuído aos objetos da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Além disso, se constituirá como alicerce para propor ações a serem realizadas com as coleções ou objetos encontrados.

Com relação às questões em torno da formação de coleções cabe, mais uma vez, referenciar a autora Celina Mendoza (2005), segundo a qual foi determinante para que a humanidade conhecesse seu legado e, dessa maneira, alargasse seus conhecimentos de mundo.

Do ponto de vista dos museus, a autora Maria Cristina Bruno (2009, p. 15) lembra que, desde o início dos processos de hominização, refinou-se o método de observação e de coleta, além do tratamento dispensado a seus objetos. Ao guardá-los e protegê-los atribuiu consciência ao ato de colecionar, além de imbui-los da capacidade de embasar os debates acerca do desenvolvimento relativo à cultura,

ciência, poder, hegemonia, colonização, espoliação, tecnologia, biodiversidade, produção científica e artística, o fazer popular etc.

De acordo com a definição clássica de Pomian (1984, p. 52), já abordada na introdução, o conceito de coleção se caracteriza como o "conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial em local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público".

Entretanto, o autor lembra que o ato de colecionar se trata, na verdade, de um paradoxo, pois esses artefatos são conservados e submetidos à proteção especial, caracterizando-os como objetos preciosos, de modo que possuem valor de troca, mas não de uso. O autor destaca ainda que a coleção é "uma instituição universalmente difundida" (POMIAN, 1984, p. 68), dependendo de uma série de fatores tais quais: o local onde foi concebido, o estado da sociedade, suas técnicas e modos de vida, além da capacidade de atribuir graus diferenciados de importância à comunicação entre o visível e o invisível através dos objetos.

Corroborando com isso, cabe mais uma vez citar Bruno (2009, p. 14 – 15), segundo a qual as *coisas*[20] não têm paz, e por isso, a partir de estudos relacionados à produção material:

> [...] é porque as coisas não têm paz que a partir dos estudos desse universo de produção material é possível transgredir o seu contexto de visibilidade e penetrar nos cenários invisíveis, sensoriais e valorativos que extrapolam as barreiras impostas por análises pontuais ligadas, por exemplo, à medição dos objetos e à identificação da função dos artefatos, ou direcionadas para a organização de tipologias, ou ainda, esmagadas pela ênfase na proposição de hierarquias entre os conjuntos artefatuais.

Nesse sentido, Gonçalves (2007) considera que toda a coletividade dedica-se à atividade de colecionar. Embora os objetos não sejam colecionados visando aos mesmos objetivos em diferentes grupos, é através do deslocamento, essencialmente simbólico, dos objetos de uso cotidiano para coleções privadas, museus, ou mesmo para a categoria de patrimônio, que é possível observar "os processos sociais e simbólicos por meio dos quais esses objetos vêm a ser transformados ou transfigurados em ícones legitimadores de ideias, valores e

[20] A autora inicia o artigo com a seguinte citação "As coisas tem peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição, textura, duração densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade, contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido. As coisas não tem paz" (Arnaldo Antunes,1998).

identidades assumidas por diversos grupos e categorias sociais" (GONÇALVES, 2007, p. 24).

Deve-se considerar, ainda, que a percepção acerca da coleção, bem como sua compreensão de determinado objeto enquanto vetor para a atribuição de significados simbólicos, depende da linguagem, da comunicação, para que haja a transposição entre o visível e o invisível de que trata Pomian.

Mendoza (2005) lembra que o ato de colecionar é mais complexo que apenas conservar objetos, é nutrido de intencionalidade. Esse ato caracteriza-se pela ação de selecioná-los a partir de planejamento e objetivos prévios e determinados. Assim, a autora considera ser possível classificar os objetos em três tipologias de coleção: coleção com finalidade de conhecimento ou coleção científica; coleção com finalidade axiológica (objetos culturalmente valiosos); e coleções com finalidades econômicas e políticas. Entretanto, a autora afirma que a inserção de determinado objeto em uma dessas categorias não o impede de pertencer, também, às demais. (MENDOZA, 2005, p. 220). No caso dos objetos preservados pela FEn, seria possível identificá-los, majoritariamente, com a primeira tipologia sugerida pela autora, ou seja, com finalidade de conhecimento ou científica. Destacando-se que há traços da iniciativa de preservar os objetos que a identificaria, ainda, com as demais tipologias de coleções propostas pela autora.

Ainda no que se relaciona à seleção dos objetos, Mário Chagas (2005, s/p)[21] considera que se caracteriza enquanto processo, de modo que seja voluntário ou não, individual ou coletivo, de curta ou longa duração, se trata sempre de um processo seletivo e social.

Tendo percorrido algumas questões que envolvem o significado de coleção, é possível avançar e compreender algumas relações desse conceito com o de cultura material.

De acordo com Pedro Paulo Funari (2009, p. 4),

> A cultura material está sempre presente na vida humana. Nascemos, crescemos e morremos interagindo com as mais diversas materialidades, criadas dentro de diferentes propósitos: são as estruturas, objetos e modificações que compõe os nossos espaços de lazer, trabalho, moradia, entre inúmeras outras possibilidades. A cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo ou mesmo do espaço.

[21] Disponível em < http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>. Acesso em agosto de 2015.

Corroborando com isso, Susan Pearce (2005) considera que os objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade. Para a autora, os objetos são importantes, pois atribuem prestígio e posição social, já que, em termos sociais, a maioria dos objetos sobreviveu por essa razão.

Em contrapartida, a vida em sociedade se organiza, também, em torno da materialidade, somos pautados pela administração dos objetos e administrados por eles. Nesse mesmo sentido, Julian Thomas (1999, p. 17 - 18), considera a necessidade de perceber que o social é um campo de relacionamentos antes de uma entidade limitada, para que seja possível, então, compreender o caráter social da cultura material. Assim, para o autor, a cultura material é integral à sociedade, e não um produto, de modo que materiais restantes do passado são mais que testemunhos de uma entidade extinta, mas uma parcela que sobreviveu e está representada no presente.

Com relação às características dos objetos[22], Ferrez (1994) ressalta que as de caráter intrínseco aos artefatos correspondem à composição material, construção técnica e morfológica (forma espacial e dimensões, estrutura da superfície, cor, imagens e textos aparentes). Já as características extrínsecas contemplam as informações documentais e contextuais, ou seja, são aquelas obtidas através de outras fontes além do objeto. Essas informações permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significado, ou seja, são a "chave" para a interpretação dos objetos.

Considerando as informações relativas às características intrínsecas e extrínsecas aos objetos, Menezes (1992) ressalta o fato de não serem inertes, passivos, mas sim agentes ativos entre as questões socioculturais e cognitivas, ou seja, seu significado não está somente nas questões físicas do objeto, está também na compreensão das questões externas a eles, tais como espaço, tempo e sociedade em que foram desenvolvidos. Dessa forma, de acordo com o autor, os artefatos não são capazes de mentir, mas o discurso atribuído a eles sim.

Ainda no que se refere às categorias de análise dos objetos, Menezes (1992) afirma que podem ser ponderadas enquanto "objeto histórico" ou "documento histórico". O primeiro é compreendido por seu sentido prévio e imutável, ou seja, os

[22] Nesse capítulo utilizamos o termo 'objeto' com o mesmo sentido da 'cultura material' uma vez que entendemos sua que sua semelhança está mais voltada, justamente a potencialidade para a atribuição de sentidos e menos a sua materialidade.

objetos, sob essa ótica, adquirem características de tesouro, relíquia, encerram-se no presente enquanto categoria de objeto. Para Menezes (1992, p. 95), essa categoria privilegia, via de regra, as classes dominantes da sociedade que o possui, o que pode ser comprovado em algumas instituições museológicas de caráter conservador. Com relação à produção de conhecimento, esses objetos "são fontes excepcionais para se entender a sociedade que os produziu ou reproduziu enquanto, precisamente, *objetos históricos*".

Em contrapartida, a categoria de "documento histórico" considera o objeto como suporte de informação. Entretanto, deve-se ressalvar que o artefato não é portador dos conhecimentos encerrados em si mesmo. Para ser possível extrair do artefato as informações buscadas é faz necessário o desenvolvimento de um processo documental, de modo que os critérios e procedimentos delimitados orientem a direção para recuperá-las.

Através dos atributos extrínsecos aos objetos, será possível conhecer a intencionalidade com que foram preservados pela FEn, proporcionando, portanto, a identificação do desejo, ou não, desse grupo, em tornar essas coleções ou objetos em elementos representativos de sua memória e identidade.

A análise e seleção dos objetos, em uma coleção, seja ela institucional ou pessoal, não ocorre de forma neutra, ao contrário, é sempre imbuída de intencionalidade. Memória e esquecimento andam sempre juntos, dessa forma, a eleição do que se quer lembrar ou esquecer é uma escolha social, política, assim como a escolha dos objetos caracterizados como os elementos de construção da memória e da identidade para determinado grupo social.

Corroborando com isso, cabe mais uma vez citar Mário Chagas (2005, s/p), segundo o qual "não há como separar memória e preservação do exercício do poder", e conclui:

> Reconhecer a inseparabilidade entre memória e poder, entre preservação e poder, implica a aceitação de que esse é um terreno de litígio e implica também a consciência de que o poder não é apenas repressor e castrador, é também semeador e promotor de memórias e esquecimentos, de preservações e destruições.

Tendo analisado os conceitos de Coleção e de Cultura Material, é possível notar a intenção de abordá-los do ponto de vista de sua compreensão a partir do objeto-documento, não apenas de suas características intrínsecas, mas principalmente em razão de seus atributos extrínsecos.

Ao estudar esses conceitos, bem como os atributos extrínsecos e intrínsecos atribuídos aos objetos, cabe trazer essas questões para a realidade das coleções de caráter científico, uma vez que os objetos preservados pela FEn podem apresentar essa característica.

Apesar da notável relação entre as coleções científicas e o desenvolvimento da ciência, elas encontram-se, via de regra, relegadas a um segundo plano. Assim, cabe destacar a existência de algumas questões que dificultam seu reconhecimento e valorização. Entre elas destacam-se, de acordo com Lourenço (2009), o fato de não existir consenso acerca do que seria patrimônio científico. Entretanto, Marcus Granato (2009, p. 79) considera como:

> o conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além de todos aqueles objetos (inclusive documentos em suporte papel), coleções arqueológicas, etnográficas e espécimes das coleções biológicas que são testemunhos dos processos científicos e do desenvolvimento tecnológico. Também se incluem nesse grande conjunto as construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos.

Assim, os objetos da ciência e tecnologia constituem-se importantes registros materiais e imateriais, representados por seus suportes (como em teses ou dissertações, fotografias, descrição de relatos etc.), além de fontes de documentação e de pesquisa, objetivando a compreensão dos processos históricos nos quais foram concebidos.

Entretanto, conforme Marta Lourenço (2009), cerca de 90% do patrimônio da ciência encontra-se em locais que não possuem vocação, missão, orçamento, pessoal qualificado ou mesmo a compreensão da importância da valorização dessa tipologia de cultura material. “Este patrimônio, do ponto de vista da tutela, encontra-se órfão, em situação vulnerável, de abandono, sujeito à arbitrariedade e em risco de danos irreversíveis e mesmo de perda irremediável.”(LOURENÇO, 2009, p. 47) Destaca-se o fato do patrimônio da ciência ser pouco valorizado por cientistas e historiadores das ciências. Os objetos oriundos dessas coleções, portanto, acabam se caracterizando como “objetos históricos”, no sentido de valor imutável, segundo a teoria de Ulpiano Menezes (1992) e as informações que poderiam trazer luz a várias questões seguem esperando às perguntas que não são feitas.

4.2. Propondo a extroversão

Para a construção de um modelo de extroversão para os objetos selecionados pela FEn, buscamos na Museologia as respostas adequadas para a gestão de acervos e coleções para essa unidade, bem como as propostas de extroversão desse material. Dessa maneira, se faz necessário destacar que toda essa discussão referenda o fato de que ao propor um modelo de forma alguma se refere a algo simples de ser executado, haja vista a complexidade dos conceitos estudados.

Observa-se, portanto, que apesar desses espaços não caracterizarem-se como museus, uma vez que, de acordo com definição do ICOM (Internetional Council of Museums), museu caracteriza-se como "Instituição sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite", buscar-se-á na Museologia a solução para a extroversão dos objetos, já que

> [...] a Museologia, enquanto disciplina aplicada, pode colaborar com a sociedade contemporânea na identificação de suas referências culturais, na visualização de procedimentos preservacionistas que as transformem em herança patrimonial e na implementação de processos comunicacionais que contribuam com a educação formal. (BRUNO, 2006, p.7)

Assim, Maria Cristina Bruno, percebe a disciplina enquanto o elo que estreita a ligação com o desenvolvimento de diversas vertentes das ciências humanas, de maneira que, para a autora, essa ligação se deve ao fato de ser através da Museologia que se dá a "aproximação sistemática com a sociedade presente". Bruno (1996, p. 9) entende, portanto, que duas são suas formas de atuação, quais sejam:

> 1º)identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio; 2º) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades."

Soma-se a isso, ainda, o fato de que no campo museal as memórias são utilizadas numa perspectiva de transformação de toda a vida presente de tal forma que,

> [...] por outro lado um património reformulado que leve em conta os seus usos sociais não apenas numa atitude de defesa e de simples «resgate histórico», mas com um propósito mais abrangente e visão complexa de como a sociedade se apropria de sua história – pode envolver os sectores mais diversos da sociedade. Já não se pode reduzir o tratamento das referências patrimoniais a um universo exclusivo dos especialistas do passado. O patrimônio deve ser do interesse de todos aqueles que estejam ocupados na construção do presente, e de todos os sectores cuja identidade seja afectada pelos usos contemporâneos da cultura. (PRIMO, 2007, p. 94-95)

Partindo desse pressuposto, há que se considerar que o material selecionado pelas professoras e alunas da FEn, para representar sua memória, caracteriza-se como a constituição do seu patrimônio, apresentando potencial para instigar o interesse dos construtores do presente, seja dos professores, seja dos alunos. Para tanto, há que se destacar a importância da comunicação entre as partes envolvidas nesse processo.

Judith Primo lembra que “as operações acerca do patrimônio são uma meta linguagem, ou seja, elas não são capazes de fazer com que o patrimônio comunique, são sim capazes de comunicarem sobre ele” (PRIMO, 2007, p. 95). Sendo assim, há que se compreender os caminhos percorridos desde a aquisição ou seleção de determinado objeto até sua extroversão. Para tanto, buscar-se-á compreendê-lo através da chamada musealização. Embora a FEn não seja classificada como um museu, conforme já mencionado, partiremos desse conceito para identificar o processo pelos quais passaram os objetos e, então, propor formas para sua posterior extroversão. De tal forma que, de acordo com Maria Cristina Bruno (2014), partindo de Shanks e Tilley, musealização refere-se à elaboração de sistemas estéticos com o intuito de criar significados.

De acordo com Maria Lúcia Loureiro (2012), a musealização favorece o acesso aos objetos para diferentes perspectivas, favorecendo a produção de novos conhecimentos, implicando, de acordo com a autora, em assumir sua polissemia. O processo de musealização compreende “aspectos relacionados à seleção e à condição de documento, implícitas na musealização como processo informacional” (LOUREIRO, 2012, p. 91).

Ainda no que se relaciona à musealização, a autora lembra que Marília Cury a compreende enquanto processo para valorização de objetos, que se daria em quatro etapas:

> [...] no primeiro quando um objeto é selecionado para integrar uma coleção, musealização é entendida como “ação consciente de preservação”. No

> segundo, quando é inserido no contexto museológico, musealização é um processo "que parte da aquisição e chega a comunicação". Em um terceiro momento, em que é selecionado para uma exposição, musealizar é "dar forma a um conceito através dos objetos". Em um quarto momento, por fim, a musealização corresponderia ao "processo de comunicação museal". (LOUREIRO, 2012, p. 94).

Através desse entendimento sobre a Museologia, optou-se por elaborar o modelo de extroversão para os objetos da FEn, a partir desse conceito de Marília Cury sobre musealização, uma vez que a unidade já apresenta o desejo de preservar seus objetos. Esta Caracteriza-se, portanto, como a primeira etapa – ou seja, a ação consciente de preservação – do processo de musealização. Ainda que tenha sido possível identificar a primeira etapa do conceito de musealização no tratamento que FEn dispensou a seus objetos, será necessário compreendê-lo de maneira mais ampla. Propomos, então, a execução de quatro etapas, a partir desse conceito.

A primeira etapa será destinada a compreender o método de seleção dos objetos, além do processo de sua identificação junto aos professores e os estudantes. Compreender-se-á, também, se esse conjunto de objetos se caracteriza como coleção. Na segunda etapa, será traçado um contraponto entre a comunicação, proposta pela Museologia, buscando indicar formas de aprimorar o processo comunicacional dos objetos. Para tanto, será necessário conhecê-los através de seu caráter, sejam eles didáticos, institucionais, ou profissionais. A terceira e a quarta etapas serão trabalhadas em conjunto, destinadas à exposição, onde musealizar é "dar forma a um conceito através dos objetos" (LOUREIRO, 2012 p.94). Propor-se-á, então, um modelo de exposição de longa duração levando-se em conta as características da unidade estudada.

Entretanto, antes de partir para os quatro passos referenciados, cabe ressaltar que, não sendo a FEn um museu do ponto de visto de seu processo, nem suas atividades principais relacionadas à atividades correlatas, será preciso prever adaptações na teoria proposta por Cury (1999), já que, além do mencionado, não será possível propor atividades continuadas, uma vez que a cadeia operatória da Museologia prevê aquisição, salvaguarda e comunicação, sendo o objeto dessa pesquisa a primeira e a terceira.

Faz-se necessário relacionar ainda, que além do processo de musealização proposto por Cury, outros autores como Waldísa Rússio (1989), Mário Chagas (2007

e 2009), Tereza Scheiner (1998), para citar alguns, trabalham com outros conceitos relacionados à Museologia, do ponto de vista da gestão e de seu entendimento enquanto fenômeno e processo. Entretanto, para essa pesquisa julgamos mais adequado adotar o conceito proposto por Marília Cury, uma vez se mostrou o caminho mais exequível dentro das características apresentadas pela FEn.

4.2.1. 1ª etapa – Ação Consciente de Preservação

> Se entendemos musealização como valorização de objetos, entendemos também que os objetos, no âmbito dos museus, são valorados basicamente em quatro momentos.
> O primeiro, quando os objetos são selecionados para integrarem a uma coleção e/ou acervo - ou a preocupação para a seleção como a criação de uma política de formação e definição de critérios de aquisição. Aqui, musealizar significa a ação consciente de preservação, a consciência de que certos aspectos do mundo devem ser mantidos pelos seus valores. A musealização, então, é a seleção efetivada pelo "olhar museológico" sobre as coisas materiais, ou seja, "...uma atitude crítica, questionadora, capaz de um distanciamento reflexivo diante do conjunto de bens culturais e naturais[...]" (CURY, 1999, p. 52).

Para analisar o primeiro momento da musealização, optamos por descrever a forma como os atores da unidade se identificam com seus objetos, uma vez que a unidade estudada não se refere a um museu, conforme já destacado. A forma como estão acondicionados e sua tipologia será melhor apresentada no capítulo 4.2.2., entretanto, há que referenciar que a FEn apresenta objetos de caráter didático, como a primeira manequim de procedimentos da unidade e os primeiros manuais de procedimentos e técnicas; objetos e documentos de característica administrativa, como os livros ata, por exemplo, e objetos de característica científica, como os tambores de higienização, as seringas de vidro, e o material para o preparo de medicamentos.

Compreender quem e por que foram preservados os objetos se torna fundamental para conhecer o objetivo desse ato. Conforme mencionado anteriormente, o ato de preservar caracteriza-se também como ato político, uma vez que memória e esquecimento são as duas faces de uma mesma moeda. Dessa forma, há que se perceber o motivo pelo qual esses objetos foram preservados em detrimento de outros, descartados. A partir disso, será possível vislumbrar não só o potencial informacional dos objetos, mas, principalmente, quais características os fizeram adentrar ao campo do simbólico, conforme Pomian (1984), adquirindo,

então, potencial para caracterizarem-se enquanto elementos sóciotransmissores, do grupo em questão.

No caso do grupo estudado para esta dissertação, se fez necessário compreender com qual intenção foram preservados seus objetos. Dessa forma, foram traçados roteiros para a realização de entrevistas semi-estruturadas. Concluiu-se, então, que a preservação dos objetos aconteceu através da comemoração dos 30 anos de fundação da FEn. Ou seja, o sentimento de comemoração despertou o desejo de preservar a memória daquela unidade, funcionando como gatilho para o desenvolvimento desse processo.

Como desdobramento das comemorações dos 30 anos de fundação da Unidade, os objetos e documentos foram mantidos na faculdade, bem como o material pesquisado, percebendo-se, então, sua valorização enquanto potencializadores para a construção da identidade e da memória desse grupo, uma vez que podem ser expostos conforme demanda percebida através da necessidade de comemoração.

Ainda sobre o desejo de preservar os objetos, foi possível perceber que, embora inicialmente tenha partido de uma convicção individual, o grupo entendeu a importância de refletir acerca da sua trajetória histórica e elegeu seus objetos para cumprir tal finalidade.

Há que se considerar, porém, que os objetos da FEn apresentam diversas potencialidades. Aqui se buscou perceber o caminho percorrido entre as comemorações e seus desdobramentos, representados pela salvaguarda (ainda que em alguns casos inadequada) dos objetos pesquisados, uma vez que essa não é atividade fim dessa unidade.

A partir dessas reflexões, há que se abordar a forma como os professores se relacionam com os objetos e documentos preservados, se lançam mão desse material para fomentar a construção da memória e da identidade da unidade junto aos alunos, além de buscar perceber se a informação teve ou não impacto, no sentido memorial e patrimonial junto aos discentes.

Cabe ressaltar, ainda, que esse percurso se fez necessário também, para ser possível perceber o desejo de memória apresentado por esse grupo, principalmente através da preservação de seus objetos e através da elaboração das exposições em comemoração aos 30 anos da FEn. Para tanto, realizou-se questionário fechado aos alunos. Para os professores foram enviados, por e-mail,

perguntas abertas, nos quais poderiam discorrer acerca das questões da história e da memória da enfermagem.

A FEn apresenta em seu corpo docente 35 professores, entretanto apenas cinco professoras responderam ao questionário (apêndice 1), o que representa quase 15% do total. Desse dado já é possível perceber que as professoras que responderam ao questionário apresentam interesse no tema. Cabe referir que os questionários foram enviados aos professores através do e-mail do Departamento da unidade, tendo as respostas sido elaboradas e encaminhadas à autora de forma espontânea.

O questionário enviado aos professores apresentou seis questões. A primeira foi elaborada para compreender se os professores conhecem a história da unidade. As questões 2, 4 e 5 foram referentes aos objetos da FEn, de modo que foi perguntado se os docentes consideram que podem ajudar na compreensão da história da enfermagem; se a memória da FEn está representada nos objetos e se trabalham a história da Enfermagem através de seus objetos. Além disso, perguntamos acerca de uma sala que destinou a exposição dos objetos e foi chamada de “Museu” e por fim as questionamos sobre a importância do conhecimento acerca da história da enfermagem, para a formação acadêmica dos alunos.

As perguntas foram elaboradas com o intuito de compreender se as comemorações em função dos 30 anos da unidade foram fatos isolados, ou se há uma preocupação constante com a construção da memória e da identidade da Faculdade.

Da interpretação do material podem ser realizadas algumas leituras. Iniciou-se pelas docentes que manifestaram predisposição para refletir acerca do tema proposto, sugerindo, portanto, sua identificação com essa temática. Ainda sobre as docentes que enviaram as respostas, três são professoras da FEn há mais de vinte anos, e duas delas participaram da elaboração das exposições alusivas aos 30 anos da unidade, ou seja, todas as respostas partiram de professoras preocupadas com a preservação da memória da unidade.

Com relação à primeira questão, todas afirmaram conhecer a história da FEn, duas professoras responderam que conhecem parte da história, e uma disse que, desde que foi aluna do curso, a história foi contada e recontada. Sobre o conhecimento dos objetos antigos para a compreensão da história, mais uma vez

todas as respostas foram afirmativas, embora uma professora tenha citado a “lâmpada” e a “bandeira” da unidade como símbolos representativos da história, não só da Faculdade como da própria enfermagem.

Com relação à importância da preservação dos objetos para a construção da memória, novamente, todas responderam afirmativamente. Uma das professoras respondeu ser esta muito importante, mas os problemas de falta espaço, pessoal qualificado e mesmo do conhecimento para tal, impossibilitou maiores cuidados, evidenciando a questão, levantada anteriormente, acerca do patrimônio da ciência, ou seja, em sua maioria em estado latente, aguardando um processo adequado de recuperação de suas informações, capazes de evidenciar seu potencial simbólico. Outra professora considera que os objetos são evidências da história da enfermagem, outra ainda lembra que são os testemunhos da trajetória das lutas e conquistas da enfermagem, seja na universidade, seja na cidade de Pelotas.

Com relação ao espaço destinado ao “museu” da FEn, deve-se referenciar que essa questão foi incluída em função de relatos da existência de um museu dentro da unidade, a professora Luciane Kantorski (em entrevista apresentada no apêndice 1) esclareceu que não houve um museu, mas uma sala onde os objetos eram expostos em momentos de comemoração. Apesar disso, outras três professoras responderam conhecer esse espaço, indicando, talvez uma confusão na terminologia[23].

Sobre ter trabalhado a história da enfermagem através dos objetos, duas professoras responderam que não, duas responderam que trabalharam a história através da lâmpada, e uma respondeu que trabalha a história através de textos e rituais da enfermagem, fazendo uma alusão, talvez, ao ritual da lâmpada.

Por fim, sobre o questionamento relativo à importância do conhecimento sobre a história para a formação acadêmica, é possível notar que as professoras discorreram mais, além de certa unanimidade. As docentes consideram que o conhecimento acerca da história da Enfermagem é fundamental para compreender o trabalho desenvolvido atualmente e fundamental para a construção da memória e identidade dos alunos da FEn, além de demonstrar que algumas dificuldades encontradas antigamente, permanecem ainda hoje.

---

[23] A confusão na terminologia é compreensível, uma vez que museu, memorial, coleção e conjunto de objetos podem, aparentemente, ser muito semelhantes, para profissionais de outras áreas.

Ao analisar as respostas oferecidas por essas professoras, é possível perceber o interesse em preservar a memória do curso, e mesmo a importância atribuída à construção da identidade profissional dos futuros enfermeiros, podendo identificar, inclusive, variações da ideia de reforçar os vínculos identitários.

Além dos professores, buscou-se, também, conhecer a opinião dos alunos no que se relaciona à preservação dos objetos da FEn, buscando a construção de sua memória e identidade. Para tanto, foram realizados questionários (anexo 2) contendo nove perguntas fechadas, com respostas de sim e não, e uma aberta, na qual poderiam discorrer acerca do objeto que consideravam ser o mais representativo da memória e da história da FEn. Os questionários foram aplicados aos alunos do 5º e 6º semestres da instituição, em novembro de 2015. Optou-se por esse recorte por dois motivos: o primeiro se deu pela opção de não contemplar os alunos ingressantes, já que diminuiria a possibilidades de conhecerem os aspectos em torno da história da FEn e de sua vontade de comemoração. Além disso, optamos por não aplicá-los também aos estudantes em final de curso, por uma maior dificuldade de encontrá-los.

O questionário foi elaborado com o intuito de compreender se os alunos conhecem a história da FEn, se conhecem os objetos e o acervo que a instituição mantêm, se tomaram conhecimento das exposições em comemoração aos 30 anos da unidade, e qual objeto consideram o mais relevante para a história da Faculdade de Enfermagem.

Buscou-se a opção pelo questionário fechado, uma vez que a FEn apresenta cerca de 300 alunos da graduação e da pós-graduação – em nível de mestrado e doutorado. Dessa forma, o questionário foi aplicado nas turmas do sexto e do sétimo semestre da graduação, totalizando 48 questionários respondidos.

Ao analisar as respostas, destaca-se que 100% dos alunos mostrou interesse em conhecer a história da Enfermagem. Desses, 97% consideram importante conhecê-la, embora, 63% dos alunos consultados afirmaram não conhecer a história da FEn, mas metade deles sabiam que a Faculdade de Enfermagem foi fundada em 1976; 89% não conhece o acervo de antigos objetos da faculdade e 94% dos alunos consultados desconhece a exposição aos 30 anos da FEn. Com relação aos objetos, 89% respondeu considerar importantes os objetos para a compreensão da história; 86% já havia reparado no armário de objetos antigos localizado junto à secretaria; e 76% dos alunos consideraram que os objetos

da FEn ajudam a contar sua história. Na última questão, os alunos foram convidados a citar o objeto mais significativo para o curso: 47% considera a Lâmpada o objeto mais significativo; 7% citaram os quadros de formatura; 2% citaram a seringa de vidro; 5% consideraram importante preservar os objetos, mas não citaram nenhum objeto; 34% não souberam ou não responderam; e um estudante (2%) disse que os alunos não são estimulados a ter contato com os objetos.

Ao analisar as respostas dadas pelos alunos, é possível perceber que os discentes apresentam interesse em conhecer os objetos. Entretanto, a maioria desconhece as iniciativas de comemoração e de rememoração da história da Faculdade de Enfermagem através de seus aniversários, de tal modo que as iniciativas, por mais que tenham envolvido toda a unidade, não conseguiram ultrapassar as barreiras do tempo, uma vez que não são trabalhadas constantemente. Essa conclusão é possível através das respostas fornecidas pelos alunos, uma vez que não participaram das comemorações de 30 e 35 anos da unidade. De tal sorte que, se houvesse uma iniciativa permanente, o desejo manifestado pelos alunos e pelos professores poderia tornar-se realidade.

Ao estudar o entendimento dos alunos e dos professores acerca de seus objetos e de sua história, se faz necessário retomar os conceitos de identidade e das retóricas holistas, abordados anteriormente.

Tendo em vista os autores estudados, é possível perceber, através das respostas aos questionamentos, principalmente dos professores, que o grupo estudado confere valor, significado, aos objetos preservados, e a potencialidade que apresentam junto aos discentes; e, portanto, possibilidade da construção de sua identidade, a partir do conceito de Pollak (2006). A construção da identidade ocorre, para o autor, essencialmente através de três elementos, quais sejam: a unidade física; o sentimento de fronteiras individuais e mesmo coletivas; e a continuidade no tempo – a unidade de coerência. Ou seja, os diversos elementos formadores de um indivíduo são unificados. O autor conclui, portanto, que a memória é um elemento constituinte da identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que é também um componente no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo bem como de sua reconstrução.

Através do ritual de passagem da lâmpada, é possível exemplificar o conceito de identidade de Pollak (2006). Através da unidade física, representada pela lâmpada, o que proporciona o sentimento de fronteiras individuais e mesmo

coletivas; a continuidade no tempo e a unidade de coerência percebida a partir de sua manutenção através dos anos, caracterizando-se como um ritual de passagem simbólico da enfermagem, ainda que mais voltada a essa profissão do que propriamente à FEn.

Já com relação à construção da identidade da FEn, é possível notar, através das falas dos professores, que esta ocorre baseada na luta pela valorização da profissão, e do curso junto à Universidade, o que talvez justifique seu desejo de memória através das comemorações, buscando valorizar-se perante seus pares e junto à comunidade acadêmica a que esse grupo pertence, retomando aos critérios de aceitabilidade, de admissão e credibilidade, por meio de negociação direta com o outro, e a negociação da memória e da identidade conforme proposto por Pollak (2006).

Dessa forma, é possível perceber essas características enquanto retóricas holistas, de Joel Candau (2012) segundo o qual podem ser considerados os elementos agregadores de determinado grupo. Ao atribuir seu grau de pertinência, entretanto, se faz necessário percebê-las através de dois grupos, o formado pelos alunos e o composto por professores. No primeiro, apesar de notar uma clara referência à lâmpada, não é possível entendê-la enquanto memória forte, uma vez que essa percepção ainda está em formação dentro desse grupo. Já entre os professores consultados, é possível notar o grau elevado dessa retórica holista, uma vez que identificam, mais facilmente, os elementos aglutinadores do seu grupo, seja através de alguns objetos, como a lâmpada, seja através das lutas pela valorização da profissão.

Deve-se ressaltar, mais uma vez, que apesar de perceber nos alunos e nos professores, preocupação na construção na memória e na identidade do seu curso, e mesmo da sua profissão, essa vontade tornar-se-ia realidade mais facilmente se trabalhada continuamente. Apesar disso, se faz necessário lembrar que todas as iniciativas de exposição, das comemorações e da salvaguarda dos objetos e dos documentos, partiram de profissionais cuja atividade fim não consiste na preservação, manutenção e divulgação dos objetos históricos, tornando-se um dos motivos desse trabalho, compreender esse desejo de memória.

Analisar o entendimento dos alunos e professores acerca da preservação dos objetos ajuda a compreender a forma como se deu a seleção desse material e, portanto, o início do processo de musealização.

4.2.2. 2ª Etapa: Musealização em processo: aquisição e comunicação

> Nesse segundo momento, musealização é um **processo**[24] que se inicia na valorização seletiva, mas continua no conjunto de ações que visa a transformação do objeto em documento e sua comunicação. Segundo Meneses, a transformação do objeto em documento é o eixo da musealização.(CURY, 1999, p. 53)

Após estudar o método de seleção dos objetos, e como se relacionam com os alunos e professores, será possível perceber a segunda etapa do processo de musealização. Exibiremos, então, a configuração da preservação dos objetos, para então propor outras formas de cuidado.

Assim, foi possível perceber que os objetos mantidos pela FEn apresentam três níveis de cuidado e extroversão. Optou-se, portanto, por analisá-los através desses níveis, sendo o primeiro o mais acessível, o segundo visível ao público frequentador da FEn, porém inacessível ao público "comum", mas com acesso mais restrito, mesmo aos alunos, professores e funcionários, e o terceiro caracterizado pela dificuldade maior ao acesso.

No primeiro nível estão os objetos dispostos num antigo armário de laboratório, localizado em um dos corredores da unidade. É o mais acessível dos três, uma vez que está no caminho percorrido diariamente por alunos, professores e funcionários. Os objetos encontrados no armário fazem referência ao "Curso de Enfermagem e Obstetrícia" – antes de ganhar status de faculdade –, aos prêmios, homenagens e publicações relativas ao curso. Relacionam-se, portanto, à abordagem histórica e ao pioneirismo desse grupo. Poucos materiais referem-se às antigas práticas da enfermagem, representados pela seringa e os copos de vidro. Salienta-se que o móvel apresenta dimensões pequenas – 1,40m de altura por 1 m de largura –, o que inviabilizaria a possibilidade de apresentar objetos maiores. Apesar disso, percebe-se que a maioria desses artefatos se relaciona mais à memória institucional do que à memória profissional ou mesmo às práticas de ensino. Há que se referenciar, ainda, que de acordo com entrevista com a Profa. Luciane Kantorski, havia esse armário inutilizado, figura 15, remanescente de um antigo laboratório, optou-se, então por expor alguns dos objetos do histórico da FEn,

---

[24] Processo museológico é entendido pelo conjunto de ações técnico-científicas aplicadas ao museu, e aos objetos. Através da aquisição, da pesquisa, da preservação e da comunicação. Levando-se em consideração a complexidade de cada um desses atos, optamos aqui por trabalhar com o conceito inicial e final desse processo.

uma vez que não apresentam estrutura física para manter um memorial ou pequeno museu.

Figura 15: Armário objetos nível 1.
Fonte: Imagem, 2016

O segundo nível dos objetos é representado pelos documentos pesquisados e elaborados em função da comemoração dos 30 anos da unidade.

Além desse material, o Colegiado da Então Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia doou os documentos que mantinha em sua guarda, tais como os livros-ata, entre os anos de 1977 e 1990, livros de registros de atividade, nos quais os professores e alunos relatavam as rotinas desenvolvidas nos estágios realizados nos hospitais, pastas contendo fotografias dos projetos de extensão desenvolvidos pela unidade, o primeiro manual de Métodos e Técnicas elaborado pelas professoras da FEn, fichas funcionais, e parte da documentação para a elaboração das cerimonias de formatura.

Houve cuidado em guardá-los e preservá-los para que sejam utilizados em outros momentos de comemoração, como ocorreu nos 35 anos da unidade. A documentação pesquisada encontra-se em duas caixas localizadas em um grande armário no laboratório de procedimentos na unidade – figuras 16, 17 e 18. Portanto, os documentos administrativos dividem espaço com material hospitalar e de uso rotineiro para a realização das aulas práticas que ocorrem naquele local, não sendo o mais adequado para sua salvaguarda.

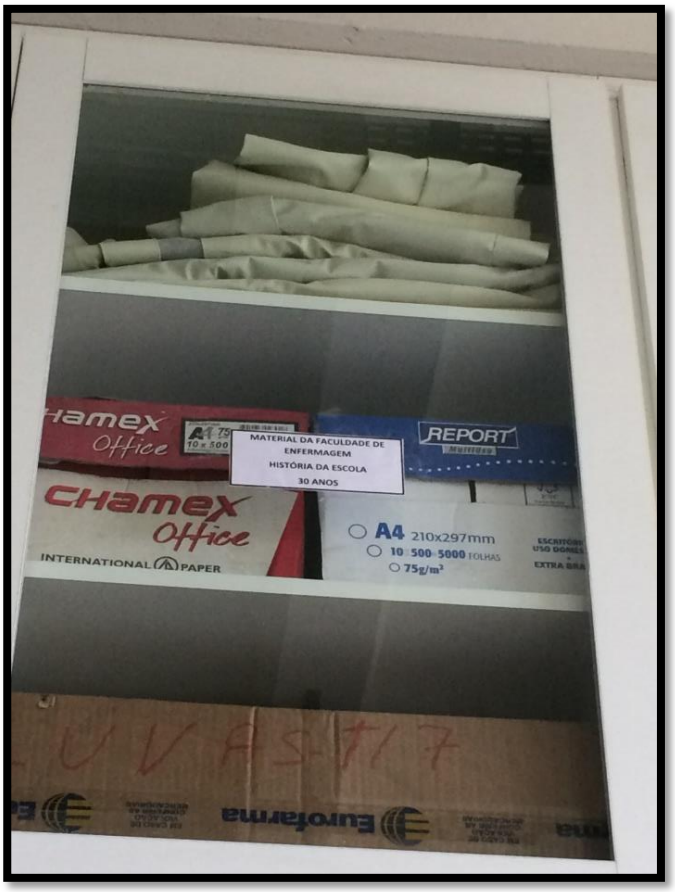


Figura 16: Armário contendo documentos – nível 2.
Fonte: Imagem 2015

Figura 17: Material produzido para os 30 ano da FEn.
Fonte: Imagem 2015

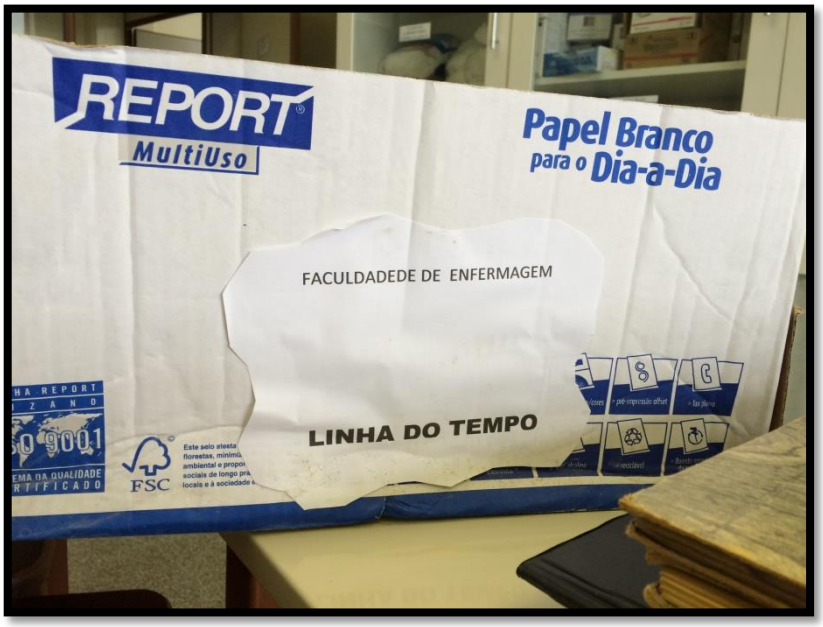


Figura 18: Material produzido para os 30 ano da FEn.
Fonte: Imagem 2015.

Esse foi considerado o segundo nível, pois, apesar de não estar ao alcance das mãos, existem etiquetas indicativas do conteúdo das caixas, bem como referência aos 30 anos da Faculdade de Enfermagem.

Já a terceira categoria, ou terceiro nível, conforme as figuras 19 e 20, é representada pelos objetos tridimensionais, localizados no depósito de um dos laboratórios. Nessa categoria, existem objetos de dimensões maiores, tal como os tambores de esterilização do material hospitalar, e antigos materiais para realização de procedimentos. São objetos de metal, que cumpriram sua função econômica e utilitária, e caíram em desuso, mas foram preservados pela instituição, conforme definição de Pomian (1984), abordada anteriormente. No entanto, não completam o ciclo previsto pelo autor, uma vez que estão armazenados sem nenhum tipo de cuidado com sua conservação. Além disso, como estão longe do olhar do grupo formado pela FEn, seu potencial para a construção da identidade através do entendimento da patrimonialização acaba por ser diminuído.

Afora isso, existem caixas contendo antigas embalagens de algodão e gaze, além do material de vidro para preparação de medicamentos. Esses objetos, por conseguinte, são mais sensíveis e vulneráveis a perdas e degradação, em função de sua constituição física.

Figura 19: Objetos FEn nível 3.
Fonte: Imagem 2016

Figura 20: Objetos FEn nível 3.
Fonte: Imagem 2016

Essa foi considerada a terceira categoria por ser a menos acessível, uma vez que os objetos localizam-se em depósito, mal armazenados junto a caixas de papelão e material em manutenção, e dependendo de um funcionário para se obtenha acesso.

Ao verificar os três níveis de disposição dos objetos, algumas reflexões se tornam pertinentes. Percebe-se a intenção de preservá-los, bem como as informações pesquisadas e coletadas, através da manutenção das etiquetas, por exemplo. Entretanto, não é possível perceber sua construção enquanto documento para esse grupo.

Inicialmente, buscou-se identificar nos três níveis de extroversão, percebidos no material da FEn, as quatro etapas da musealização. Contudo, ao longo da pesquisa, mostrou-se mais fértil buscar esse processo no material como um todo.

Ao retomar os quatro passos da musealização, no entanto, é possível referir que nos três níveis estudados houve a seleção dos objetos e documentos para formarem as coleções. Porém, somente no primeiro nível há uma tentativa de comunicação, de extroversão dos objetos. Conclui-se que o processo de musealização foi iniciado, mas não concluído.

Relacionar a transição entre objetos históricos e documentos históricos, requer uma gestão de acervos dentro dos padrões estabelecidos pela área. Entende-se gestão de acervos o conjunto de ações relacionadas ao cuidado dos objetos, tais como: aquisição, pesquisa, salvaguarda, até chegar à exposição. Esses conceitos relacionados à gestão de coleções se aplicam operacionalizados dentro da instituição Museu, onde, teoricamente, deve haver equipe formada para a execução dessas tarefas. Na FEn, entretanto, propor a execução dessas rotinas inviabilizaria sua execução, uma vez que não haverá equipe disponível unicamente para essas atividades.

Sendo assim, ao propor uma gestão de acervos, pensada na recuperação das informações inerentes aos objetos preservados, e então na sua transição de objeto histórico para documento histórico, há que se pensar em modelos exequíveis.

Inicialmente, se faz necessário conhecer, efetivamente, os objetos preservados através de um levantamento prévio e posterior arrolamento em livro tombo e preenchimento de fichas catalográficas, possibilitando a noção de todo desse acervo. Através dessas práticas, será possível conhecer o teor dos objetos preservados, pois não há esse tipo de levantamento da unidade. Com relação às fichas catalográficas,

> [...] alguns campos da ficha catalográfica de objetos traz informações relativas à descrição física, enquanto outros dizem respeito às informações pertinentes ao histórico do objeto. Mesmo os campos de descrição física podem necessitar de uma pesquisa, como por exemplo quando se tratar do tipo de material, avaliação que nem sempre poderá ser constatada em um primeiro momento, sendo talvez necessário um maior conhecimento sobre os variados tipos de materiais existentes como gesso, barro, argila, cerâmica, etc. (YASSUDA, 2009, p. 56)

Por intermédio dessa coleção, propomos que o conhecimento acerca dos objetos se de através do desenvolvimento de fichas catalográficas, uma vez que o processo de musealização não se encerra em seu aspecto descritivo da materialidade do objeto. Para além dela há que considerar, também, seus aspectos culturais e sociais devendo, portanto, “ser integrados em uma instância significativa cuja construção é inviável sem os pressupostos da documentação” (LOUREIRO, 2008, p. 28).

A partir desse entendimento, propomos a elaboração de fichas catalográficas, prevendo-se as adaptações devidas em função da tipologia dos

objetos preservados pela FEn. Procuramos propor as ações baseadas na forma como foi feita a seleção dos objetos. Assim, mantemos os três níveis apresentados anteriormente. Além disso, foi possível perceber que os objetos se relacionam, via de regra, a três tipologias, que são: científica, didática e institucional, característica também considerada para a elaboração das fichas catalográficas.

Para recuperar as características intrínsecas propomos os seguintes campos: nome do objeto, e objetos associados, descrição, categoria (científica, institucional, didática), estado de conservação (bom, regular ruim), nível (primeiro nível, segundo nível, terceiro nível). Já as características extrínsecas devem ser recuperadas através de pesquisas acerca dos objetos (como técnicas de fabricação, utilização, tipo de material etc.), e entrevistas, nas quais o entrevistado é convidado a discorrer livremente acerca do objeto.

Ao elaborar a proposta de ficha catalográfica, prevemos um grande espaço para o preenchimento do campo denominado de “histórico do objeto”. Essa escolha deve-se por entendermos que a recuperação das características extrínsecas aos objetos passa, também, pelos relatos acerca dos agentes que os manipularam, contribuindo para que se torne imbuído de significado para a construção da identidade de determinado grupo.

Proposta de Ficha Catalográfica Objetos FEn:

Objeto:		
Objetos associados:		
Dimensões: Altura:	Largura:	
Material:		
Descrição:		
Categoria:		
Científica ☐	Institucional ☐	Didática ☐
Estado de conservação:		
Bom ☐	Regular ☐	Ruim ☐
Nível:		
1º Nível ☐	2º Nível ☐	3º Nível ☐
Imagem:		

Técnica de Fabricação:

Período de fabricação

Período de utilização:

Histórico do Objeto:

O preenchimento das fichas catalográficas proporciona a recuperação de informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos e auxilia no controle desse material.

O primeiro nível apresenta 48 objetos expostos, dos quais 19 podem ser considerados didáticos e/ou científicos.

Já o segundo nível é composto por documentos, tais como: pasta de fotografias da Especialização, do ano de 2006; pasta de fotos do projeto CRUTAC executado entre as décadas de 1980 e 1990; pasta de fotografias do ano de 1996, 1 pasta de fotos com a inscrição “FEO 30 anos”; 7 livros de Ata entre os anos de 1977 e 1990; livro de frequência dos funcionários, do ano de 1977, livro de registro das atividades desenvolvidas em campo de estágio; o primeiro manual de métodos e técnicas, elaborado em 1982; 26 fichas funcionais de professores e 3 fichas funcionais de servidores; manuscrito do manual de métodos e técnicas; manuscrito do relatório de atividades do ano de 1986 e do ano de 1988; 3 listas de entrega de indumentária das formaturas de 1981 e 1982; ata de formatura nº 10 de 1986; Cerimonial de formatura; 14 convites de formatura; programa da IV Semana da Enfermagem; Folder de Divulgação da Faculdade de Enfermagem; Livro de divulgação da FEO; 5 reportagens de jornais; 1 envelope com fotografias; convite para a exposição dos 30 anos da FEO. Nesse nível, é possível perceber que predominam os documentos institucionais, embora exista a preservação de documentos didáticos, como é o caso do primeiro roteiro de métodos e técnicas desenvolvido pela Faculdade.

E o terceiro nível apresenta objetos de característica didática e/ou científica, tais como balde de expurgo, tambor para a esterilização de gazes e suporte para soro de metal, 1 frasco de glicemia, seringas de vidro de 50ml e 100ml guardadas nas embalagens originais, seringas de vidro para aplicação de insulina, seringas preparadas para uso, agulhas de aço, 1 microfix pediátrico, embalagens de algodão e ataduras de gaze, objetos de vidro para administrar medicação e para preparar sua diluição e babeiros para cobrir cicatrizes de pacientes traqueostomizados. Destaca-se que alguns dos objetos apresentam muitos exemplares, por isso não especificamos suas quantidades. Além desses objetos, salientamos também o primeiro manequim de procedimentos da unidade, a Frida, que apesar de ainda ser

utilizada nas aulas práticas, apresenta características para adentrar ao campo do simbólico.

Através do preenchimento das fichas catalográficas, será possível manter um controle quantitativo acerca do material preservado pela FEn, além de registrar as características intrínsecas e extrínsecas dos objetos.

Com relação às características extrínsecas aos objetos recorremos, como já mencionado, aos relatos orais. Para tanto, mostramos fotografias dos objetos às entrevistadas, as quais puderam discorrer livremente acerca do que lembravam sobre sua utilização. Apesar disso, o ideal seria que elas tivessem contato direto com esses objetos, para que através de seu manuseio outras reminiscências viessem à tona. Desses relatos, destacamos os seguintes:

Figura 21: Objetos FEn nível 3.
Fonte: Imagem 2016.

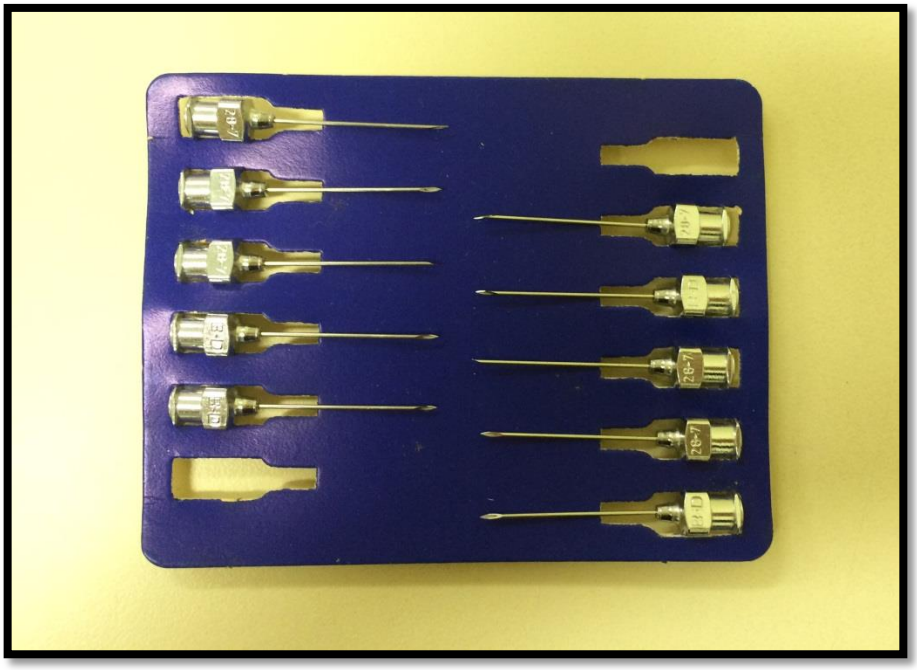


Figura 22: Objetos FEn nível 3.
Fonte: Imagem 2016

Eu lembro que as seringas eram de vidro e as agulhas eram amoladas na pedrinha, sim, as seringas eram de metal, não eram descartáveis, e amolava numa pedra de amolar faca, mais delicada né, tinha uma turundas, que eram umas bolinhas de algodão, tudo aquilo era guardado, documentado, escrito. (LUZ, 2016 – informação verbal)

Figura 23: 1º Modelo de procedimentos Conhecida como Frida.
Fonte: Imagem 2016.

Eu lembro que para comprar os primeiros modelos de prática foi terrível, eu tive que ir a São Paulo, para ver, porque nem catálogo tinha, nós colocamos um apelido na boneca, não me lembro, ah... Frida, a Frida era horrorosa, a Frida perdeu os cabelos, era um horror. E ai nós criamos que os estudante

> iam, sentiam o procedimento que eles iam fazer, os que podiam ser feitos né, obviamente, então as injeções intramuscular, intravenosa, a dramatização de curativos... e era feita toda uma dramatização para poder dar a sensação, e ai o que a gente fez, criamos a primeira disciplina já na prática, tinha métodos e técnicas e já ia para o hospital, não faziam nada mas ficavam olhando, porque só a observação já era um mecanismo. (LUZ, 2016 – informação verbal)

Trazer os relatos destacados auxilia na compreensão dos motivos que levaram à preservação desses objetos, possibilita que se diminuam as barreiras entre as ex-professoras e os alunos, que já não convivem com os objetos mencionados. Através disso, é possível perceber o início da recuperação dessas informações, indicando uma mudança gradual, de objetos históricos em documentos históricos, indicando um relevante princípio no processo de musealização dos objetos da FEn.

4.2.3. 3ª e 4ª etapas Forma e Conceito através dos Objetos e Processo de Comunicação Museal

> Os objetos selecionados para uma exposição são, na verdade, escolhidos (valorados) como suporte material de valores e significados que estarão presentes na exposição. É a materialização de uma poesia, é dar forma a um conceito através de objetos, é selecionar um objeto que sustente, em sua materialidade, uma idéia. Aqui, encontramos o terceiro momento de valorização de um objeto museal e um terceiro conceito de musealização (CURY, 1999, p. 54).

Ao estudar os objetos da FEn, por meio dos três níveis propostos através de seu acesso e tipologia, é possível retomar questões relacionadas à cultura material. Conforme o autor Reginaldo Gonçalves, a partir de Roy Wagner, adicionados à vida cotidiana, os objetos estimulam seu manuseio, representam os desejos que se quer alcançar e materializam essa vontade, atitude, sentimento, de tal forma que “ao aprendermos a usar esses instrumentos, nós estamos secretamente aprendendo a nos usar; enquanto controles, esses instrumentos mediam essa relação, eles objetificam nossas habilidades” (WAGNER, 1981 *apud*. GONÇALVES, 2007).

Há que se considerar, ainda, que a percepção acerca da coleção, bem como a compreensão de determinado objeto enquanto condutor de significados simbólicos depende da linguagem, da comunicação, para que haja a transposição entre o visível e o invisível de que trata Pomian (1984), uma vez que variados grupos podem identificar-se com determinada coleção de formas distintas.

De modo que, recorrendo aos três níveis, somente no primeiro poderia haver atribuição de significados simbólicos. Apesar disso, esse potencial encontra-se diminuído, uma vez que o sistema de comunicação aplicado pela unidade não contextualizou seus objetos, dificultando o diálogo entre os frequentadores do local, sejam eles alunos, professores, funcionários ou mesmo o público em geral.

Tendo abordado questões referentes à história da Faculdade de Enfermagem, bem como sua vontade de memória expressa pela exposição alusiva aos 30 anos da unidade, se faz necessário retomar algumas das reflexões abordadas no primeiro capítulo, principalmente no que se relaciona aos conceitos de memória, identidade.

É possível perceber que a vontade de memória da FEn está representada, principalmente, pelas comemorações e pela preservação de seus objetos. Dessa forma, entende-se que "consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa "rememoração" de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente". (SILVA, 2002, p. 432)

Sendo assim, é possível perceber, no caso da Faculdade de Enfermagem, que a busca pela construção da memória e da identidade se refletiu através do desejo pela comemoração desse curso. De modo que, através da valorização de seus elementos aglutinadores, ou seja, de suas retóricas holistas, conforme conceito de Candau (2009), seria possível, inclusive, imaginar a construção de uma memória forte compartilhada por esse grupo.

Ao refletir, efetivamente, acerca da extroversão dos objetos da FEn, levando-se em conta sua demanda, será necessário trabalhar com duas possiblidades, a primeira, de longa duração, pensando nos objetos que ficam expostos ao público, nos corredores da unidade, e a segunda, de curta duração, para as comemorações, recurso bastante utilizado pela FEn.

Tendo pesquisado os objetos da FEn, foi possível perceber, além dos três níveis de extroversão e cuidado, ao menos três tipologias predominantes de objetos, a primeira delas voltada à memória institucional, através dos objetos que remetem ao curso, de caráter administrativo, e os objetos que fazem alusão às técnicas de ensino e mesmo às práticas da enfermagem. Dessa forma, essas seriam as tipologias contempladas nos possíveis projetos expográficos.

Marília Xavier Cury (2005, p. 34) lembra que a exposição é somente uma parte do processo de musealização, sendo o reflexo das etapas anteriores:

> [...] a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas. É na exposição que se potencializa a relação profunda entre o Homem e o Objeto no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente).

No caso analisado, ao referir o projeto de longa duração, uma questão se faz presente: a falta de espaço. Portanto, seria ideal prevê-la utilizando espaços ociosos da instituição. Sendo assim, manteríamos o antigo armário na posição em que se encontra atualmente (em um dos corredores, próximo à sala da direção) uma vez que este é o corredor de maior circulação dos alunos e professores da unidade. Entretanto, os objetos expostos seriam relativos às práticas da enfermagem e à história do curso. Devidamente identificados, esses objetos podem atingir seu potencial de elementos sócio-transmissores, uma vez que, ao identificar as antigas técnicas, da enfermagem os alunos, funcionários e professores poderão se identificar mais facilmente com essa história.

Além disso, na parede em frente ao armário existe um local utilizado para exposições de obras de arte. Nesse local, propomos a elaboração de painéis com fotografias e relatos dos antigos professores. Dessa maneira, contemplaríamos o caráter de memória institucional apresentada pela FEn.

Embora seja esta uma proposta simples, ela é exequível dentro das limitações impostas pelo espaço disponível no local e a ausência de mão-de-obra qualificada para a manutenção de uma exposição complexa de longa duração. Além disso, parte da história da unidade, exaltada pelos professores e funcionários ganharia luz ao sair das caixas onde se encontram atualmente, e mais uma vez adquiririam o devido reconhecimento enquanto elementos para a construção da memória e da identidade desse grupo, de forma continuada, independendo das comemorações.

Entretanto, o desejo de comemorar não pode ser subestimado. Para tanto, sugerem-se exposições de curta duração, que podem ser relançadas e atualizadas conforme a necessidade da instituição. Nesse caso, propomos lançar mão de elementos mais complexos, seguindo o modelo adotado na exposição dos 30 anos da Faculdade. Isso pode ser possível através de programações paralelas, como as palestras sobre a profissionalização da enfermagem e os encontros promovidos com os ex-professores, favorecendo, juntamente com a exposição dos objetos, a construção da memória e da identidade desse grupo.

Já no que se relaciona à quarta etapa, do processo de musealização, ou seja à comunicação museal, Marília Xavier Cury (1999, p. 50) ressalta:

> [...] o quarto momento, constitui-se no processo de comunicação museal. Nesse momento, musealizar é desencadear um processo de comunicação que inicia na concepção da exposição, montagem, abertura para o público e avaliação. (CURY, 1999, p. 50)

Ao chegar à quarta etapa da musealização posposta por Cury, percebe-se a dificuldade de transpô-la para a realidade da FEn, uma vez que um processo de comunicação e avaliação complexos inviabilizaria sua execução, e aqui se evidencia a diferença entre a instituição museu e o caso da FEn na aplicação desse conceito.

Ao propor a extroversão dos objetos da FEn a partir da musealização, buscamos apontar iniciativas que valorizem os objetos e a iniciativa de preservá-los, tomada pela unidade. Além disso, através da musealização é possível "promover ações de pesquisa e documentação voltadas à produção, registro e disseminação das informações a eles relacionadas, com vistas à transmissão a gerações futuras" (SANTOS e LOUREIRO, 2012, p. 51).

Sendo assim, para além de expor os objetos preservados, o processo de musealização se encerra ao propor a exibição de objetos com características de documentos históricos, ou seja, capazes de evocar em seu público alvo – alunos, professores e funcionários da FEn – o sentimento de pertencimento a esse grupo. A construção da memória e da identidade dessa unidade passa pela preservação de seus objetos, de tal forma, que ao concluir o processo iniciado através do desejo de comemoração, manifestado nos seus 30 anos de fundação, será possível, então, tratar os objetos enquanto coleção e como elementos sócio-transmissores desse grupo, uma vez que alcançarão o potencial para favorecerem as conexões referidas por Candau (2012).

Através da proposta desse modelo, buscamos contribuir de forma ampla com a extroversão dos objetos da FEn, seja buscando formas de recuperar as informações intrínsecas e extrínsecas a eles, seja através do conhecimento da história dessa Faculdade, e por consequência, da preservação desse material. Sendo assim, mais do que propor formas para a exposição dos objetos, se fez necessário desenvolver um plano mais complexo através de um sistema de documentação para esse material. Além disso, buscamos adequar todas as propostas à realidade da Faculdade de Enfermagem da UFPel.

Após refletir acerca da gestão de coleções, baseada no caso da FEn, e partindo do pressuposto de que outras unidades devam apresentar o mesmo desejo de memória que a unidade estudada, evidenciou-se a necessidade de abordar alguns dos conceitos que envolvem as redes de museus, de modo que seja possível tratar de uma gestão de coleções universitárias de forma integrada, ainda que esse não seja um dos objetivos principais dessa pesquisa.

Dessa forma, ao refletir acerca do conceito de Rede, cabe referenciar Carvalho (2008, p. 19), que considera

> [...] o trabalho coletivo acumulado torna-se cada vez mais importante que o trabalho individual e isolado, sob novas condições tecnológicas, organizacionais e econômicas. Redes de informação e de conhecimento formam uma nova estrutura de valores e características de relações de poder que compartilham dos mesmos códigos de construção da sociedade e geram uma rede de fluxos capazes de criar novos paradigmas de gestão mais dinâmico, flexíveis e descentralizados, há uma centralização do poder nos fluxos conectores que são os detentores do poder. As conexões entre as redes potencializam as mensagens que vão construir ou desconstruir a cultura das sociedades.

Assim, ao trazer essas questões para o universo dos museus, é possível perceber nas redes e nos sistemas de museus, maior coesão, e a formação de uma teia de integração, possibilitando uma “maior ação na preservação e difusão de seus acervos e um desenvolvimento institucional, motivo pelo qual a prática vem rendendo bons resultados” (SERRES, 2012, p. 151).

No caso das redes de museus universitários, citamos o exemplos da Rede de Museus e Espaço de Ciência e Cultura (RMECC), da Universidade Federal de Minas Gerais, fundada no ano 2000 com o intuito de viabilizar ações conjuntas entre os espaços que aderissem à RMECC. Trabalhar em Rede, na UFMG, foi uma alternativa para respeitar as características das unidades, assim a ideia não foi centralizar as ações, mas sim potencializar o trabalho e proporcionar ações integradoras, de tal modo que segundo Figueiredo, (2004, p. 1-2),

> [...] a ideia de organização em rede teve como pressuposto uma estrutura aberta, onde novos integrantes pudessem aderir às atividades propostas, bem como, caso sentissem necessidade, romper com o trabalho em rede e voltar a atuar de forma independente .

A Rede de Museus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REMAM) é um projeto coordenado pelo Museu da Universidade e pelo Curso de Graduação de Museologia, que tem o objetivo de conhecer os espaços museais desenvolvidos

pelas unidades acadêmicas, bem como perceber de que forma surgiram e de que maneira se mantêm. Além disso, busca conhecer a forma como ocorre a preservação e conservação dos acervos, além da pesquisa e comunicação museológica que adotam (CUTY, 2011).

Cabe ressaltar que, ainda que essa instituição não seja uma Rede, tal qual as outras duas apresentadas, o Núcleo da UFPel apresenta atividades correlatas, principalmente no que se relaciona à divulgação do acervo técnico-científico e cultural da Universidade. Possibilita-se, então, a ampliação da gestão dos objetos proposta, para a realidade da FEn para outras instituições com características similares.

Ao trazer esses exemplos, ainda que de forma panorâmica, pode-se notar que trabalham de formas diferentes. Apesar disso, constituem uma ferramenta de apoio entre os museus ou coleções universitárias: no caso da RMECC, mais atuante, porém voltada somente aos museus da universidade; a REMAM através de iniciativas de identificação de museus e coleções – visitáveis ou não – da universidade.

Conhecer o universo em que estão inseridos os museus universitários e as coleções de acervos ajuda no sentido de propor formas exequíveis de gestão para essas unidades.

Através desses dois exemplos, é possível compreender a gestão de coleções universitárias de maneira integrada. A exemplo da FEn, outras unidades que apresentem desejo de memória, mas não tenham em suas atividades cotidianas o objetivo de preservar seus objetos, poderiam através da institucionalização das redes de museus ou coleções, valorizar as iniciativas das unidades que já apresentam desejo de memória e favorece o surgimento de novas iniciativas como essa, proporcionando, portanto a construção de bases para a memória da ciência e da tecnologia.

Considerações Finais

Ao longo de três capítulos, essa dissertação buscou conhecer quais as formas utilizadas por um determinado grupo para a construção de sua memória e identidade. Ao estudar a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, logo se percebeu que essa construção se dá através das comemorações.

Entretanto, ao estudá-la de maneira mais profunda, percebemos que o desejo de memória está atrelado, também, ao ato de preservar seus objetos e documentos, para que sejam expostos ao público sempre que a unidade sinta essa necessidade.

Assim, ao refletir sobre as razões que levaram as professoras da Faculdade de Enfermagem da UFPel a preservar seus objetos, e o que as motivou a realizar suas comemorações, foi necessário recorrer às narrativas orais. Dessa forma, entrevistamos duas ex-professoras, representantes dos primeiros dois grupos que vieram a Pelotas fundar o que viria a se tornar a FEn. Através dos relatos dessas professoras, ficaram evidentes as dificuldades encontradas, seja por serem de fora do estado, seja por serem mulheres, seja porque algumas dessas mulheres são negras, ou porque representavam a profissionalização de um oficio exercido, até então, de forma amadora. Todas essas adversidades ajudam a compreender a vontade de valorização frente a sua unidade e mesmo perante a universidade.

O ato político da memória se mostra, na FEn, através do desejo de comemoração, como um elemento de resistência e de valorização de uma história de luta pela afirmação de uma nova profissão. Através desse entendimento, foi possível conhecer os objetos preservados pela unidade, com o intuito de propor formas para sua gestão e extroversão. Dessa maneira, foi preciso compreender, também, como as iniciativas de comemoração e preservação dos objetos é vista pelos professores e alunos da unidade, buscando perceber se há reverberação desse desejo entre esses dois grupos. Para tanto, propusemos aos professores um questionário contendo questões discursivas e aos alunos com questões objetivas.

Ao analisar as respostas percebemos que o potencial dos objetos encontra-se adormecido, já que sua valorização se dá prioritariamente através das comemorações, o que acaba limitando seu alcance em longo prazo.

Durante o desenvolvimento dessa dissertação buscamos determinar as diferenças entre FEn e a instituição museu. Ainda que esse não tenha sido um trabalho de museologia, se faz necessário ressaltar que

> [...] Perceber o Museu como fenômeno é percebê-lo livre e plural, podendo existir em qualquer espaço, em qualquer tempo. Inexiste, portanto, uma forma 'ideal' de Museu, que possa ser utilizada em diferentes realidades: o Museu toma a forma possível em cada sociedade, sob a influência dos seus valores e representações, intrinsecamente vinculado às diferentes expressões do real (passado, presente ou devir), do tempo (duração), da memória (processo) e do pensamento humano (Homem como produtor de sentidos). Como fenômeno, Museu está sempre em processo, revelando-se sob múltiplas e diferentes faces. E todas as formas conhecidas de Museu serão vistas como suportes, manifestações do fenômeno numa dada realidade (SCHEINER, p. 92-93).

Assim, seria possível transpor esse entendimento para o desejo de preservação manifestado pela FEn, seja através da comemoração, seja através da preservação de seus objetos. Ainda que não apresente o processo museológico representado pela aquisição, pesquisa e comunicação, na realidade da instituição é possível identificar o fenômeno museu através da representação que faz de sua história, principalmente mediada por seus objetos.

Dessa forma, propomos modelos de extroversão e gestão dos objetos preservados por essa unidade. Deve-se destacar que a proposição desse modelo ocorreu de modo que seja possível executá-lo pela FEn, a qual não apresenta em suas atividades fim características correlatas a preservação ou gestão de objetos. De tal modo, propomos um modelo simples de ser executado, através da construção de fichas catalográficas, para o controle dos objetos mantidos pela unidade, e a proposta de uma exposição de longa duração que valorize mais os objetos de caráter didático e científico.

Por fim, pensando em outras unidades que apresentem desejo de memória, trouxemos os exemplos das Redes de Museus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Rede de Museus de Minas Gerais, buscando uma gestão integrada e de maior acesso, tanto a outras unidades quanto ao público em geral.

Ao propor o modelo de gestão de coleções, nossa intenção é contribuir para a construção da memória e da identidade do grupo estudado. Os objetos preservados pela unidade podem caracterizar-se como os elementos

sóciotransmissores desse grupo, podendo favorecer as conexões para essa construção; entretanto, para que esse papel se cumpra, é preciso que haja a recuperação das informações intrínsecas e extrínsecas desse material, e que estas sejam transmitidas aos alunos e professores da Faculdade de Enfermagem através do canal de comunicação, aqui proposto através da exposição.

Referências Bibliográficas:

BALANDIER, George. **O Contorno: Poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAPTISTA, Suely de Souza; BARREITA, Ieda de Alencar. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. In. **Revista Brasileira de Enfermagem-REBEn**. p. 411-416. 206.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: 1988, Art. 216.

BRASIL. **Consolidação de Lei**. Decreto-lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

BRUNO, Maria Cristina. Estudos de Cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST, 2009.

BRUNO, Maria Cristina. Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. In: **Cadernos de Sócio Museologia**, Lisboa - Portugal, n. 25, 2006.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CANDAU, Joel. Bases Antropológicas e expressões mundanas na busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas v.1, n.1., 2010.

CANDAU, Joel. Shared memory, oudors and sociotransmitters or: ‘Save the intections!’. In. **Outlines – Critical Practice Studies**. n. 2, p. 29-42, 2012.

CARVALHO, Anna Paula de. **Ritual de Formatura da Escola de Enfermagem de Manaus**: Representações Objetais e significados para os egressos no período de 1955-2010. 2012. 85f. Dissertação (Mestrado Associado em Enfermagem) – Universidade Estadual do Amazonas e Universidade Federal do Pará. Manaus.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. In: **Revista Museu**. 2005. Disponível em < http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

COELHO, Ednéia de Almeida Cardoso. Gênero, Saúde e Enfermagem. In: **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**, n. 58, v. 3, p. 345-348, 2005.

COLACRAI, Pablo. Releyendo a Maurice Halbwachs: Uma revisión del concepto de memoria colectiva. In: **La trama de La Comunicacion**, v. 14. UNR Editora, 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Disponível em <http://fisio.icb.usp.br:4882/posgraduacao/bolsas/capesproex_bolsas/tabela_areas.html#grupo4> Acesso em: 16 de dezembro de 2014, às 14h49min.

CURY, Marília Xavier. Museu Filho de Orfeu, e musealização. In: **Museologia, Filosofia e Identidade na América e no Caribe.** VIII Encontro do ICOFOM LAM. Venezuela, 1999.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para museus. In: **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**. v. 12. p. 365-380. 2005.

CUTY, Jeniffer. Museu Universitário em rede: do ethos ao habitus de compartilhar conhecimento com a sociedade. In: **II Seminario de Investigación em Museología de lós Países de Lengua Portuguesa y Española**, 2010. Buenos Aires, Comité Internacional del ICOM para la Museología – ICOFOM, 2011, p. 221-229.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. In: **Revista Memória em Rede**. Pelotas – RS. v. 2, n.3, p. 27-46, 2010.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 16 de agosto de 2007. Disponível em http://srv-net.diariopopular.com.br/16_08_07/p0401.html. Acesso em novembro de 2015.

ESPÍRITO SANTO, Fátima Helena do; PORTO, Isaura Setenta. De Florence Nightingale às perspectivas atuais sobre o cuidado de enfermagem: a evolução de um saber/fazer. In: **Escola Anna Nery de Enfermagem**. p. 539-546. 2006

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. **IPHAN – Caderno de Ensaios nº 2**. Rio de Janeiro, p.65-74, 1994.

FIGUEIREDO, Mariangela Gonçalves; BAPTISTA, Suely de Souza. Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora – 1977-1979. In: **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**. n. 62, v. 4, p. 512-517, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura Material e Patrimônio Científico: Discussões Atuais. In: **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST, 2009.

GALLEGUILLOS, Tatiana B. G., OLIVEIRA, Maria A. de C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. In: **Revista da Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v. 35, n. 1, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 5. ed. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 60, p. 14-42, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias antropológicas e objetos matérias. In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, Editora Garamond Ltda., 2007.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta. O Patrimônio Científico do Brasil e de Portugal: uma introdução. **Coleções Científicas Luso-Brasileiras: Patrimônio a ser descoberto**. Rio de Janeiro, p. 7-14, 2010.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o Patrimônio da Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T. **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST, 2009.

GRANATO, Marcus; LOUVAIN, Pedro. Legislação de proteção ao patrimônio cultural de ciência e tecnologia: Análises e proposições. **IV Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**. Rio de Janeiro, Unirio |MAST, , v.2, p. 234-249, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Venezuela: Anthropos, 2004.

HENNING, Paula Corrêa. Profanando a Ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. **Currículo sem Fronteira**. v. 7, n. 2, p. 158-184, 2007.

HENRY, John. **A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1997.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan in: **Gestión del patrimônio cultural**. Barcelona: Editorial Ariel, 3ª ed., 2007.

IZQUIERDO, Ivan. Memória. In: **Estudos Avançados**. v. 3; n. 6, São Paulo, 1989.

JAPIASSU, Hilton. **A Revolução Científica Moderna**: De Galileu a Newton. São Paulo: Imago, 1997.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória. **Escritos**: revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, n. 1, p. 223, 2007.

LOPES, Lúcia Marlene Macário; SANTOS, Sandra Maria Pereira dos. Florence Nightingale – Apontamentos sobre a fundadora da enfermagem moderna. In: **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra - Portugal, v. III, n. 2, p. 181-189, 2010.

LOPES, Marta Julia Marques. **O Trabalho da Enfermeira: nem público nem privado, feminino doméstico e desvalorizado**. 1987. 158p. Dissertação (Mestrado em Sociologiada Sociedade Industrial) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Esboço acerca da documentação museológica. In: **MAST Colloquia vol. 10 – Documentação em Museus**. – Rio de Janeiro, MAST, p. 24-32, 2008.

LOURENÇO, Marta. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – Rio de Janeiro, Unirio |MAST, v.II, n.1, p.47-53, 2009.

MENDOZA, Celina A. Lértora. ¿Por que hacemos colecciones¿ In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 217-228, jan. jul., 2005.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Identidade Cultura e Arqueologia. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.20, p. 33-36, 1984.

MICHEL, John. Podemos falar de uma política do esquecimento? In: **Revista Memória em Rede**, v. 2, n. 3. Pelotas-RS, 2010.

MINAYO, Maria C. de S., SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? In: **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro: 9 (3), p. 239-262, jul./set. 1993.

MOTT, Maria Lúcia. Fiscalização e formação das parteiras em São Paulo. In: **Revista da Escola da Enfermagem USP**. São Paulo. n. 1, v. 35, p. 46-53, 2001.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; MOREIRA, Almerinda. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. In: **Enfermagem em Foco**, n.2, p. 68-72, 2011.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDADES PARA A EDUCAÇÃO A CULTURA E A CIÊNCIA. Disponível em http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/cultural-heritage/. Acesso em novembro de 2015.

PADILHA, Maria I. C. de S., MANCIA, Joel Rolin. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisando a história. In: **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**, n. 58, v. 6, p. 723-726, 2005.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolia: FCC, 2014

PEARCE, Susan. Museu: Instituição de Pesquisa. In: **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v.7, p. 12-21, 2005.

PEDRO, Maria Joana. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. In: **Topoi**. V. 12, .n. 22, p. 270-283, 2011.

POLLAK, Michael. Memoria e Identidad social In: **Memoria, Olvido Silencio: La producción social de identidades frente a situaciones limite**. La Plata – Buenos Aires: Ediciones Al Margen, 2006. p.33-52.

POMIAN, Krzysztof. – Coleção. in: **Enciclopédia Einaudi – Memória-História**. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo. v. 14, p. 25 - 40, 1997.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. **El Concepto de patrimonio cultural**. Universidad de Barcelona, Politica y Sociedad. P. 63-76. Madrid, 1998.

PRATS, Llorenç. **Concepto y gestión del patrimonio local**. Cuadernos de Antropología Social n. 21, p. 17-35, 2005.

RUEDA, Valéria M. da S., FREITAS, Aline de, VALLS, Valéria Martin. Memória Institucional: Revisão de literatura. In: **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2011.

SÁ, Celso Pereira de. A memória histórica numa perspectiva psicossocial. In.: **Morpheus – Revista Eletrônica de Ciências Humanas**. ano 09, n. 14. 2012.

SANTOS, Bianca Pozza; FERREIRA, Gabriella Bastos; SOARES, Marilu Correa; MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. Ensino de Enfermagem no Brasil: do advento Sistema Nightingale ao cenário científico. In: **História da Enfermagem Revista Eletrônica**. v. 5, n.2, p. 310-322. 2014.

SANTOS, Liliane Bispo dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemayer Matheus Loureiro. Musealização como estratégia de preservação. Estudo de Caso sobre um previsor de marés. In: **Revista Museologia e Patrimônio**. v. 5, n. 1. UNIRIO|MAST, Rio de Janeiro, 2012.

SERRES, Juliane Conceição Primon. As Redes de Museus: preservação e difusão do patrimônio cultural da Medicina no Brasil. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, V. 5, n. 1., p. 145-156. UNIRIO|MAST, Rio de Janeiro, 2012

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileia de História**. São Paulo, v. 22, n, 44, p. 425-438, 2002.

SOUZA, Afra Suelena; JARDIM, Vanda Maria da Rosa; COIMBRA, Valéria Cristina Cristello; KANTORSKI, Luciane Prado; OLIVEIRA, Maria Luiza Menna de; FRANZMANN, Uiasser Thomas; PINHEIRO, Guilherme Emanuel Weiss. O projeto político pedagógico do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. In: **Journal of Nursing Health**, Pelotas – RS, v.1, n.1 p. 164-176, 2011.

THOMAS, Julian. A materialidade e o social. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.3, p. 15-20, 1999.

UNESCO. **O Patrimônio**. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Acesso em 09 de dezembro de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Disponível em <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/objetivos>. Acesso em fevereiro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>. Acesso em 03 de mai. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em <http://wp.ufpel.edu.br/45anos/resenha/>. Acesso em 03 de mai. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em <http://www.cursosefaculdades.com.br/pos-graduacao-em-enfermagem-e-obstetricia-rio-grande-do-sul-pelotas-ufpel-FO-18572>. Acesso em 03 de maio de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/lancado-o-guia-de-museus-e-acervos-da-ufrgs>. Acesso em fevereiro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. <http://www.ufrgs.br/eenf/copy_of_a-escola/centro-de-memoria-1>. Acesso em 29 de novembro de 2015.

WILL, Leonard. Museum Objects as source of information. In: **ASLIB Managing Information**, v. 94, n. 1:1, 1994. p. 32-34.

VALENTE, Maria Esther Álvares; HANDFAS, Ethel Rosemberg. O Patrimônio científico e tecnológico brasileiro e a importância de políticas públicas para sua preservação. In: **Revista Ciências Estratégicas**. Medelin, Colômbia. v. 20, n. 28, p. 271-284, 2012.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação Museológica**: uma reflexão para o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 221p. Dissertação

(Mestrado em Ciência da Infromação). Universidade Estadual Paulista, Campus Marília.

YIN, Robert. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Método. São Paulo, 2001.

Entrevistas:

AZEVEDO, N. A**.** Entrevista concedida a autora através de meio digital (e-mail), em outubro de 2015.

BIELMANN, Valquíria. Entrevista concedida a autora no dia 24 de maio de 2016.

COIMBRA, V. C. C. Entrevista concedida a autora através de meio digital (e-mail), em outubro de 2015.

GONZALES, R. I. C. Entrevista concedida a autora através de meio digital (e-mail), em outubro de 2015.

KANTORSKI, L. P. Entrevista concedida a autora através de meio digital (e-mail), em outubro de 2015.

LUZ, Hildete Bahia da. Entrevista concedida a autora no dia 27 de maio de 2016.

SANTOS, Elodi. Histórico da Faculdade de Enfermagem, 2006.

SOARES, M. C. Entrevista concedida a autora através de meio digital (e-mail), em outubro de 2015.

Apêndice 1:

Nome: **Luciane Prado Kantorski**

Disciplina: **Unidade do Cuidado de Enfermagem VIII - GESTÃO, ATENÇÃO BÁSICA E SAÚDE MENTAL**

1 - Conhece a História da FEO? **Conheço uma parte desta história considerando que vim trabalhar na FEn em 1993.**

2 - Considera que antigos objetos podem ajudar na compreensão da história da enfermagem? **Certamente, a lâmpada, o simbolo, a bandeira são expressões muito claras disto para mim. Penso que toda vez que fizemos algum momento de retomar ojetos e expor eles, falamos mas desta história e aquela história oral que está a memória de muitos professores, egressos, sevidores pode ser partilhada.**

3 - Considera importante preservar a memória da FEO através de seus antigos objetos? **Muito importante, embora tenhamos enfrentado problemas de falta de espaço, pessoas e conhecimentos e habilidades para fazer isto.**

4 - Conheceu a sala que se destinava ao "Museu" da FEO? **Nós nunca tivemos uma sala ou um museu na Fen. O que tivemos é que na ocasião de comemoração dos 30 anos da enfermagem alguns professores, servidores e egressos trouxeram alguns objetos pessoais como convites de formatura, fotografias, uniformes e juntamente com objetos que tínhamos guardados na Faculdade e que expressam a memória da mesma foi montado numa sala de professores um espaço de exposição. Em outras ocasiões de comemoração isso também ocorreu nos corredores e em outros espaços. Mas não num espaço (sala) próprio para isto. O que pode ser organizado alternativamente foi o armário que fica no corredor e contém alguns objetos de memória.**

5 - Já trabalhou a história da enfermagem através dos antigos objetos? **Sim. Especialmente a lâmpada, a bandeira e alguns outros objetos do trabalho.**

6 - Considera importante para a formação acadêmica dos alunos que conheçam a história da enfermagem? **Fundamental. Muito do que somos hoje enquanto profissão está enraizado nesta história.**

Nome:**Roxana Isabel Cardozo Gonzales**

Disciplina: **Unidade do Cuidado VIII** - **Gestão, Atenção Básica e Saúde Mental**

1 - Conhece a História da FEO? **Sim, contudo apenas aspectos gerais da história.**

2 - Considera que antigos objetos podem ajudar na compreensão da história da enfermagem? **Sim, os objetos provocam naturalmente questionamentos quanto ao contexto histórico e político da evolução da enfermagem.**

3 - Considera importante preservar a memória da FEO através de seus antigos objetos? **Sim, são as evidências da enfermagem.**

4 - Conheceu a sala que se destinava ao "Museu" da FEO? **Não, apenas conheci a sala onde estavam resguardados os objetos após a mudança de local da Faculdade de Enfermagem. Sou professora da FEn há 6 anos.**

5 - Já trabalhou a história da enfermagem através dos antigos objetos? **Não**

6 - Considera importante para a formação acadêmica dos alunos que conheçam a história da enfermagem? **Sim, é essencial para a formação da identidade profissional do aluno. Ainda mais para a compreensão da contribuição e relevância da enfermagem na saúde da população e incentivar a continuidade da sua evolução por meio da prática contemporânea.**

Nome: **Valéria Cristina Christello Coimbra**

Disciplina: **Unidade do Cuidado de enfermagem VIII - Atenção Básica, Gestão e Saúde Mental (UCE VIII - Atenção básica, Gestão e Saúde Mental**

1 - Conhece a História da FEO? **Sim, desde que cheguei a universidade como aluna, a história da FEn sempre foi contada e recontada.**

2 - Considera que antigos objetos podem ajudar na compreensão da história da enfermagem? **Sim.**

3 - Considera importante preservar a memória da FEO através de seus antigos objetos? **Sim, pois os objetos contam a trajetória de utas e conquistas da Enfermagem na UFPel e Cidade de Pelotas.**

4 - Conheceu a sala que se destinava ao "Museu" da FEO? **Sim**

5 - Já trabalhou a história da enfermagem através dos antigos objetos? **Não**

6 - Considera importante para a formação acadêmica dos alunos que conheçam a história da enfermagem? **Sim, pois a história da FEn conta todo o processo do nosso reconhecimento e força da profissão.**

Nome: **Marilu Correa Soares**

Disciplina:
Unidade do Cuidado de Enfermagem VIII– Atenção Básica e Hospitalar na área Materno Infantil

1 - Conhece a História da FEO? **Sim**

2 - Considera que antigos objetos podem ajudar na compreensão da história da enfermagem? **Sim**

3 - Considera importante preservar a memória da FEO através de seus antigos objetos? **Sim**

4 - Conheceu a sala que se destinava ao "Museu" da FEO? **Sim e auxiliei na montagem do mesmo.**

5 - Já trabalhou a história da enfermagem através dos antigos objetos? **Sim, com textos e rituais que compõem a história da Enfermagem.**

6 - Considera importante para a formação acadêmica dos alunos que conheçam a história da enfermagem? **Sim, porque o conhecimento da história de nossa profissão possibilita avaliar o avanço do conhecimento, bem como refletir sobre as dificuldades enfrentadas no passado para valorização da Enfermagem e que muitas vezes,na atualidade ainda são vivenciadas.**

Nome: **Norlai Alves Azevedo**

Disciplina:
Unidade do Cuidado de Enfermagem VI – Gestão Adulto e Família

1 - Conhece a História da FEO? **Sim**

2 - Considera que antigos objetos podem ajudar na compreensão da história da enfermagem? **Sim**

3 - Considera importante preservar a memória da FEO através de seus antigos objetos? **Sim**

4 - Conheceu a sala que se destinava ao "Museu" da FEO? **Sim**

5 - Já trabalhou a história da enfermagem através dos antigos objetos? **Sim através da lâmpada que usamos nos rituais de formatura contamos a história da enfermeira Forence a precursora da enfermagem que usava a mesma para iluminar os ambientes de cuidados e o trajeto até chegar aos seus pacientes**

6 - Considera importante para a formação acadêmica dos alunos que conheçam a história da enfermagem? **Sim pois os futuros profissionais enfermeiros devem saber de onde se originou a nossa profissão e vão assim entender onde chegamos e o caminho que percorremos para formar esta identidade profissional, e isto passa pela história da enfermagem.**

Apêndice 2:

Questionário :

Graduação ☐ Especialização☐ Mestrado ☐ Doutorado ☐

Semestre:

1 - Já se interessou em conhecer sobre a história da enfermagem?

☐ Sim ☐ Não

2 - Considera importante conhecer a história da enfermagem?

☐ Sim ☐ Não

3- Você conhece a história da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel?

☐ Sim ☐ Não

4- Você sabia que o curso de Enfermagem e Obstetrícia foi fundado em 1976?

☐ Sim ☐ Não

5- Considera importante conhecer os objetos 'antigos' para a construção do conheci mento em enfermagem?

☐ Sim ☐ Não

6 - Você conhece o acervo de objetos antigos da FEO?

☐ Sim ☐ Não

7- Sabia que houve, em 2006, exposição em comemoração aos 30 anos da FEO?

☐ Sim ☐ Não

8 - Você já reparou o armário localizado no corredor ao lado da secretaria?

☐ Sim ☐ Não

9 - Considera que os objetos do armário ajudam a compreender a história da FEO?

☐ Sim ☐ Não

10- Na sua opinião, existe algum o objeto que seja mais representativo para a histór a daFEO?Porquê?_____

_____

_____

Anexo 1:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE ENTREVISTA

Eu_____autorizo o uso dessa entrevista/questionário e a publicação destes dados no trabalho de Dissertação de **Marina Duarte Gutierre** no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, incluindo a divulgação das informações prestadas em seminários, congressos acadêmicos e profissionais na área de museus, patrimônio cultural e conservação e restauro de bens culturais.

Porto Alegre____ ,_____ 2016.

_____

Nome e Assinatura do entrevistado

Anexo 2:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE ENTREVISTA

Eu_____autorizo o uso dessa entrevista/questionário e a publicação destes dados no trabalho de Dissertação de **Marina Duarte Gutierre** no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, incluindo a divulgação das informações prestadas em seminários, congressos acadêmicos e profissionais na área de museus, patrimônio cultural e conservação e restauro de bens culturais.

Porto Alegre____,_____,_____ 2016.

_____

Nome e Assinatura do entrevistado